

O TOCADOR DE CHARAMELA

|| ERASMO LINHARES ||



 Valer
EDITORA

 CULTURA

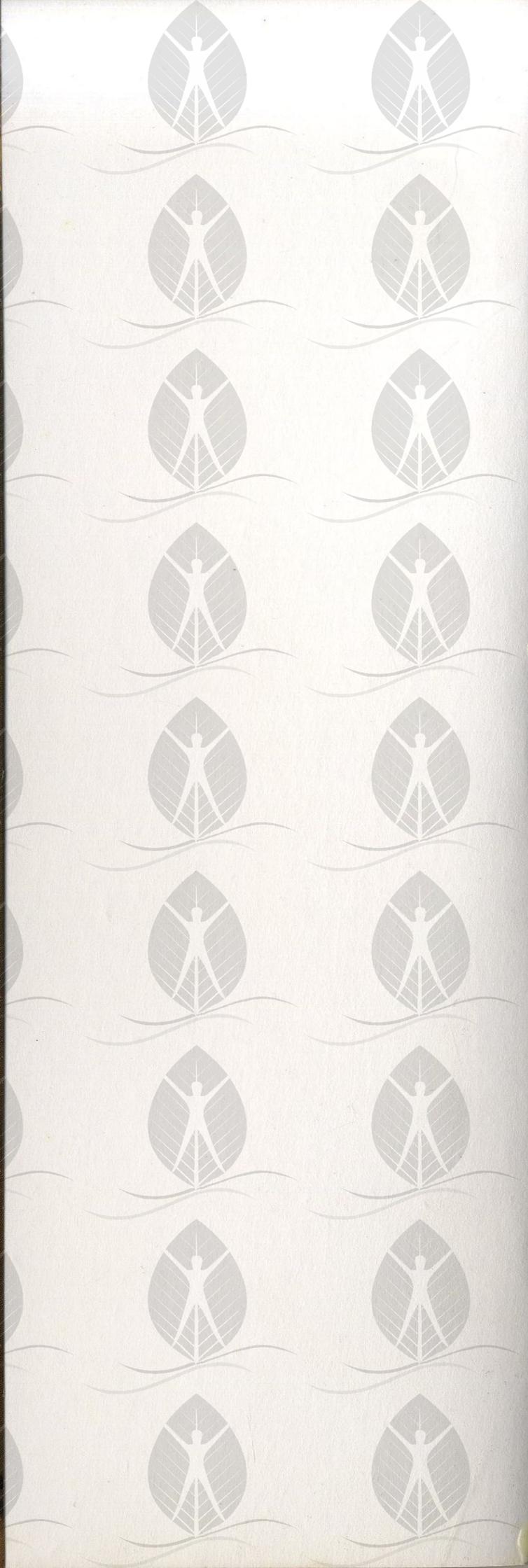
 EDUA



A obra de Linhares é um testemunho vívido dos dramas, das angústias e esperanças do ser humano. A temática recorrente em seus contos é a vida, o homem em face de seu destino, a precariedade do cotidiano, sua insignificância, a solidão, o sentido da liberdade, o mundo e seus mistérios. Seus textos se afirmam pelo conteúdo de humanidade que vibra em seu discurso ficcional.

A obra de Erasmo Linhares ocupa um espaço próprio no cenário da literatura que se produz no Amazonas. Sua produção surge à margem do movimento Madrugada, que nos anos 70 já dava sinais de esgotamento. Uma nova literatura se gestava, silenciosa e subterrânea. O *Tocador de charamela* é uma manifestação dessa busca. Essa nova literatura se constrói sob o signo da indignação, do inconformismo e da solidão. Emparedado por uma época hostil, privado da liberdade, o escritor se refugia na criação. A produção ficcional de Linhares foi maturada na solidão. Daí talvez uma certa melancolia que se desprende de boa parte de seus contos e certas lacunas de silêncio que vibram em algumas passagens de suas narrativas.

A produção contística amazonense se desenvolveu em duas vertentes: a tendência regional e a urbana. Embora





RESGATE

COORDENAÇÃO: TENÓRIO TELLES





Governador do Estado do Amazonas
Eduardo Braga

Vice-Governador
Omar Aziz

Secretário de Estado da Cultura
Robério dos Santos Pereira Braga

Secretária-Executiva
Delzinda Barcelos

Coordenador de Edições
Antonio Auzier

CO-EDIÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

Reitor
Hidembergue Ordozgoith da Frota

Editor
Renan Freitas Pinto

UNI-NORTE

Presidente
Waldery Areosa

Reitora
Maria Ercília Tribuzy

Esta obra foi realizada em co-edição pela Editora Valer,
Governador do Estado do Amazonas, Edua
e UniNorte, com o patrocínio da Fundação Rede
Amazônica e Rymo da Amazônia.



UniNorte
Centro Universitário do Norte



Rymo
IDMO DA AMAZÔNIA



O TOCADOR DE CHARAMELA

3ª edição

ERASMO LINHARES

**Valer**
EDITORA

**CULTURA**
Edições
Governo do Estado

**EDUA**

Copyright © (desta edição) Editora Valer, 2005

Editor | Isaac Maciel

Coordenação Editorial | Tenório Telles

Projeto Gráfico | Lo-Amami Santos e Wilson Prata

Revisão | Marcos Sena
Sergio Luiz Pereira

Fotos da capa e do miolo | Paulo Pereira
Edimar Barros
Sérgio Fonseca
Wilson Prata

Ficha Catalográfica | Ycaro Verçosa

L755t Linhares, Erasmo.

 O Tocador de charamela. / Erasmo Linhares. Organização: Tenório
 Telles. 3ª edição. – Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do
 Amazonas / Edua / UniNorte, 2005.

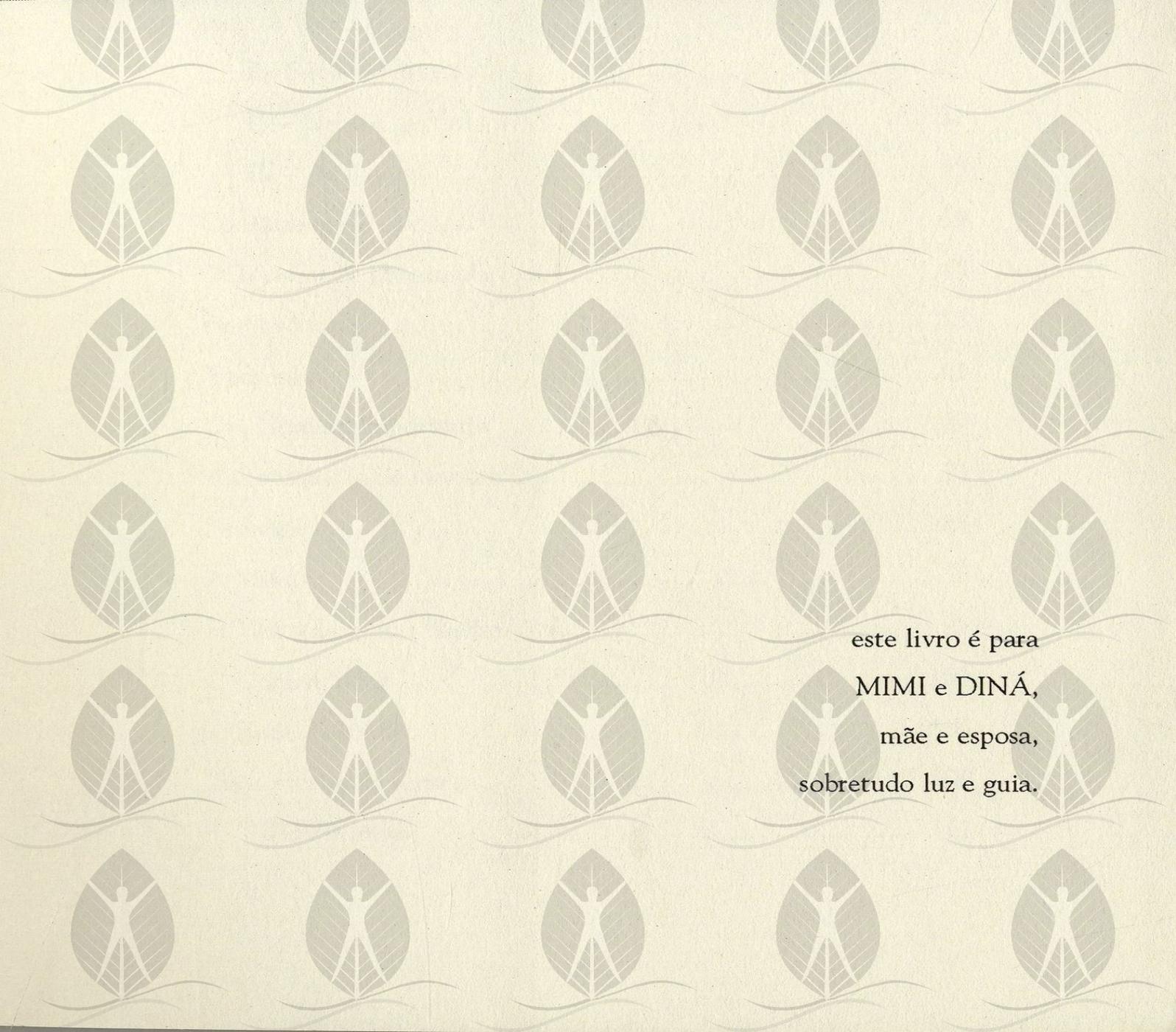
 144 p.

 ISBN 85-7512-159-6

1. Literatura brasileira (Amazonas) – Conto. I. Título.

CDU 82-34(811.3)

Editora Valer
Rua Ramos Ferreira, 1195
69010-120, Manaus-AM
Fone: (0xx92) 633-6565
E-mail: editora@valer.com.br
www.valer.com.br



este livro é para
MIMI e DINÁ,
mãe e esposa,
sobretudo luz e guia.

SUMÁRIO

Clube da Madrugada – 50 anos de História11

Apresentação13

O TOCADOR DE CHARAMELA

Nota do autor25

Jogo de dados27

I – Sena e duque29

II – Terno e quadra31

III – Ás e quina35

Os Pássaros de gelo39

O Tocador de charamela45

Doña Morales53

Tampinha61

Um Homem importante67

A Construção da montanha73

Arduene83

A Mura89

A Visita de primo Basílio93

O Comendador101

A Rede da solidão105

Três estórias da terra109

Tio Antunes111

Zeca-Dama117

João Carioca: mandão e famão – Juiz de Paz123

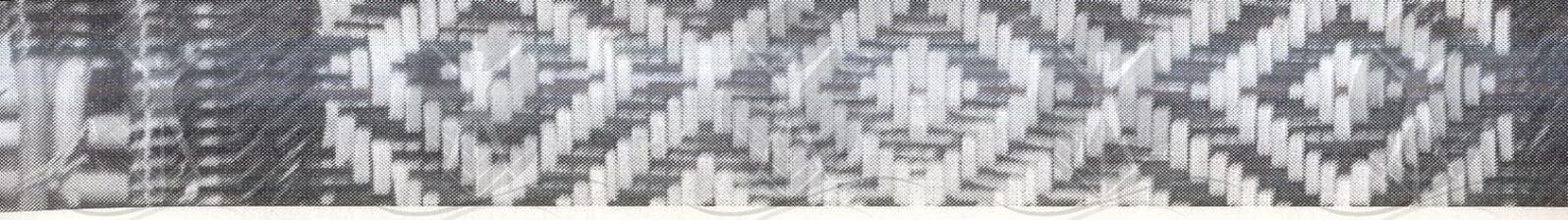
Erasmus Linhares – Vida e Literatura131





CLUBE DA MADRUGADA - 50 ANOS DE HISTÓRIA





CLUBE DA MADRUGADA – 50 ANOS DE HISTÓRIA

A literatura é um dos frutos da civilização. O escritor é o cronista do seu tempo, a quem cabe a tarefa de registrar, através de seus escritos, os anseios e inconstância da condição humana. Instrumento do criador, a linguagem nasceu do desejo de evocar o espanto e o fascínio do ser humano diante do mundo – sua magia, cores, formas e beleza.

O legado dos intelectuais e artistas que escreveram a História do Clube da Madrugada é uma evidência da missão que cabe aos criadores e dos compromissos que têm com a vida, com a arte e com a depuração espiritual do ser humano. O Clube nasceu da inquietação de seus jovens fundadores diante da realidade provinciana que os sufocava e do desejo de renovação da mentalidade cultural e transformação das condições de vida da sociedade.

Movidos por um forte anseio de liberdade, os artistas e intelectuais que lançaram as bases do movimento viviam uma ânsia de mudança na cultura e na vida. Objetivavam realizar uma arte identificada com a realidade regional, retratando os habitantes desse vasto mundo verde em suas medidas, desmistificando-os e enfocando-os de forma crítica.

Esse desejo de atualização cultural e renovação das artes se constituiu num dos objetivos fundamentais do Clube da Madrugada. O que ilustra sua importância e seu significado histórico como um movimento de ilimitada amplidão cultural, que objetivava a inserção do discurso artístico e do fazer literário amazonense no cenário do Modernismo brasileiro.

Influenciados pelo espírito que moveu os idealizadores da Semana de Arte Moderna, os clubistas desejavam o novo e um diálogo, sem mediação, com a vida, o que talvez explique o fato de

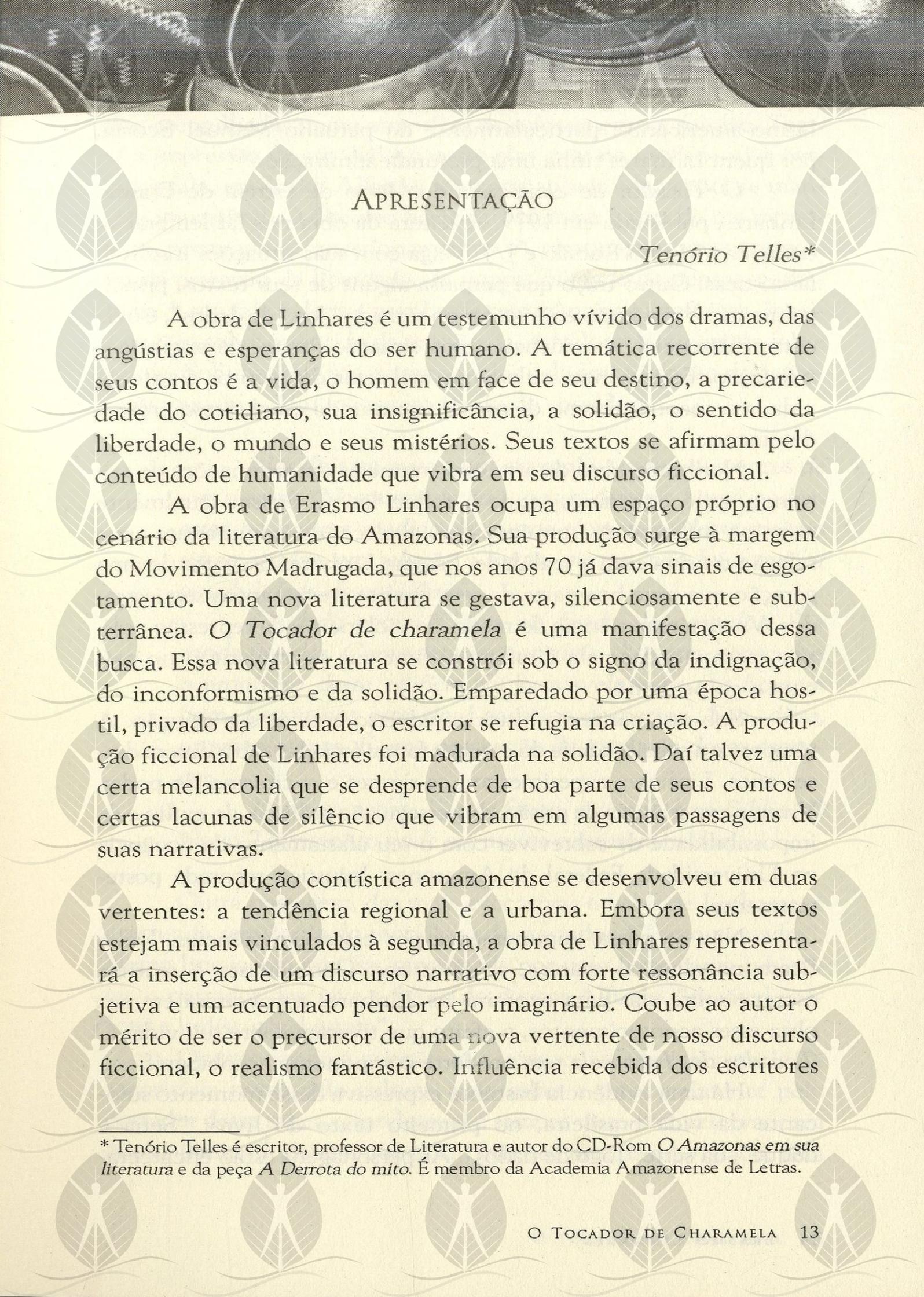
terem transformado a Praça Heliodoro Balbi no cenário de suas ações, tendo como ponto de encontro o Café do Pina, e o Mulateiro como porto e palco de eventos e celebrações culturais – símbolo do movimento Madrugada e metáfora do papel que a arte e os artistas têm a cumprir no mundo.

A verdade é que não fomos mais os mesmos depois do Clube, o movimento marcou definitivamente nosso modo de olhar e nos pensar diante da realidade. A vida cultural no Amazonas se fraturou em dois momentos: antes e depois do movimento Madrugada. Pelo seu alcance e conseqüências foi a experiência cultural mais significativa em termos artísticos da História do Amazonas. Ao mesmo tempo em que afirmou a possibilidade de consolidação de uma tradição do conhecimento e artística entre nós.

Este gesto editorial, traduzido na reedição das obras dos autores representativos do Clube da Madrugada, é um tributo que a Editora Valer e seus parceiros, em especial a Secretaria de Cultura, prestam à luta desses artistas que trabalharam pela reinvenção e renovação da nossa mentalidade artística, como também do modo de nos pensar no mundo. Objetiva resgatar e fixar essa memória, compartilhando-a com as novas gerações. É uma homenagem pelos 50 anos de História.

O impulso que nos move é o mesmo que motivou aqueles jovens a criar, na madrugada do dia 22 de novembro de 1954, o Clube da Madrugada, que se tornou dia e floresceu nas cores de seus pintores, na inquietude de seus intelectuais e nos versos de seus poetas. Fez-se. E suas obras ficam como testemunho de nossa sensibilidade e presença no mundo, do que poderíamos ter sido. É um tributo à ousadia desses artistas e um presente ao povo do Amazonas – especialmente aos que amam as palavras e a beleza.

Os Editores



APRESENTAÇÃO

Tenório Telles*

A obra de Linhares é um testemunho vívido dos dramas, das angústias e esperanças do ser humano. A temática recorrente de seus contos é a vida, o homem em face de seu destino, a precariedade do cotidiano, sua insignificância, a solidão, o sentido da liberdade, o mundo e seus mistérios. Seus textos se afirmam pelo conteúdo de humanidade que vibra em seu discurso ficcional.

A obra de Erasmo Linhares ocupa um espaço próprio no cenário da literatura do Amazonas. Sua produção surge à margem do Movimento Madrugada, que nos anos 70 já dava sinais de esgotamento. Uma nova literatura se gestava, silenciosamente e subterrânea. *O Tocador de charamela* é uma manifestação dessa busca. Essa nova literatura se constrói sob o signo da indignação, do inconformismo e da solidão. Emparedado por uma época hostil, privado da liberdade, o escritor se refugia na criação. A produção ficcional de Linhares foi maturada na solidão. Daí talvez uma certa melancolia que se desprende de boa parte de seus contos e certas lacunas de silêncio que vibram em algumas passagens de suas narrativas.

A produção contística amazonense se desenvolveu em duas vertentes: a tendência regional e a urbana. Embora seus textos estejam mais vinculados à segunda, a obra de Linhares representará a inserção de um discurso narrativo com forte ressonância subjetiva e um acentuado pendor pelo imaginário. Coube ao autor o mérito de ser o precursor de uma nova vertente de nosso discurso ficcional, o realismo fantástico. Influência recebida dos escritores

* Tenório Telles é escritor, professor de Literatura e autor do CD-Rom *O Amazonas em sua literatura* e da peça *A Derrota do mito*. É membro da Academia Amazonense de Letras.

latino-americanos, particularmente do peruano Manuel Scorza, por quem Linhares tinha uma profunda admiração.

O *Tocador de charamela* é o livro de estréia de Erasmo Linhares, publicado em 1979. A leitura da obra nos faz lembrar os contos de Murilo Rubião e J. J. Veiga com suas situações insólitas, fantásticas. Outro traço que perpassa alguns de seus textos, principalmente os que estão enfeixados na série do “Jogo de dados”, é o de corte existencial, a evidenciar uma situação-limite, de angústia e sufocação. Esses contos refletem o mal-estar do escritor diante da vida, seu inconformismo diante de um mundo cruel, mesquinho e desumano.

Nenhuma obra de arte está imune às determinações de seu tempo, pelo contrário, tende a refleti-las. O artista igualmente sofre os influxos de sua época, estabelecendo comumente uma relação tensiva com a realidade. Erasmo Linhares faz parte de uma geração que teve boa parte de seus sonhos e esperanças seqüestrados. Viveu a experiência do medo, da violência e da repressão política, patrocinadas pela ditadura militar que se implantou no país com o golpe de 64.

Sob esse contexto histórico adverso cresceu sua geração. A têmpera e a sensibilidade do escritor foram forjadas sob a dureza desses anos. Linhares experimentou os rigores e o cinismo do poder. Viveu a experiência da prisão, da perseguição política, do exílio e da impossibilidade de sobreviver com o seu afastamento da docência na Universidade Federal do Amazonas. Injustiça reparada posteriormente.

Não se passa impunemente por essas experiências. Delas ficam na alma as marcas, as cicatrizes. Comumente o escritor escreve sobre elas para exorcizá-las. Linhares aproveitará em sua obra esses acontecimentos, o efeito que tiveram sobre sua vida. O *Tocador de charamela* tem um forte componente autobiográfico.

Há uma evidência bastante expressiva desse momento sufocante da vida brasileira, no primeiro texto do livro: “Sena e duque”, da série “Jogo de dados”. As personagens estão encarcera-

das, mergulhadas numa atmosfera de sufocamento e solidão. Tem-se a impressão de um diálogo entre elas, mas na verdade só o narrador fala, enquanto Alfredo, seu companheiro de prisão, se mantém impassível. O discurso ficcional assume a forma de um monólogo, pontuado de questionamentos. A personagem vive a angústia da privação da liberdade, da impossibilidade de pensar, verbalizar. A sua fala é densa, preñe de ressonâncias metafísicas, interrogações sobre o sentido da existência, os valores e conceitos sobre a vida. Subitamente são surpreendidos pela aproximação do carcereiro, ouvem ruídos, passos no fundo do corredor:

Nós dois, se queres um exemplo, somos elementos de um sistema. Nossa condição e nosso destino breve podem estar na mesma medida de outros elementos desse mesmo sistema. Mas, em relação a tantos outros, não há a menor possibilidade de equilíbrio.

Cuidado agora. Passos no fundo do corredor. É a ronda das dez. Como sempre pontuais. Às vezes penso que o arquiteto deste edifício foi provavelmente um homem bom. Legou-nos este sinal acústico de perigo. Sim, disse, provavelmente. É uma precaução da qual não deves esquecer...

Deita-te agora. E, por favor, esconde essa Bíblia. O Novo Testamento pode ser muito comprometedor.

Outra passagem, das mais evocativas e belas de Linhares, é a segunda seqüência do monólogo do narrador, “Terno e quadra”. Numa linguagem precisa, tensionada por uma forte carga subjetiva, o narrador descreve a figura do doutor Alfredo, “notável zoólogo e indiscutível esteta”.

Questionando a aversão que uma sociedade embrutecida e autoritária nutre pela cultura, pelo saber e principalmente pelo portador desse saber, o intelectual é sempre visto com reserva, com desconfiança. É alguém que é útil, mas que precisa ser vigiado. Essa

sociedade, cínica e superficial, só tolera os tolos, ou como os nomeia Linhares, os “bodegueiros”. O bodegueiro é o ser alienado da província, alguém que não ousou ir além da exterioridade das coisas, os que não lograram ir além de uma bodega:

Cavalheiro, se o senhor é daqueles que marcam os dias com riscos na parede, demita-se. Neste gabinete que tenho a honra de compartilhar com o doutor Alfredo, não se admite ilusões... Aliás, procure aproveitar-se dele durante esta sua temporada de ócio compulsório. O que o senhor vê sobre o pescoço deste franzino jovem, não é uma cabeça, é um armazém – razão possível de seu martírio. Um homem assim, é sempre indesejável na comunidade dos que não lograram ir além de uma bodega.

A última parte da série de “Jogo de dados”, intitulada “Ás e quina”, é um painel evocativo do próprio sentido da existência. O narrador problematiza a condição humana em face de um mundo indiferente ao sofrimento, ao esmagamento da esperança. As duas personagens estão livres, inquietas diante do desafio do recomeço, da necessidade de reconstruir suas vidas. O narrador e o doutor Alfredo protagonizam um dos momentos mais bonitos e dramáticos do livro: o reencontro de dois prisioneiros com a liberdade, com a vida. Depois de terem os sonhos e ilusões subtraídos são lançados de volta ao mundo, barcos perdidos à procura de novas rotas.

É bastante expressiva a relação que o narrador faz entre suas vidas e os dois lados ímpares do dado: ás e quina. São símbolos de seus destinos. O narrador é “ás”, pois só dispõe de uma alternativa, voltar para sua vida comum, seu ofício de contorcionista da palavra, alusão à sua atividade de jornalista. Doutor Alfredo é quina, um ponto perdido na encruzilhada de quatro caminhos prováveis. Observe-se a densidade com que o narrador conclui seu monólogo:

Cá estamos, meu caro doutor Alfredo, atordoados com a luz. Pássaros cativos, atônitos com a súbita liberdade. Quê somos nós? Ou melhor, quem somos nós? Limões espremidos gomo por gomo e atirados ao lixo quando observaram que pouco restava a extrair. Agora temos de traçar nossos rumos... és um natural idealista e os idealistas sempre padecem mais com a morte das ilusões.

(...) Estamos aqui, eu e tu, nesta praça desnuda banhada por este sol atordoante. Ás e quina. O ás sou eu, porque disponho de uma alternativa possível. Tu és a quina: um ponto perdido na encruzilhada de quatro caminhos prováveis. Haverás de escolher um e tentar...

O *Tocador de charamela* não é mera reunião de contos. Possui uma arquitetura interior. Constitui um todo aparentemente desarticulado, mas orgânico, expressivo das diversas margens e estágios da vida. A primeira parte, "Jogo de dados", é a expressão da condição humana, os impasses do homem, emparedado por uma realidade cruel, esvaziada de sentido e absurda. É evocativa da dimensão transcendente do ser humano, suas inquietações existenciais, metafísicas.

A segunda, a parte interna, o miolo do livro, compõe-se de onze contos sobre casos fortuitos, ordinários e fantásticos, expressivos da riqueza e diversidade do dia-a-dia, evocações da vida prosaica. São flagrantes do cotidiano a evidenciar o absurdo e os sentidos da existência.

É um plano habitado por personagens díspares, transfiguração da vida. Ao nos aventurarmos pela geografia desse mundo criado pela ficção, é inevitável o fascínio pelos pássaros de gelo; o encontro com Zacarias, o tocador de charamela; o encantamento com a nobreza de Doña Morales; a compaixão pelas humilhações e sofrimentos vividos por Tampinha; o sentimento de solidariedade, a compreensão com Acácio, seu sonho de ser um homem importante; a ternura com os encantos de Arduene; a dor pelo

sofrer resignado da índia Mura à espera do filho que não voltará; o espanto com o fantasmagórico Primo Basílio; a repulsa pela vida criminosa e hipócrita do Comendador.

A última parte do livro, “Estórias da terra”, contos de ambientação regionalista, é simbólico do estágio primitivo de nosso processo histórico. Retrato da fase extrativista de nossa evolução social e cultural. A história que abre a série é “Tio Antunes”, que aborda o drama da solidão no interior da Amazônia. O sofrimento de tio Antunes, figura solitária a remoer as lembranças, a recordação da mulher que um dia teria amado. O conto “Zeca-Dama” é a descrição do êxodo, a chegada dos retirantes nordestinos à região. Seus sonhos e ilusões, as tragédias experimentadas num mundo desconhecido, ao qual terão que se adaptar a duras penas. A narrativa tematiza, além do sofrimento dos seringueiros, suas alegrias, as festas, em que os homens, por faltar mulher, dançavam com homens, daí, como esclarece o narrador, surgindo a fama e o nome da personagem – Zeca-Dama:

Não, não ria, homens fazer vez de dama não é coisa pra qualquer um.

Não, senhor, desarme essa cara de malícia... Sou macho e muito macho...

Mas lhe digo que já fui dama afamada... Quando cheguei nas brenhas do Ipixuna, mulher que é bom não havia. Tudo era homem, só homem. A maioria cearense como eu e como eu vieram na ilusão de enricar com a borracha...

O último conto da série é a saga do coronel “João Carioca: mandão e famão Juiz de Paz”. A personagem simboliza o reinado dos coronéis nos seringais, o poder e a lei. Tamanha era a sua influência que foi feito Juiz de Paz, mandando e desmandando desde Eirunepé até Cruzeiro.

O Tocador de charamela é uma obra preñe de ressonâncias humanas, caleidoscópio de acontecimentos, cenas esmaecidas

do cotidiano, existências estioladas pela insignificância. A segunda parte do livro é expressiva desse mundo arruinado, de vidas flu tuantes, tragadas pelo absurdo, perpassado de ocorrências insólitas, fantásticas.

Erasmu Linhares é um observador atento dos dramas que envolvem o cotidiano dos indivíduos, de onde retira os temas e motivos que usa na urdidura de suas narrativas. A degradação humana vivida por Zacarias, no conto “O Tocador de charamela”, que afunda no álcool e na ociosidade, arruinando sua vida e de sua família. Ao perceber que ganhava mais dinheiro tocando charamela todas as noites nos fundos da Matriz, abandona a repartição pública onde trabalhava como auxiliar de portaria. “Em cinco meses de ofício conhecia toda a malandragem da zona, as manhas e venetas de prostitutas e viados, fez-se amigo de todos os mendigos...”

Não escaparam ao narrador os conflitos familiares, as incompreensões, o relacionamento, quase sempre, tenso entre os pais e os filhos, como se verifica em “Tampinha”, história de uma criança maltratada pelo pai que não se conformava com o seu tamanho: “Este tampinha não é meu filho, um homem como eu não pode fazer um tamborete de merda como este”.

No conto “Um homem importante”, o narrador problematiza a insignificância da vida familiar do funcionário público Acácio e sua mulher Marieta, escrava dos afazeres domésticos que, em meio a lamentos, se sentia lisonjeada com a idéia de possuir um marido importante e respeitado. Mas Acácio era um modesto arquivista da Coletoria de Rendas. Sua maior conquista foi ter conseguido sua promoção por interferência do deputado Dr. Fulgêncio do Valle e Silva, seu primo em terceiro grau. E assim a personagem, sem deixar de ser arquivista, passa da letra C, para a letra L:

– Acácio, você vai ser arquivista padrão “L”. “L”,
Acácio.

A alegria durou pouco. Saiu cedo, com seu terno bem passado, para a posse na Secretaria do Interior. Horas mais tarde, telefone na padaria:

Dona Marieta, telefone pra senhora.

(...)

– Aqui é da polícia.

– Polícia? Que foi que eu fiz?

– A senhora não fez nada, o seu marido é que morreu no desastre de bonde da rua Tamandaré...

Um traço importante do discurso ficcional de Linhares é o pendor pela descrição de cenas insólitas, acontecimentos inverossímeis, evocativos do absurdo da existência. O escritor opta pelo fantástico. No conto “A Construção da montanha”, o narrador esboça o retrato de uma família arruinada financeiramente, mas que resiste à pobreza, usando de todos os artifícios para manter as aparências, para chamar a atenção dos vizinhos, o que consegue quando o pai tem a idéia absurda de construir uma montanha no quintal:

Mamãe prontamente declarou a idéia maravilhosa. Neste lugar não havia sequer um ínfimo outeiro num raio de mil quilômetros e ter uma bela montanha no quintal seria a glorificação para mamãe e minha irmã, sempre empenhadas em porfiar com as damas e senhorinhas desta comunidade, em tudo que seja, como elas dizem, finesse.

O texto mais inquietante e insólito do livro é “Os Pássaros de gelo”, descrição de um pesadelo em que o narrador tem o seu corpo atacado por estranhas aves, feitas de gelo. A narrativa tem um profundo conteúdo metafísico, relato de uma experiência transcendental do narrador. Possui um caráter autobiográfico, rela-

to de sua cura e restabelecimento de uma enfermidade que o acometeu. É uma história fantástica, preñe de sentidos, simbólica:

Os pássaros de gelo adejavam por todo o deserto, em volta de mim, e manearam estranhos objetos, tateando-os com suas garras... Então percebi que os pássaros de gelo não me matariam, mas iam desvendar-me por inteiro.

(...)

Sei agora que esses monstruosos pássaros de gelo não pretendiam sacrificar-me. Sinto, porém, que já não sou o mesmo... Agora estou certo de que já não sou um homem integral. Romperam-me o corpo e me desnudaram a alma. Mas isso, talvez, me faça mais semelhante a todas essas pessoas com quem sempre convivi, sem percebê-las.

A leitura dos contos de Linhares é uma revelação. Painel evocativo dos impasses, angústias e limites do humano diante de um mundo que abdicou da esperança, da poesia. O escritor faz a crônica dos pequenos dramas do cotidiano, de vidas estioladas sob o peso da miséria e da violência, devorados pelo egoísmo. Amesquinhado.

Erasmus Linhares é um escritor que sobreviveu ao absurdo, à mentira. A dignidade foi o porto que o salvou do naufrágio. É um daqueles homens de quem a vida muito exigiu. Mas a providência é generosa. As decepções não foram suficientes para fazer arrefecer sua ternura e humanidade



O TOCADOR DE CHARAMELA





CHARAMELA – Do lat. “calamellus”, do fr. ant. “chalamelle” – atualmente “chalameau”. S.f. I. Antigo instrumento de sopro, feito de cana, dotado de uma palheta metida em cápsula ou barrilete, onde se soprava com força, como nas buzinas (o ar fazia vibrar a palheta simples depois de percorrer um tubo cilíndrico, posto acima do corpo sonoro do instrumento); da família das flautas e de timbre estridente e áspero; precursor do oboé e da clarineta – havia charamelas de três dimensões: bastarda, média e charamelinha. II. Registro dos órgãos antigos, com tubo de estanho. III. Registro grave da clarineta. IV. Registro do órgão de timbre suave e que imita os instrumentos pastoris. V. Um dos tubos da gaita de fole. VI. Banda de música composta geralmente de instrumentos de sopro. VII. O mesmo que charanga (orquestra mais ou menos desafinada).

É neste último sentido o título do livro.

O Autor

JOGO DE DADOS



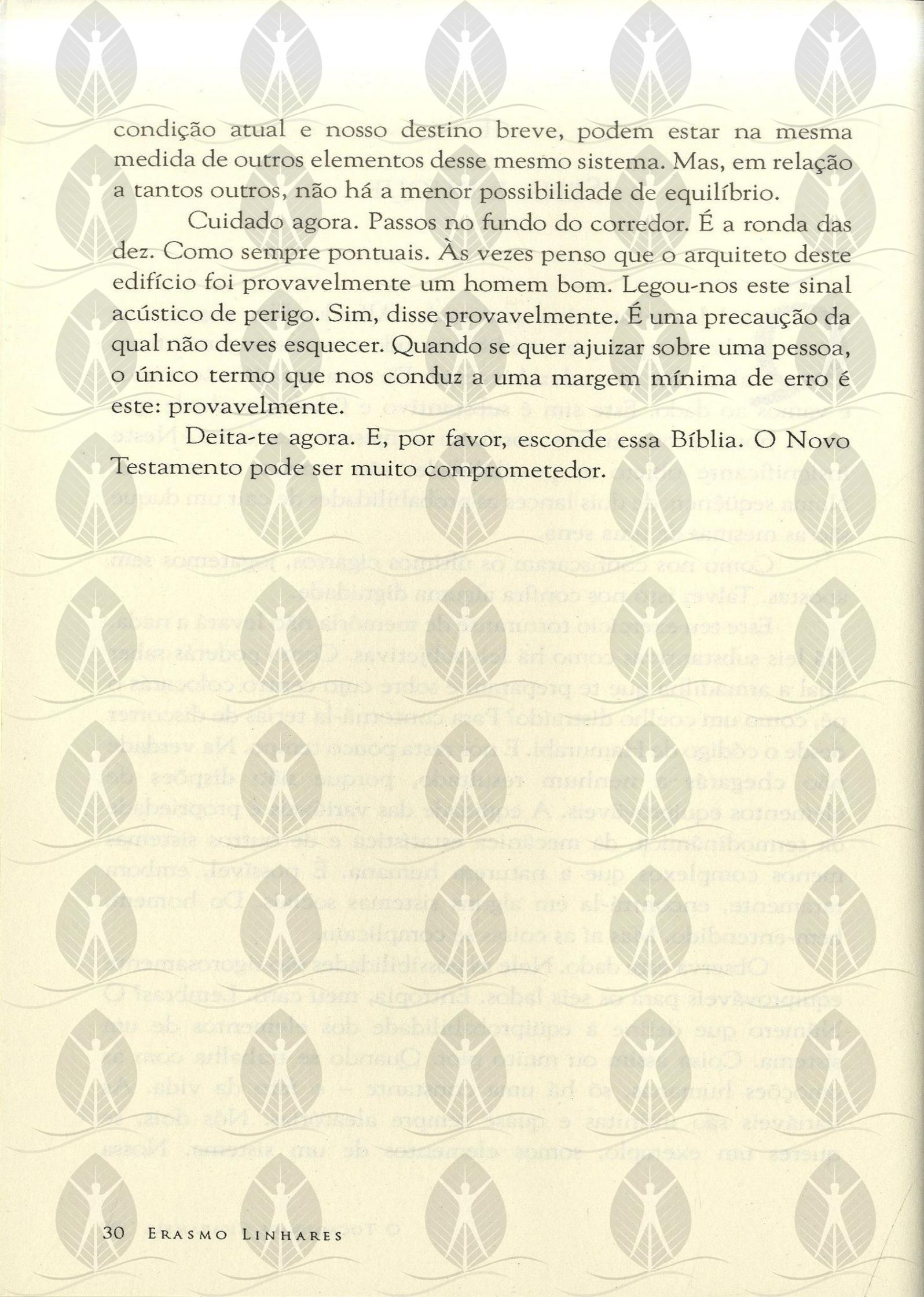
SENA E DUQUE

Qual lei substantiva qual nada, Alfredo. Eles pegam um adjetivo qualquer, modificam tudo e os teus argumentos e alegações são reduzidos a zero. De uma vez, pára com isso, e vamos ao dado. Este sim é substantivo e fidedigno, desde que ainda novo e os vértices confirmam a mesma curvatura. Neste insignificante objeto as possibilidades são sempre as mesmas. Numa seqüência de dois lances as probabilidades de cair um duque são as mesmas de uma sena.

Como nos confiscaram os últimos cigarros, jogaremos sem apostas. Talvez isto nos confira alguma dignidade.

Este teu exercício torturante de memória não levará a nada. Há leis substantivas como há leis subjetivas. Como poderás saber qual a armadilha que te preparam e sobre cujo centro colocarás o pé, como um coelho distraído? Para contorná-la terias de discorrer desde o código de Hamurabi. E nos resta pouco tempo. Na verdade não chegarás a nenhum resultado, porque não dispões de elementos equiprováveis. A equidade das variáveis é propriedade da termodinâmica, da mecânica estatística e de outros sistemas menos complexos que a natureza humana. É possível, embora raramente, encontrá-la em alguns sistemas sociais. Do homem, bem-entendido. Mas aí as coisas se complicam.

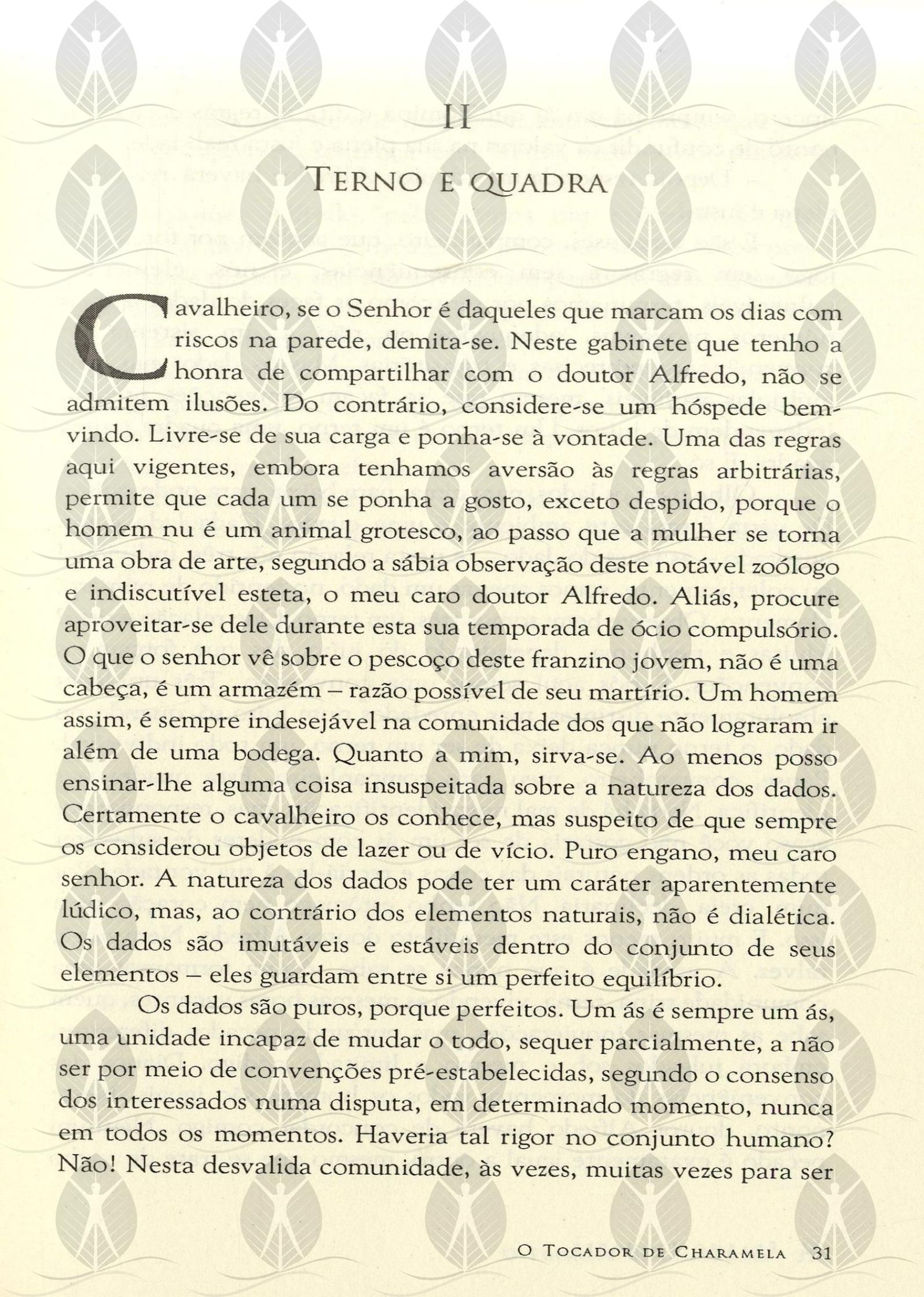
Observa este dado. Nele as possibilidades são rigorosamente equiprováveis para os seis lados. Entropia, meu caro. Lembras? O Número que define a equiprobabilidade dos elementos de um sistema. Coisa assim ou muito pior. Quando se trabalha com as emoções humanas, só há uma constante – o fato da vida. As variáveis são infinitas e quase sempre aleatórias. Nós dois, se queres um exemplo, somos elementos de um sistema. Nossa



condição atual e nosso destino breve, podem estar na mesma medida de outros elementos desse mesmo sistema. Mas, em relação a tantos outros, não há a menor possibilidade de equilíbrio.

Cuidado agora. Passos no fundo do corredor. É a ronda das dez. Como sempre pontuais. Às vezes penso que o arquiteto deste edifício foi provavelmente um homem bom. Legou-nos este sinal acústico de perigo. Sim, disse provavelmente. É uma precaução da qual não deves esquecer. Quando se quer ajuizar sobre uma pessoa, o único termo que nos conduz a uma margem mínima de erro é este: provavelmente.

Deita-te agora. E, por favor, esconde essa Bíblia. O Novo Testamento pode ser muito comprometedor.



II

TERNO E QUADRA

Cavalheiro, se o Senhor é daqueles que marcam os dias com riscos na parede, demita-se. Neste gabinete que tenho a honra de compartilhar com o doutor Alfredo, não se admitem ilusões. Do contrário, considere-se um hóspede bem-vindo. Livre-se de sua carga e ponha-se à vontade. Uma das regras aqui vigentes, embora tenhamos aversão às regras arbitrárias, permite que cada um se ponha a gosto, exceto despido, porque o homem nu é um animal grotesco, ao passo que a mulher se torna uma obra de arte, segundo a sábia observação deste notável zoólogo e indiscutível esteta, o meu caro doutor Alfredo. Aliás, procure aproveitar-se dele durante esta sua temporada de ócio compulsório. O que o senhor vê sobre o pescoço deste franzino jovem, não é uma cabeça, é um armazém – razão possível de seu martírio. Um homem assim, é sempre indesejável na comunidade dos que não lograram ir além de uma bodega. Quanto a mim, sirva-se. Ao menos posso ensinar-lhe alguma coisa insuspeitada sobre a natureza dos dados. Certamente o cavalheiro os conhece, mas suspeito de que sempre os considerou objetos de lazer ou de vício. Puro engano, meu caro senhor. A natureza dos dados pode ter um caráter aparentemente lúdico, mas, ao contrário dos elementos naturais, não é dialética. Os dados são imutáveis e estáveis dentro do conjunto de seus elementos – eles guardam entre si um perfeito equilíbrio.

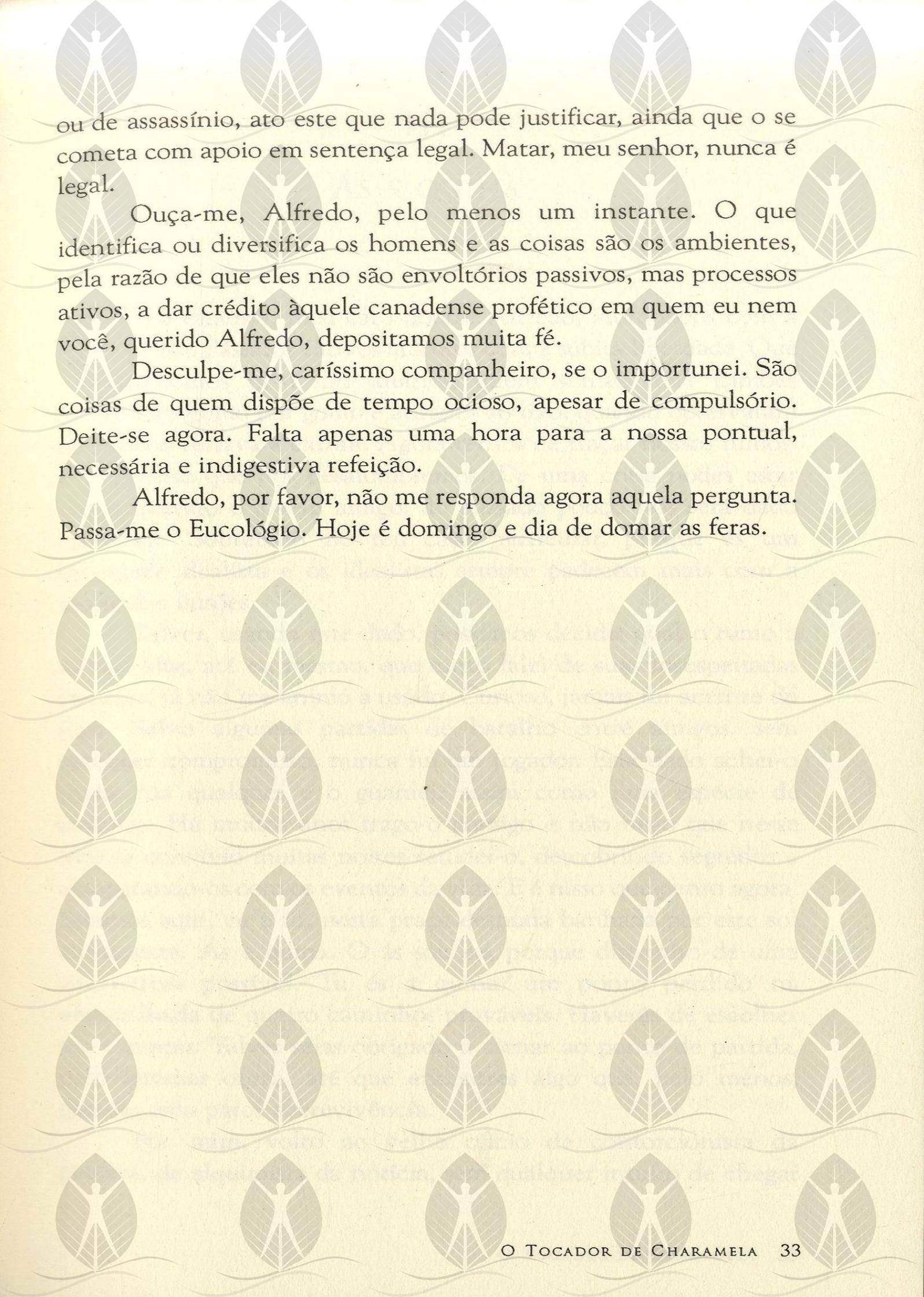
Os dados são puros, porque perfeitos. Um ás é sempre um ás, uma unidade incapaz de mudar o todo, sequer parcialmente, a não ser por meio de convenções pré-estabelecidas, segundo o consenso dos interessados numa disputa, em determinado momento, nunca em todos os momentos. Haveria tal rigor no conjunto humano? Não! Nesta desvalida comunidade, às vezes, muitas vezes para ser

sincero, sempre há um ás que domina e dita as regras do jogo, a ponto de confundir os valores na sua plena e justa realidade.

– Depois responda-me, doutor Alfredo, haverá realidade plena e justa?

E são estes ases, companheiro, que acabam por forçar um jogo sem regras e sem conseqüências, e nós, elementos vulneráveis, terminamos por ser, como as faces do dado, apenas números prováveis, adequados ou não a um sistema de conveniências imprecisas e transitórias. Mas os dados nas suas múltiplas variáveis, mesmo que se façam convenções prévias, independem de juízos. Um terno é um terno, uma quadra é uma quadra. E só.

Olhe para os lados, para cima, para baixo, para onde quiser. De certa forma este ambiente é uma quadra. Cada lado é um quadrado – as faces do dado –, e nesta relação nós três, individual ou coletivamente, somos apenas um dado, no sentido de número, elemento. Observe bem: somos três, um terno. Que relação existe? Muitas e nenhuma, dependendo do juízo dos que forçam as convenções. E nós aqui somos uma convenção. Três unidades absolutamente distintas, mas enredados num juízo só, quando no dado, o terno nunca deixa de ser um terno, um todo indivisível. Pense, companheiro, meu caro companheiro. Esta quadra nos identifica. Nada há de mal nesta identificação, mas, responda: por acaso você não gostaria de ser um ás com poderes de subverter todas as ordens naturais das coisas e recriá-las à sua vontade? Por mim, creia, declinaria. Não tenho estômago nem coração para isso. E muito menos este meu diletto doutor Alfredo. Nem você, talvez. A verdade é que nunca se sabe. Agora formamos uma comunidade trina, terna, vivendo as mesmas horas vacantes, quem sabe as mesmas inquietações, mas purgando pecados diferentes, embora julgados sob o mesmo e limitado código. Diante das conveniências do momento, todos os homens são iguais. Neste ponto, doutor Alfredo haverá de concordar comigo. Nenhum pecado é exatamente igual a outro, mesmo que se trate de roubo



ou de assassinio, ato este que nada pode justificar, ainda que o se cometa com apoio em sentença legal. Matar, meu senhor, nunca é legal.

Ouçá-me, Alfredo, pelo menos um instante. O que identifica ou diversifica os homens e as coisas são os ambientes, pela razão de que eles não são envoltórios passivos, mas processos ativos, a dar crédito àquele canadense profético em quem eu nem você, querido Alfredo, depositamos muita fé.

Desculpe-me, caríssimo companheiro, se o importunei. São coisas de quem dispõe de tempo ocioso, apesar de compulsório. Deite-se agora. Falta apenas uma hora para a nossa pontual, necessária e indigestiva refeição.

Alfredo, por favor, não me responda agora aquela pergunta. Passa-me o Eucolégio. Hoje é domingo e dia de domar as feras.

III

ÁS E QUINA

Cá estamos, meu caro doutor Alfredo, atordoados com a luz. Pássaros cativos atônitos com a súbita liberdade. Quê somos nós? Ou melhor, quem somos nós? Limões espremidos gomo por gomo e atirados ao lixo, quando observaram que pouco restava a extrair. Agora temos de traçar nossos rumos. É imperioso que nos desalumbremos. De uma coisa podes estar certo, querido e jovem amigo: do passado pouco nos será dado reassumir. Sobretudo no teu caso particular, porque és um incurável idealista e os idealistas sempre padecem mais com a morte das ilusões.

Talvez, usando este dado, possamos decidir qual o rumo a tomar. Mas, até eu mesmo, que tanto falei de suas insuspeitadas virtudes, já não me animo a usá-lo. Curioso, jamais fui amante do jogo. Salvo algumas partidas de baralho entre amigos, sem qualquer compromisso, nunca fui um jogador. Este dado achei-o numa rua qualquer e o guardei, assim como uma espécie de amuleto. Há muitos anos trago-o comigo e não nego que nesse íntimo convívio muitas noites estudei-o, descobrindo segredos e comparando-os com os eventos da vida. E é nisso que penso agora. Estamos aqui, eu e tu, nesta praça desnuda banhada por este sol atordoante. Ás e quina. O ás sou eu, porque disponho de uma alternativa possível. Tu és a quina: um ponto perdido na encruzilhada de quatro caminhos prováveis. Haverás de escolher um e tentar. Talvez sejas obrigado a tornar ao ponto de partida, para retomar outro, até que encontres algo que, pelo menos, garanta uma parca sobrevivência.

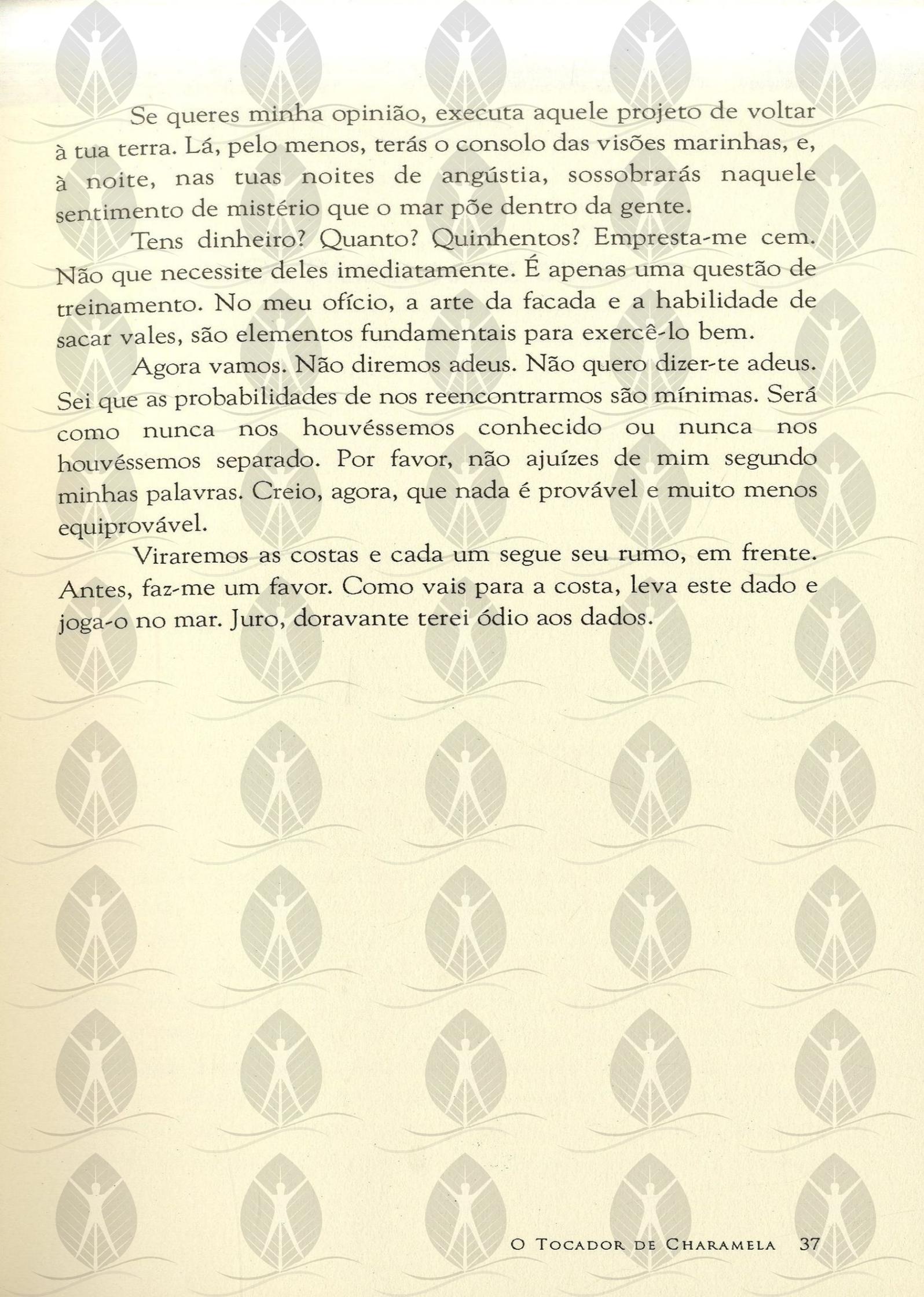
Por mim, volto ao velho ofício de contorcionista da palavra, de alquimista da notícia, sem qualquer intuito de chegar

à pedra filosofal. É um ofício simples, para quem é capaz de amoldar-se às suas exigências, seja por canalhice ou por absoluta necessidade de comer. É simples, meu caro Alfredo. Pega-se um fato qualquer, dá-se-lhe o sentido compatível com as engrenagens da máquina para a qual se trabalha, adequa-se-lhe ao clima ambiente e, depois, a gente o ouvirá, sem qualquer ressentimento, eventualmente com outro sentido, na voz pernóstica de um cretino que as massas adoram e diante de cuja imagem colorida e empoada, as mulheres se bestificam e mesmo algumas mais pudicas e recatadas, não resistem a um breve e sutil bater de coxas.

Claro que não concordas comigo. És feito de outro material. Mas, mesmo assim, se, como eu, desde muito jovem te houvessem iniciado nesse monstruoso ofício, teu espírito não seria assim tão puramente reluzente. Bem que eu poderia arranjar um lugar de tocador de bongô numa orquestra mexicana qualquer. Mas, não tenhas dúvida, volto ao velho ofício. É o que sei fazer e o único que me permitirão exercer, embora sob controle.

Interessante, deram-nos cigarros à saída. Uma forma, quem sabe, de nos confortar. E, pela rotina do confisco, nos haviam obrigado a abandonar esse pernicioso hábito. Por mim, não creio que resista muito tempo. Comigo sempre foi assim. Por maior que seja o jejum, sempre acabo voltando ao costume. Lembro, a propósito, de um amigo que me dizia que o esforço de um viciado para largar o vício é semelhante à ação de um carneiro – quanto mais espaço recua, maior é a marrada.

Quanto a ti, meu caro e pobre amigo, temo pelo teu futuro, com toda sinceridade. Tua cátedra, agora, é este banco duro desta praça nua. Naquela que seria tua, por direito, estão espojados os bodegueiros, alimentando novas gerações de bodeguistas, numa regressão que, um dia, chegará ao nível de nossos sapatos. E tu, que atulhaste o armazém que carregas sobre os ombros, és agora um deserddado. O sacrifício nunca vale a pena, meu querido Alfredo. Quando se trabalha com as emoções humanas... Lembras? Não, não repetirei. Não quero aumentar o teu suplício.



Se queres minha opinião, executa aquele projeto de voltar à tua terra. Lá, pelo menos, terás o consolo das visões marinhas, e, à noite, nas tuas noites de angústia, sossobrarás naquele sentimento de mistério que o mar põe dentro da gente.

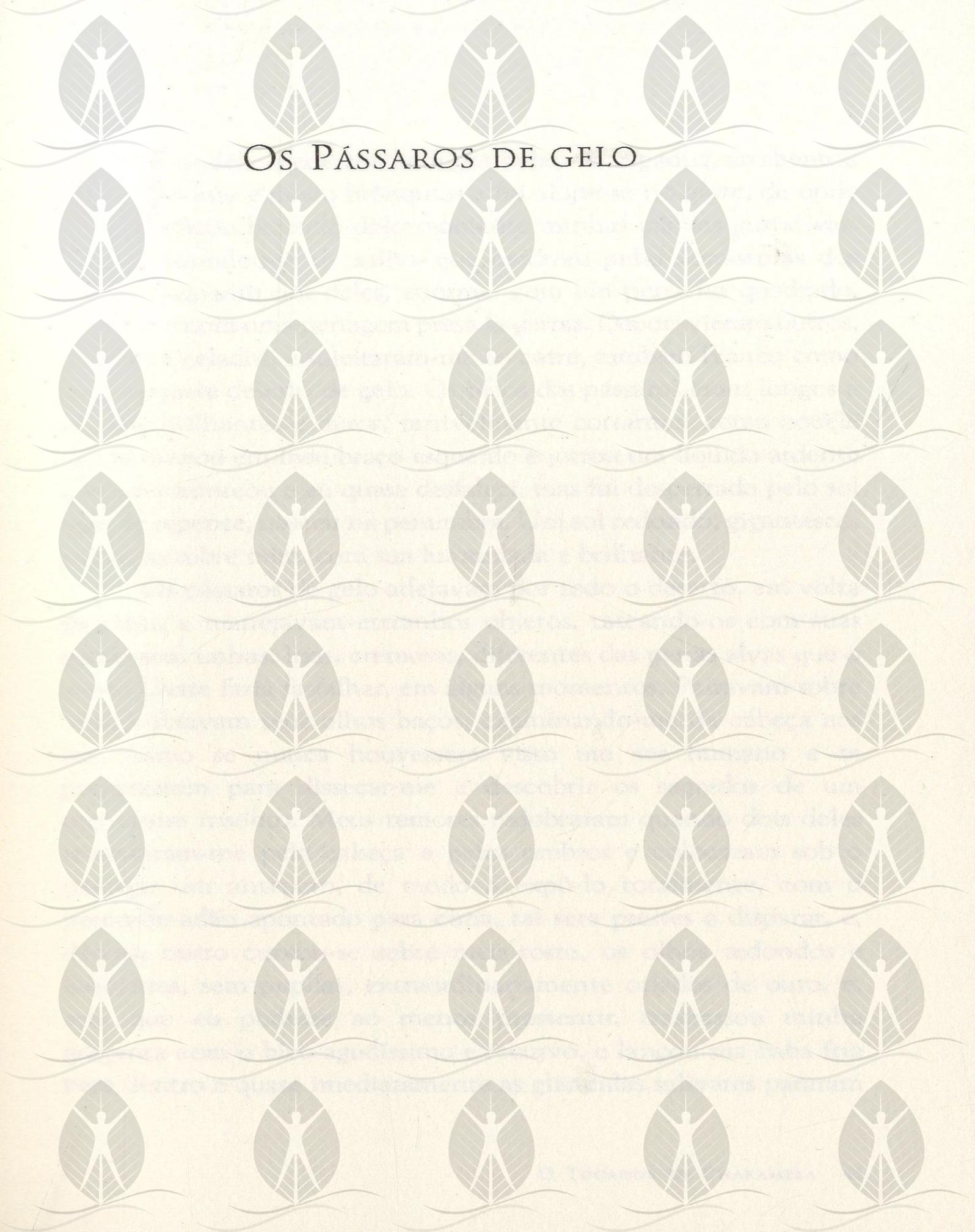
Tens dinheiro? Quanto? Quinhentos? Empréstame cem. Não que necessite deles imediatamente. É apenas uma questão de treinamento. No meu ofício, a arte da facada e a habilidade de sacar vales, são elementos fundamentais para exercê-lo bem.

Agora vamos. Não diremos adeus. Não quero dizer-te adeus. Sei que as probabilidades de nos reencontrarmos são mínimas. Será como nunca nos houvéssemos conhecido ou nunca nos houvéssemos separado. Por favor, não ajuízes de mim segundo minhas palavras. Creio, agora, que nada é provável e muito menos equiprovável.

Viraremos as costas e cada um segue seu rumo, em frente. Antes, faz-me um favor. Como vais para a costa, leva este dado e joga-o no mar. Juro, doravante terei ódio aos dados.



OS PÁSSAROS DE GELO



Um deles penetrou bem por baixo da espádua, arrebentou vinte e cinco brônquios e foi alojar-se no glote, de onde ficou bicando dolorosamente minhas papilas gustativas. A boca inundou-se de saliva que escorreu pelas comissuras dos lábios, enquanto um deles, enorme, com um penacho quadrado, limpava-a com uma penugem presa às garras. Depois vieram outros, brancos e gelados, e sujeitaram-me ao catre, também branco como tudo naquele deserto de gelo. Os bicos dos pássaros eram longos e afiados, brilhantes e duros, terrivelmente cortantes, como aquele que se cravou em meu braço esquerdo e jorrou um líquido ardente que me estonteou e eu quase desfaleci, mas fui despertado pelo sol que, de repente, nasceu na penumbra. Um sol redondo, gigantesco, pairando sobre mim, com sua luz azulada e brilhante.

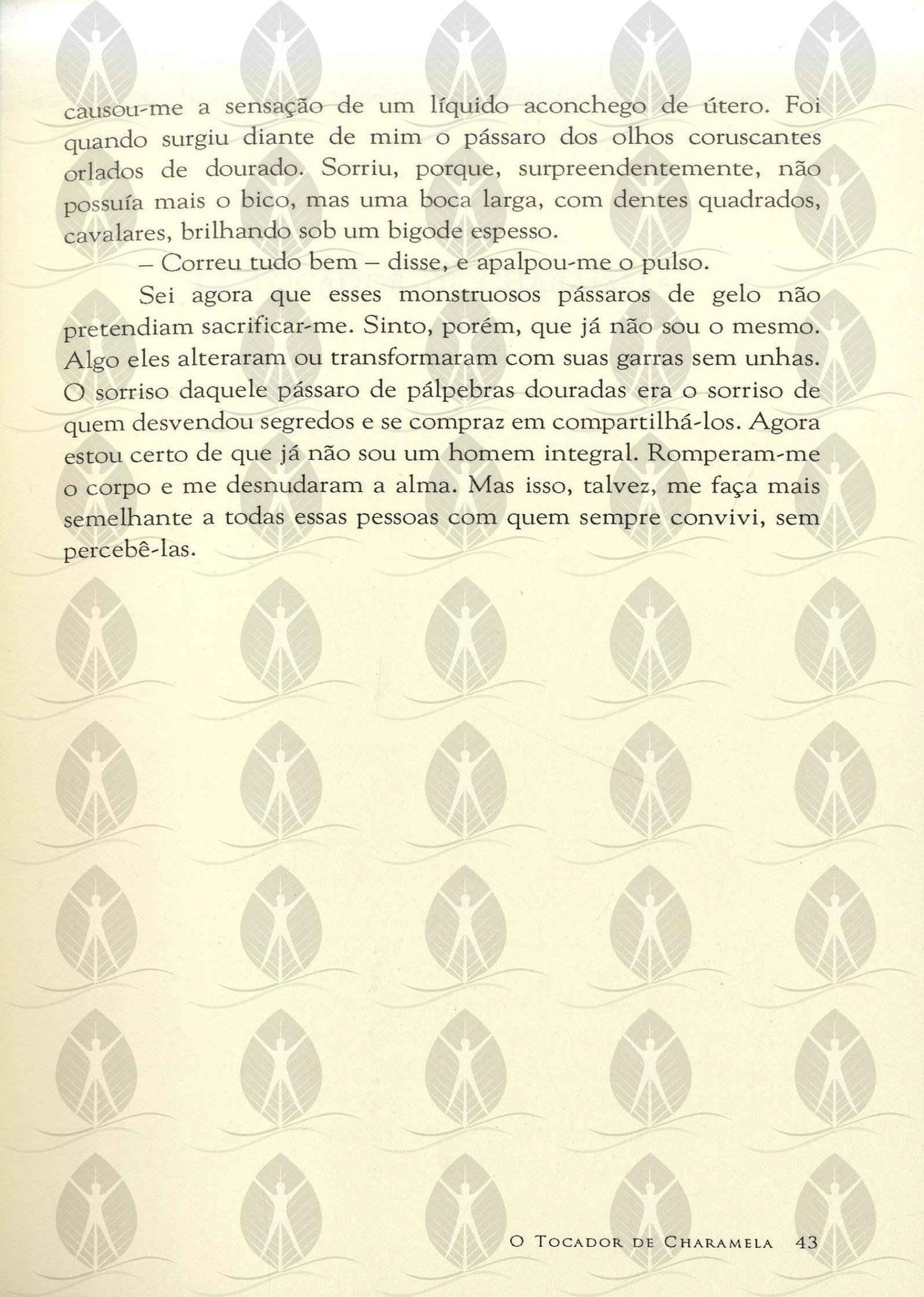
Os pássaros de gelo adejavam por todo o deserto, em volta de mim, e manejavam estranhos objetos, tateando-os com suas garras sem unhas, lisas, cremosas, diferentes das penas alvas que o vento Oeste fazia farfalhar, em alguns momentos. Pairavam sobre mim e fixavam seus olhos baços, examinando-me da cabeça aos pés, como se nunca houvessem visto um ser humano e se preparassem para dissecar-me e descobrir os segredos de um organismo insólito. Meus temores redobram quando dois deles levantaram-me pela cabeça e pelos ombros e colocaram sob o pescoço um anteparo, de modo a expô-lo totalmente, com o pomo-de-adão apontado para cima, tal seta prestes a disparar, e, depois, outro curvou-se sobre meu rosto, os olhos redondos e faiscantes, sem pupilas, extraordinariamente orlados de ouro, e, sem que eu pudesse ao menos pressentir, traspassou minha garganta com o bico agudíssimo e recurvo, e lançou sua baba fria para dentro e quase imediatamente as glândulas salivares pararam

seu trabalho e antes de tudo enrijecesse por completo, o pássaro aninhado no glote fugiu espavorido, cessando a dor lancinante que sua presença maligna provocava. Senti que minha alma esvaía-se e os músculos afrouxavam por todo o corpo. Mas, estava estranhamente lúcido. Então percebi que os pássaros de gelo não me matariam, mas iam desvendar-me por inteiro.

Agora vão devassar-me as entranhas. Rasgarão meu ventre impuro e com seus olhos gelados varrerão meus órgãos interiores, como holofotes de guerra rasgando o seio puro de uma noite total, em busca do inimigo. Vão apalpar-me o fígado e intrometer-se nas glândulas renais e vão descobrir meus vícios íntimos e meus pecados secretos. Se me tocarem o coração, haverão de levantar o manto espesso sob o qual acoberto minhas mágoas mais fundas e temo que todos os ódios acumulados durante todos estes anos de velada angústia, escapem como abelhas enxameadas e ultrapassem os limites deste deserto galáctico, vítreo, e se exponham à luz clara do dia, para minha absoluta vergonha. Temo mais que tudo, não por mim, mas por este nome que me pesa e me aprisiona como grilhetas, que desçam ao fundo de meu cérebro, nos desvãos mais recônditos, e tragam ao nível do presente, toda essa terrível herança de perversões que milhões de cromossomos produzidos por centenas de gerações concentraram em mim. Sabes, Senhor, que sou a vítima escolhida pelo conselho dos ancestrais para expiar os seus erros. Em tuas mãos entrego minha alma.

– Traqueotomia – ouvi um pássaro dizer ao longe, antes que um sono pétreo me afundasse no abismo do inconsciente e se apagasse em minhas retinas, o último raio daquele sol disforme, geladamente azul.

Não se desperta de um pesadelo, sem um pesado sentimento de culpa. Talvez seja assim o despertar da morte. Daquele eu despertava lentamente e com um apavorante pressentimento. Já o branco não era total e o sol gigantesco desaparecera, inundando o deserto de penumbra. Já não havia o esvoaçar agitado dos pássaros, mas um silêncio profundo, repousante, e o ar ligeiramente tépido



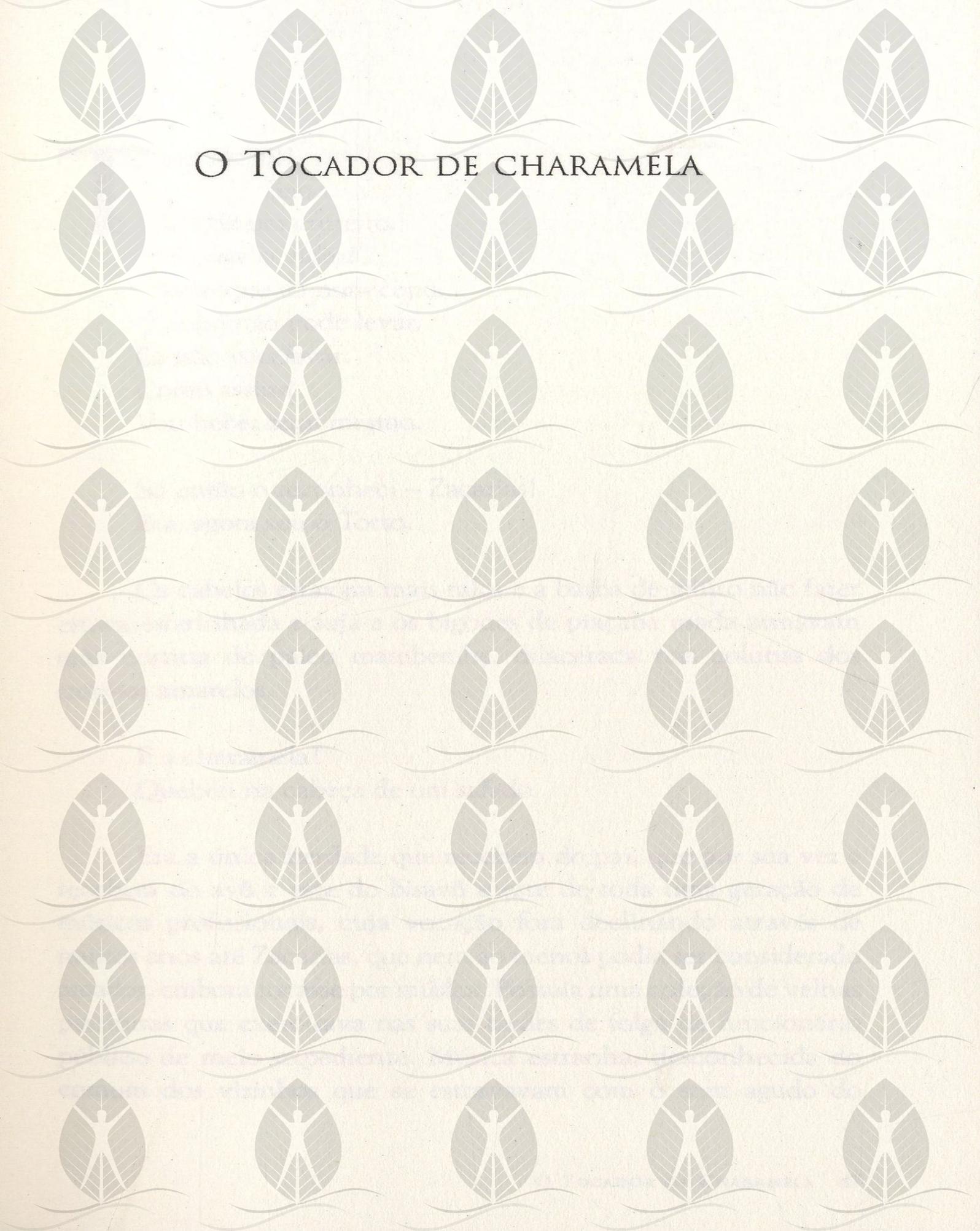
causou-me a sensação de um líquido aconchego de útero. Foi quando surgiu diante de mim o pássaro dos olhos coruscantes orlados de dourado. Sorriu, porque, surpreendentemente, não possuía mais o bico, mas uma boca larga, com dentes quadrados, cavallares, brilhando sob um bigode espesso.

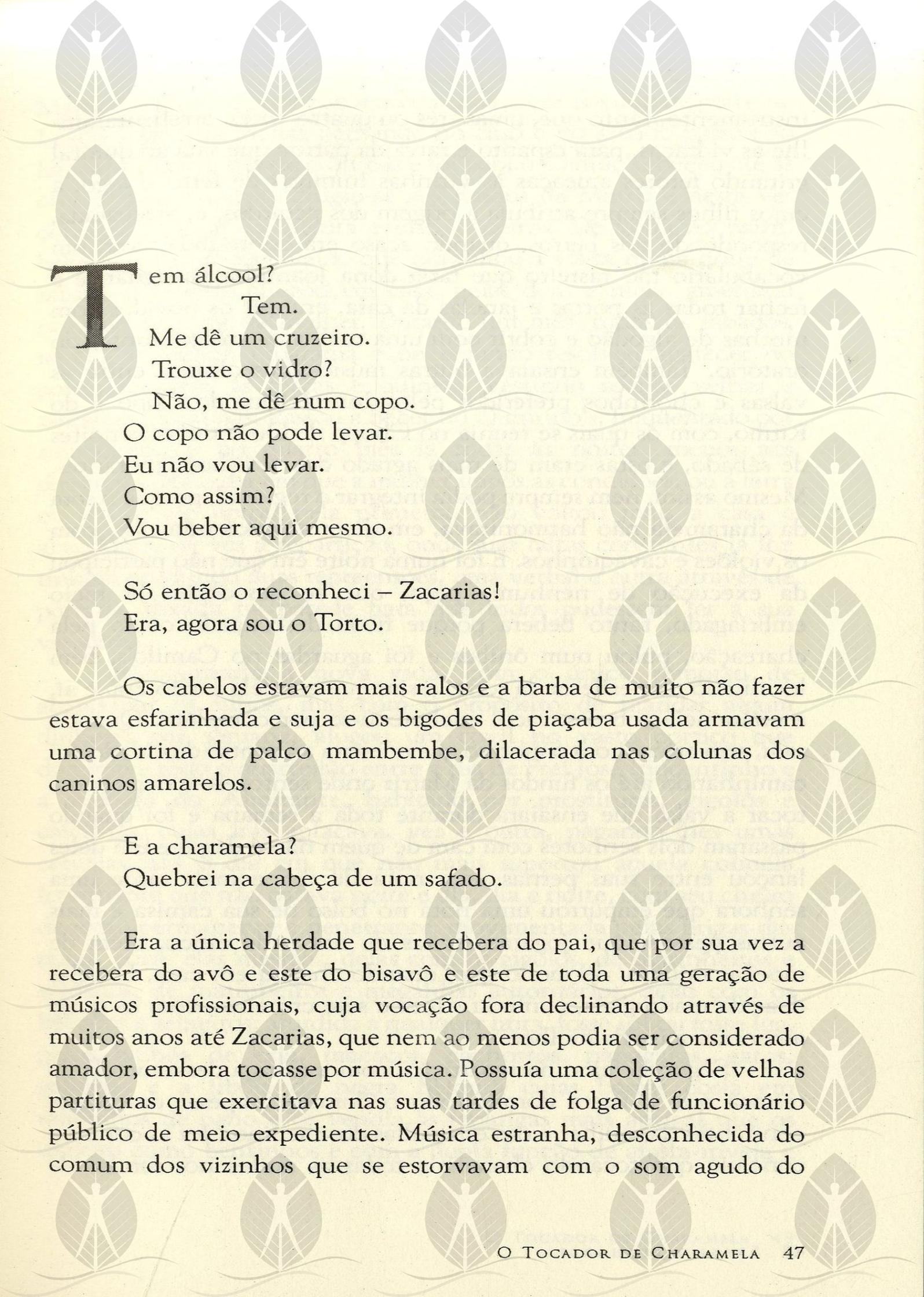
– Correu tudo bem – disse, e apalpou-me o pulso.

Sei agora que esses monstruosos pássaros de gelo não pretendiam sacrificar-me. Sinto, porém, que já não sou o mesmo. Algo eles alteraram ou transformaram com suas garras sem unhas. O sorriso daquele pássaro de pálpebras douradas era o sorriso de quem desvendou segredos e se compraz em compartilhá-los. Agora estou certo de que já não sou um homem integral. Romperam-me o corpo e me desnudaram a alma. Mas isso, talvez, me faça mais semelhante a todas essas pessoas com quem sempre convivi, sem percebê-las.



O TOCADOR DE CHARAMELA





Tem álcool?
Tem.
Me dê um cruzeiro.
Trouxe o vidro?
Não, me dê num copo.
O copo não pode levar.
Eu não vou levar.
Como assim?
Vou beber aqui mesmo.

Só então o reconheci – Zacarias!
Era, agora sou o Torto.

Os cabelos estavam mais ralos e a barba de muito não fazer estava esfarinhada e suja e os bigodes de piaçaba usada armavam uma cortina de palco mambembe, dilacerada nas colunas dos caninos amarelos.

E a charamela?
Quebrei na cabeça de um safado.

Era a única herdade que recebera do pai, que por sua vez a recebera do avô e este do bisavô e este de toda uma geração de músicos profissionais, cuja vocação fora declinando através de muitos anos até Zacarias, que nem ao menos podia ser considerado amador, embora tocasse por música. Possuía uma coleção de velhas partituras que exercitava nas suas tardes de folga de funcionário público de meio expediente. Música estranha, desconhecida do comum dos vizinhos que se estorvavam com o som agudo do

instrumento, tanto que, umas três ou quatro vezes, arrebataram-lhe as vidraças, para espanto e raiva da patroa que saía ao quintal gritando ferozes ameaças às vizinhas inimigas de ferro e fogo, a cujos filhos sempre atribuía a origem dos petardos, e, arrebatada, respondendo aos berros, quando acaso era contestada, com um vocabulário tão rasteiro que fazia dona Joanhinha persignar-se e fechar todas as portas e janelas da casa, entupir os ouvidos com mechas de algodão e cobrir com uma toalha os antigos santos do oratório. Também ensaiava outras músicas, escolhidas entre as valsas e chorinhos preferidos pelos Inveterados do Copo e do Ritmo, com os quais se reunia no Chopp de Ouro todas às noites de sábado, e estas eram de mais agrado dos vizinhos ignorantes. Mesmo assim, nem sempre podia integrar o regional, porque o som da charamela não harmonizava, em determinados números, com os violões e cavaquinhos. E foi numa noite em que não participou da execução de nenhuma peça, que se descobriu. Já meio embriagado, tanto bebera porque ficou desocupado como pela chateação, pulou num ônibus e foi aguardar no Camilo's, bem localizado na periferia da zona, assim que era dela e não era, e aí, a charamela sob o sovaco, encharcou-se por completo. Quando saiu, sem atinar com o motivo que o levava ao centro da cidade, foi caminhando até os fundos da Matriz onde sentou-se e começou a tocar a valsa que ensaiara durante toda a semana e foi quando passaram dois senhores com cara de quem não é daqui e um deles lançou entre suas pernas uma nota de dez e mais tarde uma senhora que empurrou uma nota no bolso de sua camisa e mais outras pessoas que jogaram notas de um e de cinco, além de moedas miúdas, de modo que, quando chegou em casa, lá pelas duas da madrugada, conferiu trinta e sete cruzeiros, com os quais amenizou a ira da mulher.

Segunda-feira, na repartição, com a cabeça desanuviada da ressaca que o fizera dormir todo o domingo, apesar das brigas constantes da mulher e das estripulias dos meninos, fez as contas e concluiu que tocando charamela todas as noites nos fundos da

Matriz, ganharia o dobro de seu vencimento de auxiliar de portaria. Levou a semana inteira pensando no caso e no sábado passou ao largo do Chopp, tomou o ônibus e foi para o Camilo's, bebeu até às oito e meia e depois dirigiu-se aos fundos da Matriz e desta vez conseguiu juntar cinquenta e oito cruzeiros. De volta ao bairro bebeu no bar do Esmeraldo que estranhou a visita numa noite de sábado e quando chegou em casa, pelas duas e meia, amenizou novamente a ira da mulher. Durante um mês, todos os sábados, repetiu o mesmo programa e no segundo resolveu aparecer no ponto também às terças e quintas, vestindo roupas velhas e sandálias japonesas. Passou a beber no Quintino's, freqüentado por estivadores, e no quarto mês ia todas às noites, menos aos domingos, até o dia em que a mulher impôs as condições, ou a farra ou ela, e ele optou pela primeira, não voltou mais a casa e abandonou de vez a repartição, onde suas faltas constantes já lhe tinham produzido duas repreensões, uma verbal e outra através de portaria afixada na parede para que todos pudessem ler a sua vergonha.

Inaugurando a nova vida, com o único remorso de abandonar os filhos, mas com o propósito de mandar algum dinheiro por semana, alugou um covil no vasto cortiço que dominava todo o quarteirão entre a rua de Frei José Inocentinho e a avenida do Almirante, habitado por prostitutas, gigolôs e cafetinas, cujas iras aplacava, vez e outra, pagando-lhes umas cervejas, até o dia em que não mais suportou aquela colmeia fervilhante que não parava noite e dia, dia e noite, com seu cheiro de mofo permanente e penetrante; movimentada pelas brigas das putas, entre elas mesmas, delas com os gigolôs, de marinheiros e soldados, de marinheiros e meganhas autoritários, delas com os bêbados e seixeiros; aturdida a qualquer hora, fosse sol ou fosse lua, pelos bichos de cria, macacos, cachorros, papagaios, gatos, galinhas e a jibóia da negra Belmira cujas bostas cosia em saquinhos de pano e os vendia às raparigas mais antigas que os usavam como bentinhos e com a dupla função de afasta-inveja e

chama-machos; e as crianças empambadas, sábias e malignas, que vagavam pelas vielas cloacinas que separavam, coisa de um metro se muito, as casinhas de madeira e os quartos de taipa espremidos. Além de que o Português, dono dessa angustiada Sodoma escatológica encravada no coração da cidade, que nenhuma força conseguira demolir, andava anunciando de cama em cama, de catre em catre, de rede em rede, o aumento dos aluguéis, com a desculpa de que a caixinha da polícia, com o novo e faminto delegado, estava cada vez mais gulosa, com todo o raio da puta que o pariu. Fugiu às quatro e quarenta e cinco e a única mágoa era perder o cálido excitante da menina que todas as manhãs vinha, nua, mijar no minúsculo alpendre da casinhola fronteira e exhibir, a dois palmos do seu nariz, a tenra e fresca pérola do tamatiá repousada nos veludos da vitrine de cristais opacos.

Em cinco meses de ofício conhecia toda a malandragem da zona, as manhas e venetas de prostitutas e viados, fez-se amigo de todos os mendigos que agiam num raio de um quilômetro e, por isso, conseguiu abrigo junto ao bando do Capitão-Gancho, admirador intermitente de suas valsas e chorinhos, que habitava o velho barco abandonado sob a ponte de ferro, transformado com paredes laterais de tábuas de caixas e folhas de zinco roubadas à cidade flutuante, para proteger a malta, em suas horas mais íntimas, dos olhares curiosos dos canoieiros ou de algum policial bêbado e mais afoito. Ali ferviam o café e coziam o peixe em latas enegrecidas pela fumaça do fogareiro e pela carência de uma lavagem meticulosa. E podiam beber à vontade, chupar seus tarugos tranqüilamente e, vez por outra, arrastar uma rameira da Pausada, bêbada o suficiente para suportá-los em uma proximidade mais estreita.

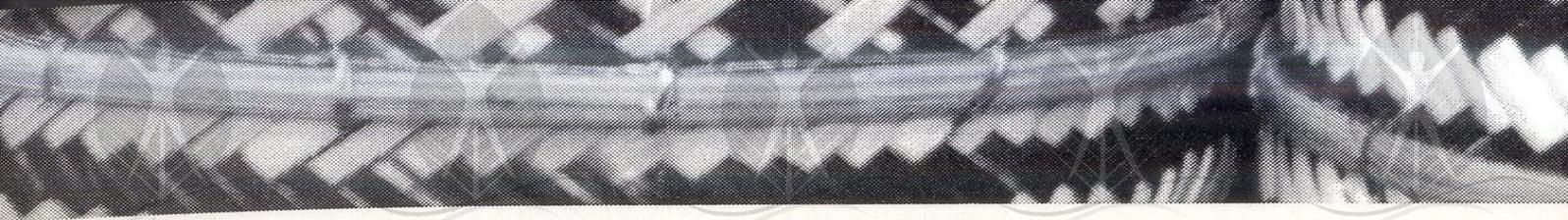
Foi no velho barco, em noite de farrá escandalosa, que partiu a charamela no crânio do Cabeleira, numa disputa por uns restos de Cocal, e nunca mais perdoou o desafeto, que além de ladrão era fresco, pois em mais de uma noite o ouvira fungar e gemer sob o peso e o encanto brutal do Capitão. Baterá com tanta violência que o antiqüíssimo instrumento de cana provençal

espatifou-se instantaneamente em doze pedaços, não havendo meio ou modo de consertá-lo, pois o mecanismo interno de suas chaves era também de madeira delicada e enfraquecida pelos anos e pela saliva abrasiva de seus muitos tocadores ancestrais. Deu-se a partir daí sua preferência pelo álcool puro, mais barato, e também porque descobriu, no dia seguinte, que sua fêria de mendigo dos fundos da Matriz provinha muito mais do som agudo e inquietante da charamela do que mesmo da caridade das pessoas. Passou a beber mais ainda e a comer menos ainda, dormia noites e dias nos bancos e sob os bancos da praça, sem ânimo e coragem de voltar ao velho barco abandonado sob a ponte, as pernas e os braços cobertos de escaras que se abriam em pontos diferentes imitando cores e caprichos de cravina.

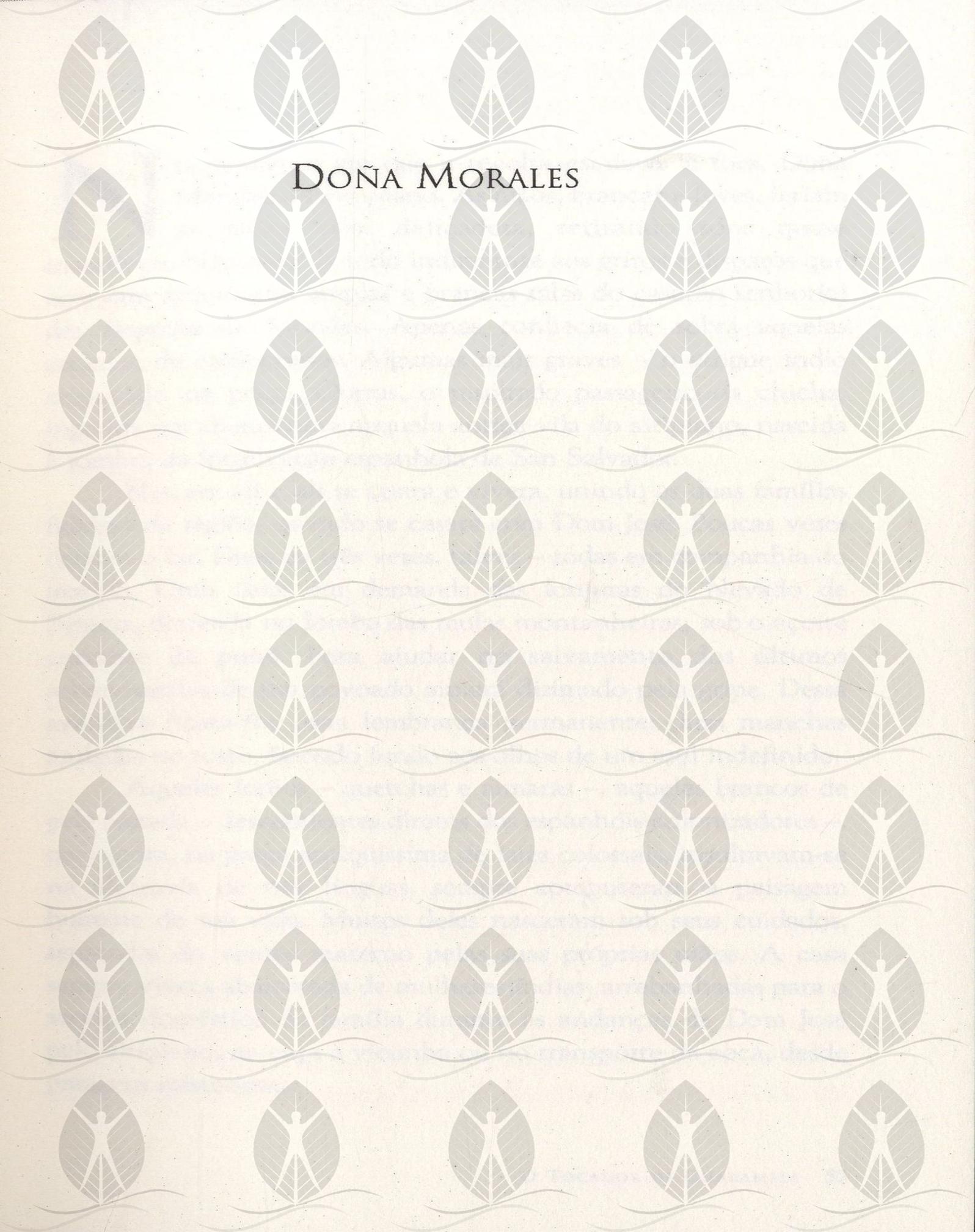
No dia em que recebeu alta da indigência da Santa Casa de Misericórdia, após receber contrito os conselhos do médico paizinho dos pobres, já tinha amadurecido o projeto de reconquistar o velho posto de funcionário público e de reconciliar-se com a mulher, mas quando saltou do ônibus pela porta da frente a viu entrar pela porta de trás, com uma barriga que calculou de oito meses, e compreendeu que o plano falhara, mas a vida continua e pode ser longa e boa, dependendo da gente. No caminho do bar vislumbrou à distância as largas tábuas das caixas de embalagem da vizinha loja de eletrodomésticos e teve a idéia salvadora de construir uma bandurra e voltar às noitadas dos sábados de antigamente, sem mulher para vigiar a hora, sem choro de criança, sem Capitão, sem Cabeleira, sem putas e gigolôs, nem barcos velhos abandonados sob a ponte de ferro, nem paizinhos médicos, mas, de verdade, um filiado permanente e efetivo dos Inveterados do Copo e do Ritmo, pois afinal teria um instrumento de corda e não seria posto de lado como antes e porque foi a porra da falta dessas cordas maravilhosas que me botou no centro pegajoso e infernal desse tremendo pesadelo.

Bota mais um álcool.

Não, toma uma cana decente. É oferta da casa.



DOÑA MORALES



No momento em que a revolta estalava lá fora, Doña Morales tocava piano. As mãos, brancas e leves, feriam as teclas com delicadeza, retirando sons quase inaudíveis. Não seria de todo indiferente aos gritos e disparos que ecoavam através das amplas e brancas salas do casarão senhorial dos Baptista de Morales. Apenas conhecia de sobra aquelas arruaças de camponeses. Algumas mais graves – o sangue índio empoçado na praça. Outras, o resultado passageiro da chicha, ingerida em abundância naquela antiga vila do altiplano, nascida à sombra da fortificação espanhola de San Salvador.

Nascera ali e ali se criara e vivera, unindo as duas famílias fidalgas da região, quando se casara com Dom José. Poucas vezes deixara o lar. Duas ou três vezes, talvez – todas em companhia do marido. Uma delas em demanda das lonjuras do Nevado de Sajama, derreada no lombo das mulas montanheiras, sob o açoite cortante da puna. Fora ajudar no salvamento dos últimos sobreviventes de um povoado aimará dizimado pela gripe. Dessa aventura ficara-lhe uma lembrança permanente: duas manchas azuladas no rosto, fazendo fundo aos olhos de um azul indefinido.

Aqueles índios – quetchas e aimarás –, aqueles brancos de pele tostada – descendentes diretos dos espanhóis colonizadores –, que, agora, na praça antiqüíssima de lajes colossais, insultavam-se na algaravia de três línguas, sempre compuseram a paisagem humana de sua vida. Muitos deles nasceram sob seus cuidados, separados do ventre materno pelas suas próprias mãos. A casa sempre vivera abarrotada de mulheres índias, arrebanhadas para o serviço doméstico da família durante as andanças de Dom José pelo altiplano, na caça à vicunha ou no transporte da coca, desde paragens misteriosas.

Naquela manhã, aguardando a hora do almoço, Doña Morales não atentava para a extensão da refrega, nem supunha que a velha praça soturna era agora uma praça de guerra. Nem que seu filho, o severo e orgulhoso Dom Rafael, ferido a golpes de facão, agonizava protegido na casa prefetoral, último reduto que os brancos defendiam tenazmente, acossados pela horda de camponeses-índios enlouquecidos pelo ódio e encharcados de chicha.

Surgiam de todas as direções, subiam do vale, desciam das plataformas mais elevadas, empunhando facões recém-afiados, grossos cajados e, surpreendentemente, duas ou três carabinas de repetição. Avançavam obedientes às ordens de Juan – um índio quetchua que nascera pelas mãos de Doña Morales e em cuja casa vivera desde o primeiro choro até os vinte anos. Sumira dois dias após o enterro da mãe, uma índia robusta que a bexiga abateu depois de castigá-la cruelmente, deixando-a carne viva, uma chaga só, abandonada sobre as folhas de plátano.

Juan só pôde vê-la quando a enterraram no pequeno cemitério da vila, onde brancos e índios jaziam em lotes separados por um baixo muro de adobe. De um lado os mausoléus adornados com anjos e madonas esculpidos em mármore e granito; cipestres. Do outro, apenas pobres cruces de madeira caiada, afrontando pequenos montes de terra nua; aqui e ali uma esquelética flor amarela, restos de comida e garrafas vazias – sinais visíveis de um enterro recente.

Dali podia ouvir o alarido que subia da praça ocupada. Caminhava entre as pobres sepulturas, procurando ler os nomes inscritos com letras irregulares nas traves das cruces, mas nenhum deles lhe acodia à lembrança. Há muito os restos da gente de seu tempo haviam sido removidos para dar lugar a outros. Juan passou a mão sobre a pele áspera do rosto e tentou mirar-se na reluzente lâmina do longo machete e compreendeu, pela imagem retorcida refletida no aço, que muito tempo havia passado desde aquele dia em que abandonara San Salvador, para ganhar as prometidas

liberdades do altiplano. Daquele jovem de pele lisa e morena, só os cabelos negros e longos apanhados na nuca, ainda se mantinham inalterados. Não foi por outro motivo que Dom Rafael não o reconhecera quando, a dois passos de distância, fritara ferozmente, "cerdo blanco", antes de avançar e golpeá-lo por três vezes. Mesmo assim surpreendeu-se quando procurou lembrar-se do rosto da mãe, mas apenas algumas imagens evanescentes embaralharam-se em sua memória, como misturaram-se pedaços de frases das orações que, nas longas tardes das lições de catecismo, Doña Morales pacientemente lhe ensinara.

Apoiado no punho do afiado machete, Juan levantou-se e mirou o horizonte. Por sobre o pequeno muro do cemitério, numa suave colina verde, do outro lado do estreito vale, luzia ao sol a branca casa senhorial dos Baptista de Morales. O índio saltou agilmente por cima do muro e encaminhou-se naquela direção.

Nas amplas salas da grande casa o silêncio só era maculado pelo canto intermitente dos canários engaiolados e pelo som suavíssimo, quase etéreo do piano; estalidos secos das juntas centenárias de algum móvel espanhol. A criadagem índia – livre da vigilância dos senhorinhos, mandados a estudar em Madri –, saíra silenciosamente, a seu modo, para refugiar-se nos sítios dos camponeses espalhados pelo vale ou juntar-se à horda dos revoltados.

Nenhuma porta fechada – porque de dia este não era um costume da casa – impediu a passagem a Juan. Transpôs o vestíbulo e, por alguns segundos, deteve-se diante da figura austera de Dom José reproduzida em óleo e pendente da parede. De repente, aquelas paredes brancas, aqueles móveis de fino lavor, aqueles enormes aparadores de mogno sustentando pratarias e porcelanas antiqüíssimas, aqueles luzentes espelhos de cristal e aqueles tapeles que abafavam os passos e por sobre os quais caminhava cuidadosamente, quando menino, para não perturbar a sesta inviolável do velho patriarca, se lhe tornaram familiares. Juan desviou os olhos do rosto de Dom Rafael que o olhava soberbo do

quadro emoldurado do veludo azul e se encaminhou para a ala esquerda da casa, guiado pelos sons delicados da antiga valsa.

A sala de música era larga e fresca, as paredes forradas de papel verde-claro. Demorou-se de pé no umbral, o facão pendente da mão. Os olhos apertados fitaram fascinados os brancos cabelos de Doña Morales e o movimento das mãos que ora apareciam à esquerda, ora à direita, ora se escondiam, por breves instantes, atrás do corpo. Doña Morales feria as teclas com delicadeza, mas, assim de perto, os sons eram claros e embaladores. O índio mantinha-se imóvel. Só os músculos do rosto, a espaços, se contraíam levemente. Há muitos anos passados, poderia ter certeza, por algum movimento sutil, se Doña Morales notara-lhe a presença. Mas agora tinha dúvidas. Já não podia ler os movimentos daquele corpo frágil que se curvava um pouco sobre o teclado de marfim amarelado. Caminhou lentamente em direção a ela, pisando de leve com os sapatos de corda.

Em nenhum momento interrompeu os movimentos cadenciados e a valsa fluía contínua, encantadora. Juan deteve-se a distância de um passo, e, por sobre o ombro encurvado, pôde ver que as finas veias azuis das mãos, formavam uma teia complicada sob a pele branca desenhada de rugas. Apertou fortemente o cabo do facão e, por um breve instante, considerou se ela o reconheceria se, num salto rápido, se postasse ao seu lado e gritasse-lhe o nome, antes de decepar-lhe o esquivo pescoço com um golpe firme e certo. A valsa continuava fluindo, dolente. Doña Morales movimentava os braços e o corpo balançava a cada gesto, como se marcasse com isso o som de cada nota extraída. Juan apertou mais firmemente o punho da arma e sobressaltou-se, o coração bateu num salto contra os músculos do peito, quando a velha senhora disse sem interromper a música – Juan? E como não ouvisse resposta, completou: Juan, chega-te a mim, filho. O índio afrouxou a tensão sobre o punho do machete e pendeu um pouco para frente. Depois, mansamente, deu um passo e ajoelhou-se ao seu lado. Baixou a cabeça e disse num sussurro – Madre.

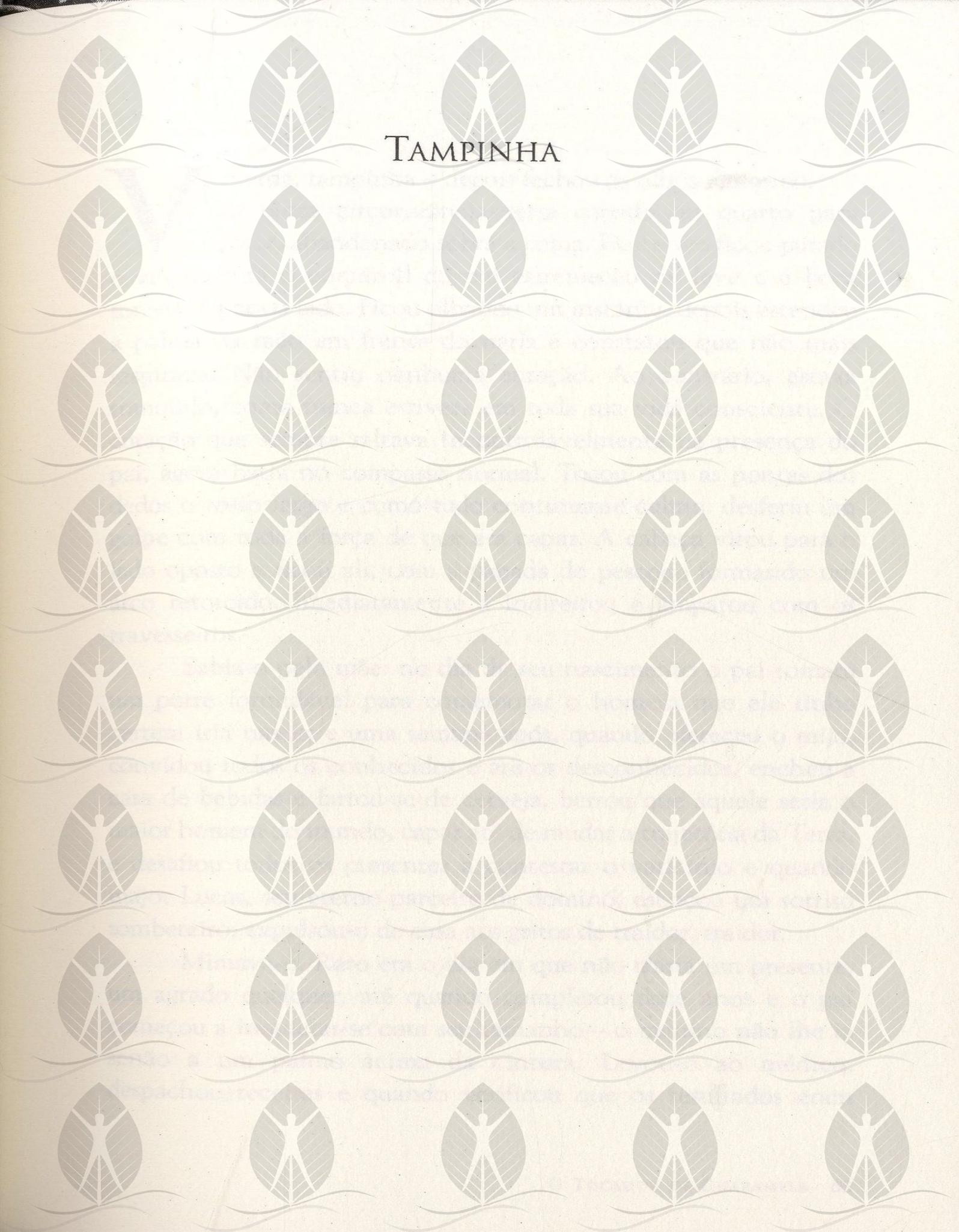


Doña Morales suspendeu mão direita do teclado e pousou-a
sobre os negros cabelos de Juan.

– Hijuelo, disse numa voz muito doce.



TAMPINHA



Vã merda, tampinha – depois fechou os olhos e morreu.

Em outra circunstância teria corrido ao quarto para chorar, abandonado sobre a cama. Desta vez ficou parado e viu quando o corpanzil do pai estremeceu de leve e a boca torceu-se para o lado. Ficou olhando um instante, depois estendeu a palma da mão em frente do nariz e constatou que não mais respirava. Não sentiu nenhuma emoção. Ao contrário, estava tranqüilo, como nunca estivera em toda sua vida consciente. O coração que sempre saltava incontrolavelmente na presença do pai, agora batia no compasso normal. Tocou com as pontas dos dedos o rosto largo e como tudo continuasse calmo, desferiu um golpe com toda a força de que era capaz. A cabeça virou para o lado oposto e ficou ali, com a papada do pescoço formando um arco retorcido. Imediatamente a indireitou e amparou com os travesseiros.

Sabia-o pela mãe: no dia de seu nascimento o pai tomara um porre formidável para comemorar o homem que ele tinha certeza iria nascer e uma semana após, quando ofereceu o mijó, convidou todos os conhecidos e até os desconhecidos, encheu a casa de bebidas e fartou-se de cerveja, berrou que aquele seria o maior homem do mundo, capaz até de mudar a trajetória da Terra, e desafiou todos os presentes a contestar o vaticínio e quando major Lucas, seu eterno parceiro de dominó, esboçou um sorriso zombeteiro, expulsou-o de casa aos gritos de traidor, traidor.

Mimava-o. Raro era o dia em que não trazia um presente, um agrado qualquer, até quando completou doze anos e o pai começou a inquietar-se com seu tamanho – o menino não lhe ia senão a um palmo acima da cintura. Levou-o ao médico, despachou receitas e quando verificou que os resultados eram

quase nulos, começou a comprar remédios por indicação de amigos, guiado pela propaganda do rádio, por conta própria, e o obrigava a beber colheradas de xaropes repugnantes, pílulas de todos os tamanhos, cores e formatos, até que sobreveio a intoxicação e foi obrigado a levá-lo ao hospital, onde lhe aplicaram tantas injeções, que por uma semana não pôde sentar-se.

No dia em que chegou em casa esbaforido, carregando no ombro um enorme contrapeso de bate-estacas, a mãe espantou-se, e quando o viu armando o engenho na cozinha, desconfiou do que se tratava, mas recusou-se a acreditar de que seria capaz daquela loucura. Passara uma corda grossa num dos caibros do telhado e outra na argola do contrapeso. “Vou apenas esticá-lo um pouco – explicou –, quem sabe isso resolve”. Mas a mulher do espanto passou ao desespero e saiu correndo à rua, gritando que o marido ia matar o filho e de repente a casa encheu-se de vizinhos que o reprovaram ferozmente e ele temeroso de que da reprimenda os outros passassem ao ataque, desistiu do intento e foi pro bar e quando voltou cambaleante, gritou no meio da sala de jantar: “Este tampinha não é meu filho, um homem como eu não pode fazer um tamborete de merda como este”.

Todas as noites, quando voltava a casa, sempre bêbedo, repetia a mesma cena. Enxotava o menino de sua presença e quando a mãe tomava-lhe a defesa, ele, com os olhos fuzilando de ódio, vociferava – vagabunda. Mãe e filho refugiavam-se no quarto e choravam abraçados até que o sono os dominasse.

No dia em que o empurrou contra a parede fraturando-lhe o braço esquerdo, major Lucas, que nunca esquecera a antiga ofensa, deu parte no Juizado de Menores, mas, quando a mãe soube que o Juiz apenas passara-lhe um carão e fizera algumas ameaças sem conseqüências, resolveu atender o conselho de uma vizinha e falar com o governador, amigo dos pobres e defensor dos oprimidos. Foi numa segunda-feira e voltou do portão, onde o guarda barrou-lhe a passagem, explicando que aquele não era dia de se receber ninguém em palácio. Voltou na quinta e uma

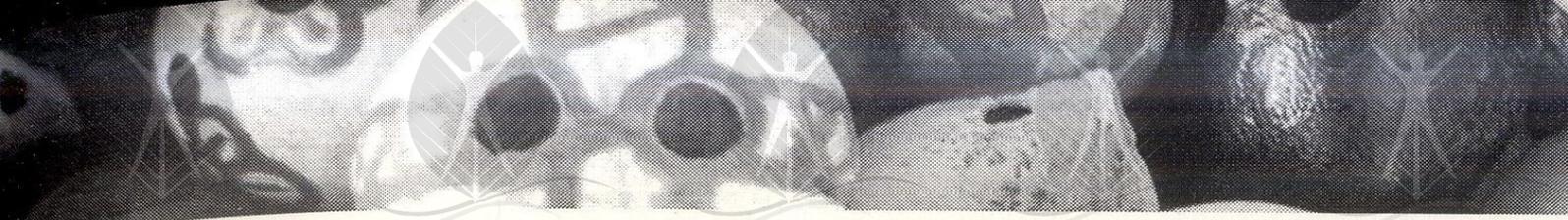
funcionária mandou que voltasse dali a vinte dias, pois o chefe-de-gabinete estava viajando e só ele marcava audiência. No fim do prazo tentou novamente e desta vez o chefe-de-gabinete explicou que o governador padecia no momento de uma furunculose que o impedia de cumprir o expediente como manda o protocolo. Voltasse dentro de uns dois ou três meses e seria recebida com toda fraternidade, minha querida companheira de campanha. Desistiu e um mês depois, quando o menino voltou da escola, encontrou-a morta, sentada na cadeira de balanço, o lenço na mão, ainda úmido de lágrimas. Parada cardíaca, disse o médico.

Antes do enterro o pai tomou um porre, vomitou no meio da sala, ao lado do caixão, espantou as senhoras com meia-dúzia de palavrões, major Lucas, furioso, agarrou-o pelo colarinho, mas o padre interveio – respeitem pelo menos a defunta, gritou chorosa dona Florinda –; não olhou o cadáver da mulher espremido no pobre esquife roxo, nem foi ao cemitério, e, por causa de tudo isso, desde esse dia nenhum morador da rua sequer lhe deu bom-dia.

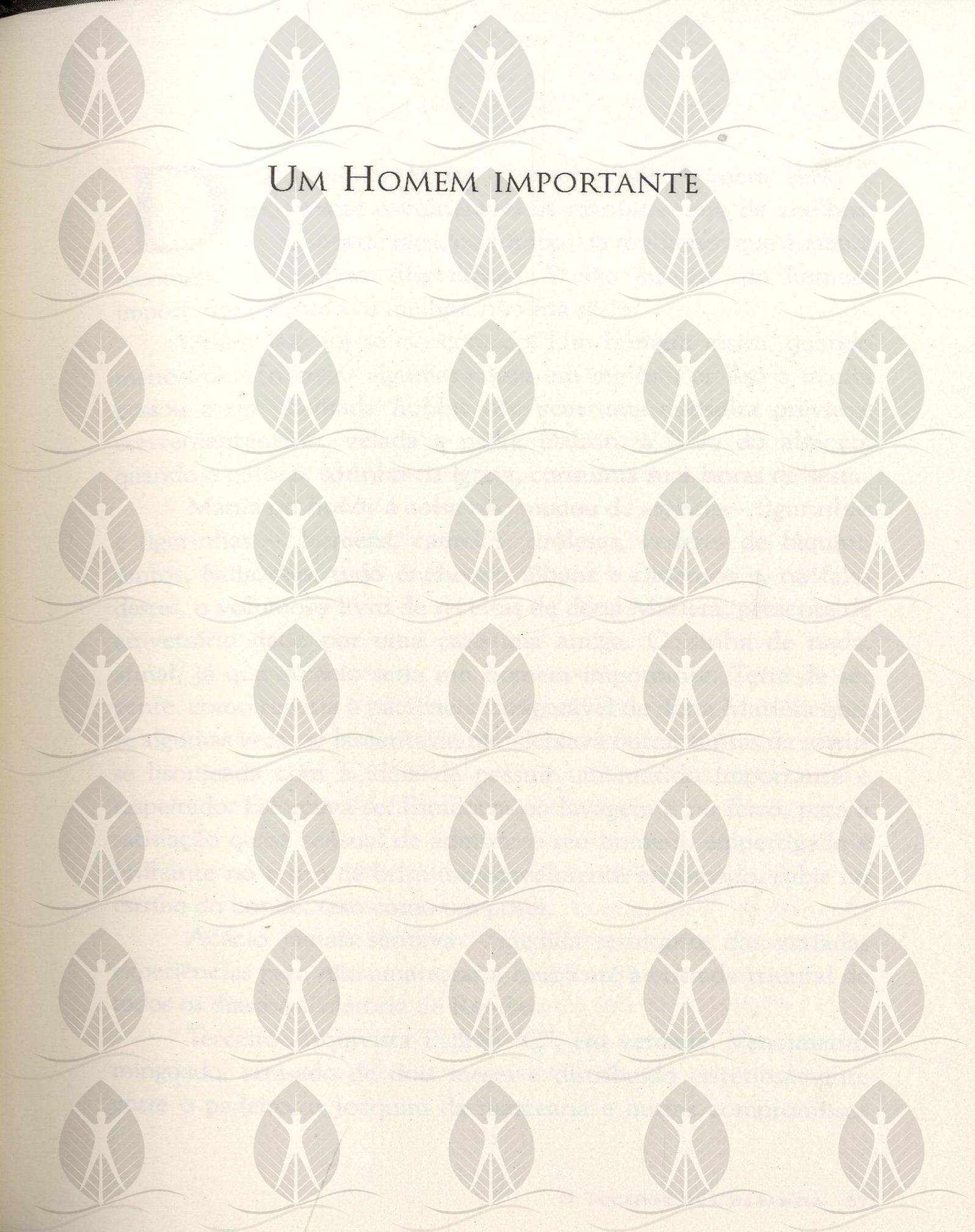
Apesar de pagar-lhe o colégio e fornecer a mesada regularmente, jamais o encarava e quando precisava comunicarlhe alguma coisa, fazia-o por intermédio da velha empregada. Só alguns anos depois, ao entrar em casa, encontrou-o casualmente na sala de estar, parou, olhou-o com rancor e disse: “Vá raspar esses pentelhos da cara, você já é um homem, embora ninguém diga”. E deu uma gargalhada sonora, balançando convulsivamente a enorme barriga.

O rosto largo e vermelhão agora estava ficando lívido. A pele começava a ficar lisa e os olhos empapados estavam sendo cobertos por uma névoa azulada.

– Bandido – disse entredentes. Depois saiu nas pontas dos pés, para não alertar a velha que trabalhava na cozinha e ganhou a porta da rua. E nunca mais ninguém soube contar sobre seu destino.



UM HOMEM IMPORTANTE



Decalcomania. Muito natural. Todo homem sério e importante é vulnerável às manias – seja de coelhos, rosas, cães de raça, cachimbos ou mulheres, que é mania recomendável embora dispendiosa. E não era ele um homem importante e sério? Ou melhor, não iria sê-lo?

Aliás, isso foi só no começo. Um homem assim, quando menos, deve nomear algumas coisas em inglês. Por isso a mania passou a ser chamada *hobby*, não sem uma consulta prévia e convenientemente velada a padre Dalton, à hora do almoço, quando o pároco, sozinho na igreja, consumia suas horas de sesta.

Mania ou *hobby* a coisa não mudou de aspecto – figurinhas e figurinhas –, homens, camelos, tirolesas, vedetes de biquíni, santos, bailarinas, tudo enchendo álbuns e cadernos e, na falta destes, o volumoso livro de receitas de dona Marieta, presente de aniversário dado por uma caríssima amiga. Coisinha de nada, afinal, já que Acácio seria um homem importante. Teria de ser gente, como repetia à paciência inesgotável de dona Marieta que, se algumas vezes se lamentava, não deixava outras tantas de sorrir-se lisonjeada com a idéia de possuir um marido importante e respeitado. Esforçava-se. Esmerava na lavagem e no ferro, para a satisfação quase sensual de admirar o seu homem, empertigado e brilhante no terno de brim impecavelmente engomado, subir no estribo do bonde, teso como um poste.

Acácio jamais sentava – medida resultante das variadas experiências para não amarrotar a roupa até à entrada triunfal de todos os dias na Coletoria de Rendas.

Terceiro Arquivista Padrão “C”, era verdade. Vencimento minguido, atrasado de dois meses e distribuído criteriosamente entre o padeiro, o Joaquim da mercearia e outros compromissos

inadiáveis, de modo a sobrar para as figurinhas coloridas, o cigarro filter de luxo, o conhaque velhíssimo e, às vezes, para o joguinho de cartas. Homem importante fuma cigarros filter de luxo, bebe conhaque envelhecido oitenta anos em tonéis de carvalho e joga cartas.

Filhos? Graças a Deus só tinham o Joca, mas isso porque as medidas de precaução se multiplicavam. Cuidados especiais, malabarismos inventados com paciência e resignação, não sem queixas de dona Marieta, para quem cabia, na grande maioria das vezes, a tarefa de ficar no meio do caminho.

Clube. Homem importante tem clube. É membro da diretoria. Pif-paf, bacadá, carteadado no sossego, sem os inconvenientes da vigilância policial. Festas, danças. As danças. Não foi fácil. O Tâmisia-Clube, de gente rica – fica não fica, entra não entra. Não ficou nem entrou. Onde estavam os fundos? Terceiro Arquivista Padrão “C”, marido de dona Marieta, mulher esquivada às modas elegantes, não fuma nem bebe uísque, não faz regime para emagrecer e nunca fez plástica na vida. Como então ser admitido no Tâmisia?

Mas, se não o aceitou o Tâmisia, aceitou-o de bom grado a Soberana Sociedade Recreativa, Cultural e Esportiva Unidos do Bom Retiro, entidade de velhas e gloriosas tradições e detentora do honroso título de bicampeã suburbana de dama e dominó.

Está começando, Acácio, você vai longe homem. Já secretário da Sociedade. Você vai longe homem. Dona Marieta torcendo pelo marido, feliz da vida.

E ia mesmo. Promessas, algumas vezes se cumprem. Então o deputado dr. Fulgêncio do Valle e Silva, líder de bancada e figurão do Governo, não era primo em terceiro grau?

– Acácio, você vai ser Arquivista padrão “L”. “L”, Acácio.

Custou um pouco mais saiu. Num dia inesperado o Diário Oficial publicou num cantinho de página que logo passou a ocupar o lugar mais destacado do maior e mais novo livro de figurinhas:

“Nomeando Acácio Leite Busão para exercer, efetivamente, de acordo com o Art. 32, da Lei nº 121, de 29 de fevereiro de 1944, combinado com o Art. 15, da Lei nº 437, de 11 de março de 1948, o cargo de Arquivista padrão “L” do quadro permanente do Poder Executivo, lotado na Coletoria de Rendas da capital”.

– Combinado com o artigo 15 – até o Joca já sabia decorado.

Naquela noite dona Marieta não parava. O ferro corria espalhando a goma de estearina no terno de brim branco – para frente, para trás, forcejando para baixo, assoprando no fundo quando o diabo do ferro esfriava.

Meia-noite, lá estava o terno luzindo na cruzeta. Com ele, no outro dia, Acácio iria à Secretaria do Interior assinar o termo de posse.

Homem importante, aquele Acácio. Notava-se pelos ares superiores quando, empertigado, subiu no estribo do bonde e acenou jogando um beijo na direção da janela onde dona Marieta sorria, feliz e sensual.

Custava o Acácio. Almoço pronto, uma hora da tarde. Naturalmente os amigos em algum festejo. Também era justo. Arquivista padrão “L”. Paciência.

Telefone na padaria:

– Dona Marieta, telefone pra senhora.

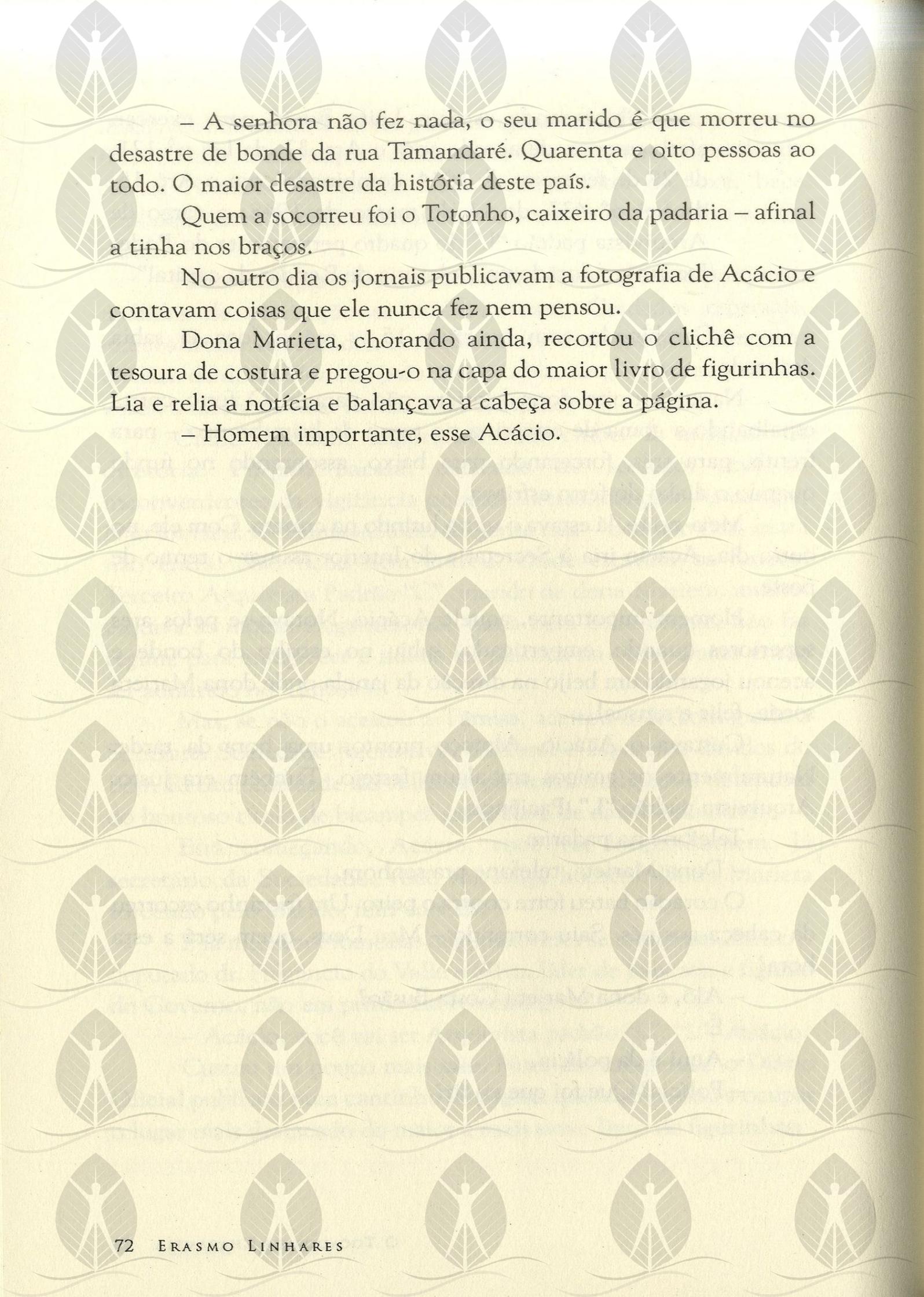
O coração bateu forte contra o peito. Um friozinho escorreu da cabeça aos pés. Saiu correndo – Meu Deus, quem será a esta hora?

– Alô, é dona Marieta Costa Busão?

– É.

– Aqui é da polícia.

– Polícia? Que foi que eu fiz?



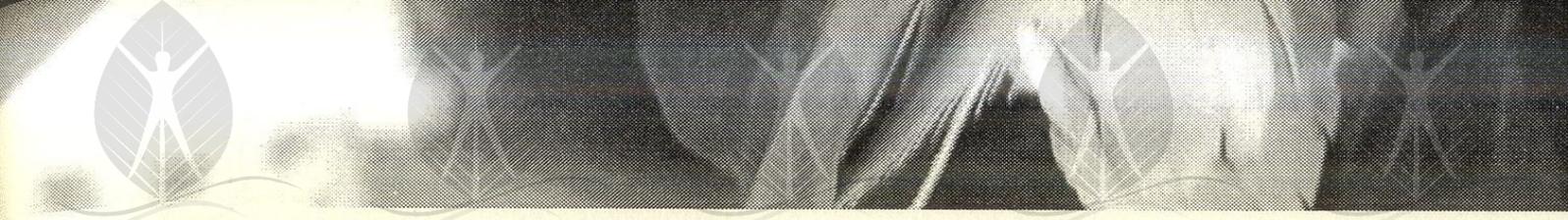
– A senhora não fez nada, o seu marido é que morreu no desastre de bonde da rua Tamandaré. Quarenta e oito pessoas ao todo. O maior desastre da história deste país.

Quem a socorreu foi o Totonho, caixeiro da padaria – afinal a tinha nos braços.

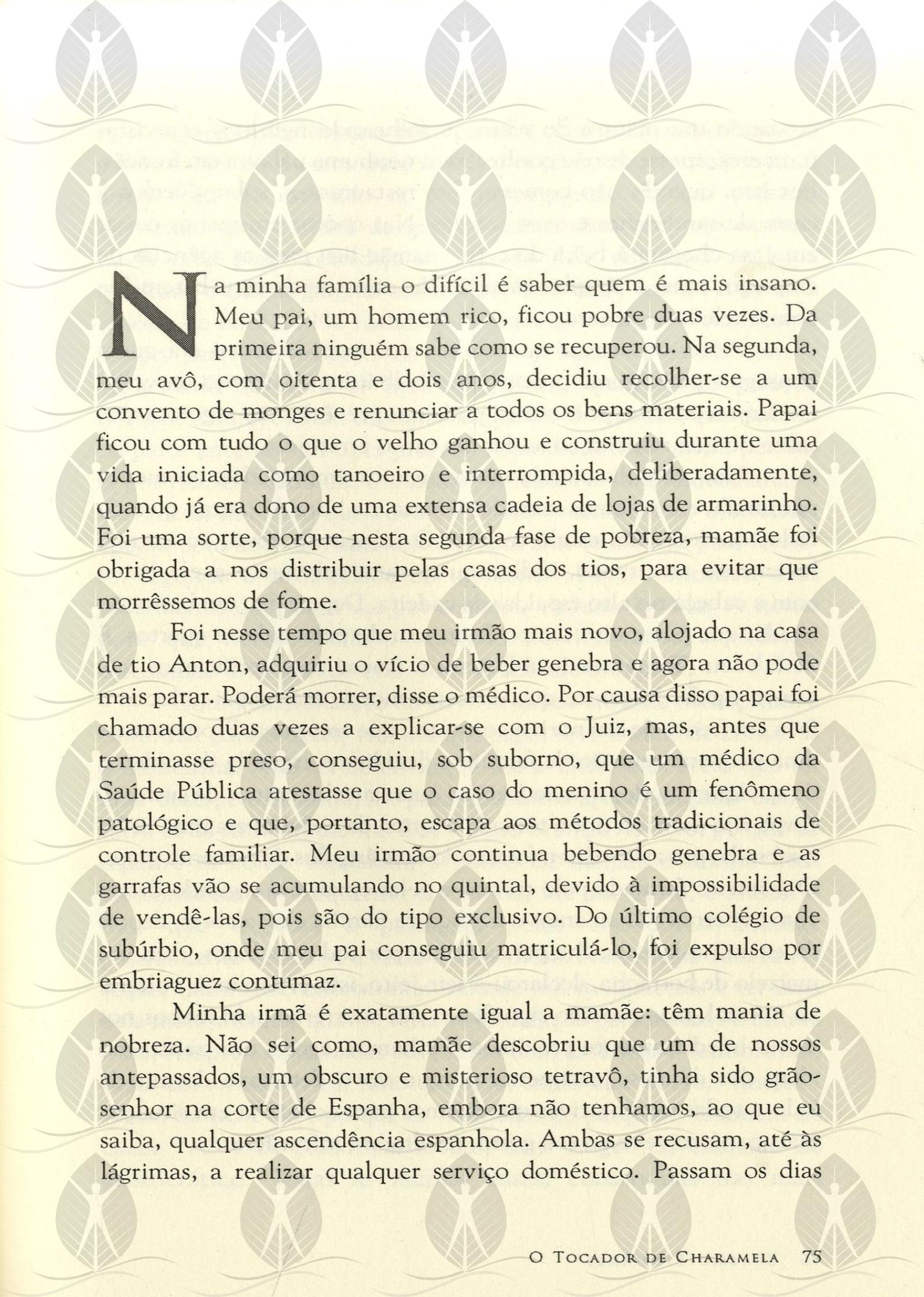
No outro dia os jornais publicavam a fotografia de Acácio e contavam coisas que ele nunca fez nem pensou.

Dona Marieta, chorando ainda, recortou o clichê com a tesoura de costura e pregou-o na capa do maior livro de figurinhas. Lia e relia a notícia e balançava a cabeça sobre a página.

– Homem importante, esse Acácio.



A CONSTRUÇÃO DA MONTANHA



Na minha família o difícil é saber quem é mais insano. Meu pai, um homem rico, ficou pobre duas vezes. Da primeira ninguém sabe como se recuperou. Na segunda, meu avô, com oitenta e dois anos, decidiu recolher-se a um convento de monges e renunciar a todos os bens materiais. Papai ficou com tudo o que o velho ganhou e construiu durante uma vida iniciada como tanoeiro e interrompida, deliberadamente, quando já era dono de uma extensa cadeia de lojas de armarinho. Foi uma sorte, porque nesta segunda fase de pobreza, mamãe foi obrigada a nos distribuir pelas casas dos tios, para evitar que morrêssemos de fome.

Foi nesse tempo que meu irmão mais novo, alojado na casa de tio Anton, adquiriu o vício de beber genebra e agora não pode mais parar. Poderá morrer, disse o médico. Por causa disso papai foi chamado duas vezes a explicar-se com o Juiz, mas, antes que terminasse preso, conseguiu, sob suborno, que um médico da Saúde Pública atestasse que o caso do menino é um fenômeno patológico e que, portanto, escapa aos métodos tradicionais de controle familiar. Meu irmão continua bebendo genebra e as garrafas vão se acumulando no quintal, devido à impossibilidade de vendê-las, pois são do tipo exclusivo. Do último colégio de subúrbio, onde meu pai conseguiu matriculá-lo, foi expulso por embriaguez contumaz.

Minha irmã é exatamente igual a mamãe: têm mania de nobreza. Não sei como, mamãe descobriu que um de nossos antepassados, um obscuro e misterioso tetravô, tinha sido grão-senhor na corte de Espanha, embora não tenhamos, ao que eu saiba, qualquer ascendência espanhola. Ambas se recusam, até às lágrimas, a realizar qualquer serviço doméstico. Passam os dias

cuidando das mãos e do rosto ou folheando figurinos e revistas franceses, apesar de não conhecerem nenhuma palavra em francês. Por isso, quando não comemos em restaurantes, sobrevivemos à custa de sanduíches e ovos cozidos. Nas épocas em que as coisas em casa chegam à beira do caos, mamãe liga para as agências de emprego, mas, à simples menção de nosso endereço, batem-lhe com o telefone na cara.

Antes da artrose que acabou por matá-la, vovó era quem conseguia pôr alguma ordem nesta balbúrdia. A doença da velha foi surpreendente, pois nunca pudemos prevê-la, tão vigorosa era, salvo no que respeita ao andar um tanto arrastado.

Naqueles dias ainda conseguíamos empregadas, ao menos por tarefa, e estávamos sentados à mesa, na hora do jantar, quando todos ouvimos um estalo sonoro. O tronco de vovó, ao normal levemente encurvado, indireitou-se num solavanco e ela bateu com a cabeça no alto espaldar da cadeira. Depois deu um berro tão agudo, que por muito tempo ficou zoando pelas salas e quartos. E desfaleceu. Tentamos levá-la para a cama, mas verificamos que estava rígida. Julgamos que estivesse morta, mas papai colocou a faca em frente de seu nariz e constatou que respirava. Promovemos uma pequena reunião de família e decidimos erguê-la da cadeira, de qualquer modo, mas ao fazê-lo, quase arrebentamos de susto. O corpo rijo de vovó tinha tomado a forma da cadeira: era uma linha quebrada, por assim dizer, formando dois ângulos de noventa graus. O primeiro formado pelo tronco e pelas coxas e o segundo destas com as pernas. Chamamos o médico da família e o calabrês, depois de examiná-la e dar-lhe pancadinhas por todos os lados, com um martelo de borracha, declarou-a sem jeito, isto é, não mais voltaria ao normal, mas isso não significava que morreria, pelo menos nos meses imediatamente próximos. Tínhamos, agora, um transtorno além dos demais, justamente porque vovó detestava dormir de lado e todas as tentativas que fizemos para colocá-la em situação mais confortável e ao seu gosto, resultaram infrutíferas.

Quem solucionou o problema foi o primo Antolov, que já patenteara mais de uma dezena de invenções, todas, infelizmente, ainda fora do mercado e, por conseguinte, do uso prático. Construiu uma cadeira de grandes dimensões, em cujo assento havia uma placa corrediça e embaixo dela um funil de boca quadrada e com o gargalo conectado, através de roscas, com uma espécie de botijão. Na realidade, a placa corrediça era ao mesmo tempo parte do assento da cadeira e boca do funil, com a capacidade de fechá-la hermeticamente, quando em posição normal. Confeccionou três saias de um tecido elástico que tinham na parte anterior um zíper pregado deste o cós até o entre-pernas, e, por fim, elaborou um minucioso sistema de cordões, roldanas e alavancas, de modo que vovó podia movimentar todo o artefato, apenas com dois movimentos: um para abri-lo e outro para fechá-lo, segundo a necessidade do momento. Papai contratou duas enfermeiras que, uma vez por semana, vinham lavá-la. A noite, para que ficasse mais à vontade, reclinávamos a cadeira, recostando-a na parede onde fora fixado um anteparo.

Com a imobilização de vovó as coisas em casa começaram a caminhar para o desespero, até que papai teve a idéia de construir a montanha. Não sei como surgiu-lhe a idéia, mas creio que foi uma desesperada tentativa para quebrar a apatia daquela casa e salvá-la da ruína iminente. E se foi isso acertou no alvo, porque de repente as coisas mudaram, a ponto de mamãe e minha irmã concordarem em freqüentar a cozinha, vez por outra, e afastar o lixo que impedia a passagem pelos corredores. Mamãe prontamente declarou a idéia maravilhosa. Neste lugar não havia sequer um ínfimo outeiro num raio de mil quilômetros e ter uma bela montanha no quintal seria a glorificação para mamãe e minha irmã, sempre empenhadas em porfiar com as damas e senhorinhas desta comunidade, em tudo que seja, como elas dizem, “finesse”. Nosso bairro é do tipo que os institutos de pesquisas chamam de classe “A” e os colunistas sociais, mais exigentes, chamam de aristocrático. Todas as amplas casas, construídas nas mais

diferentes tendências arquitetônicas, ficam no centro de grandes terrenos sombreados por árvores enormes e cercadas por bem cuidados jardins. Aqui se trava uma verdadeira guerra, surda e cordial, ferrenha e vingativa. Cada um luta para ter o melhor, o mais moderno ou o mais caro. Sei de um vizinho que antes mesmo de inaugurar o primeiro canal de televisão da cidade, instalou um aparelho receptor na sala e todas as noites o ligava e se extasiava com a luz brilhante do vídeo cego. Portanto, ter a montanha no quintal seria como vencer uma batalha.

Antes de se iniciarem os trabalhos foi preciso reunir o conselho de família por mais de três vezes, pois as opiniões divergiam sobre a forma da montanha. Entre outras recusamos a idéia de tio Gaston – um geólogo aposentado, veterano de escavações na Etiópia –, que propusera construirmos um vulcão ao invés de uma simples montanha. A idéia, além de ser perigosa – considerando que papai uma vez fora acusado de atear fogo a um depósito de suas lojas para receber o seguro –, estava fora de nossos propósitos. Papai queria fazê-la semelhante a uma pirâmide, enquanto mamãe desejava-a cônica, com alguns pinheirinhos plantados pelas encostas, igual à que vira numa reportagem sobre os Alpes suíços. Mas, depois de muitos e raivosos debates, acabou prevalecendo a montanha polimorfa defendida por minha irmã, que a queria de tal maneira que se pudesse praticar alpinismo.

Quando a construção começou efetivamente, começamos a respirar mais alegremente em nossa casa. Alegremente, não sadiamente, pois havia por todos os lados a poeira de cimento e de areia e serragem de madeira, além de pairarem no ar os cheiros variados que toda construção costumeiramente produz. Mesmo assim havia mais conforto, pois mamãe conseguiu que alguns ajudantes de pedreiro, mediante uma gratificação extra, fizessem a limpeza da casa e que um carpinteiro trouxesse sua mulher para servir de cozinheira, tarefa que desempenhou apenas por uma semana, devido ao meu irmão que a induziu a beber genebra e ao fim da tarde o marido, depois de procurá-la por todos os cantos,

encontrou-a, num dos banheiros do segundo andar, completamente embriagada, deu-lhe uma surra a ponto de extrair-lhe sangue do nariz, e antes de anunciar que ambos jamais voltariam a nossa casa, aplicou à família alguns conceitos e expressões pouco lisonjeiros, principalmente com relação às mulheres. Felizmente, como papai arrebanhou os numerosos operários através das agências de empregos, estas concordaram em mandar algumas empregadas revezando-as por períodos nunca superiores há dez dias, a fim de evitar que elas, revoltadas, também as abandonassem.

Interessadas em acompanhar a construção e fiscalizá-la, de modo a evitar que papai cometesse alguma traição, mandando subtrair alguns detalhes que fatalmente encarecessem a obra, mamãe e minha irmã reduziram seus costumeiros programas sociais e suas visitas às lojas onde compravam mediante cartões de crédito que levavam, por precaução, o nome de vovô. Desse modo restabeleceu-se a mútua confiança, há muitos anos abalada, desde que os detalhes da montanha, por mais caros que fossem, custavam menos que as atividades sociais e comerciais das duas. Nesse clima quase cordial, convencionamos que não revelaríamos nossos propósitos a qualquer vizinho, na absoluta convicção de que o impacto da surpresa os deixaria atordoados e de que, se o bairro não se tornasse, em pouco tempo, uma cadeia de montanhas, se transformaria num imenso manicômico, onde todos, com nossa exceção, se roeriam de inveja. Para garantir a inviolabilidade do segredo, meu irmão foi confinado no segundo andar e para aplacar-lhe a revolta, foi necessário aumentar os suprimentos de genebra e, de quando em vez subornar uma das empregadas para fazer-lhe companhia, pois, a partir da experiência com a mulher do carpinteiro, ele começou a manifestar alguns desejos curiosos para um menino de nove anos.

Minha mãe e minha irmã viviam em tal entusiasmo, que até concediam em aproximar-se mais estreitamente dos operários e trocar com eles algumas palavras amistosas, conquanto, mais tarde, declarassem que o cheiro do suor lhes causava náuseas, coisa em

que nunca pude acreditar, considerando que vovó tão pouco cheirava bem, mas ao contrário espalhava pela casa um penetrante cheiro de esterco envelhecido, e nunca as vi torcer o nariz.

A morte de vovó, quando a montanha já atingia trinta metros de altura e dominava dois terços do quintal, veio interromper nosso entusiasmo. Quando a descobrimos, uma tarde, com a cabeça pendente sobre o ombro esquerdo e depois que o velho calabrês a declarou irremediavelmente morta, a construção foi paralisada e papai despediu os operários com a promessa de recontratá-los daí a uma semana. Não fora o estado da velha, as coisas não teriam sido tão difíceis. Muito pelo contrário, mamãe teria feito do féretro um acontecimento retumbante. O problema é que descobrimos, depois de vários e infrutíferos esforços, que, mesmo com a morte, o corpo de vovó não perdera a forma que a artrose lhe impusera, de modo que seria impossível metê-la num esquife convencional. Mamãe, que já mencionara uma urna de cerejeira com tampa de cristal, protestou furiosa contra a idéia de primo Antolov que se propusera a construir um caixão luxuoso, com dois ângulos de noventa graus, onde o corpo se adaptaria perfeitamente. Mamãe declarou que isso seria ridículo e vergonhoso para gente de nossa classe e que jamais consentiria que da casa saísse um enterro naquelas condições. A desvairada recusa de mamãe estabeleceu um debate violento entre todos os membros da família agrupados em torno do cadáver sentado rigidamente na insólita cadeira. Nos breves momentos em que os ânimos se acalmavam, alguém sugeria uma solução. Falou-se numa arca, mencionou-se um cilindro, propôs-se um cubo, mas nada agradava à minha mãe, até que tio Anton teve a idéia de contratarmos um médico para cortar vovó pelas juntas, de maneira a acomodá-la dentro de um caixão normal, recoberta por um vestido de pano espesso para encobrir a operação. Mamãe olhou-o admirada e já esboçava um sorriso, quando papai pulou furibundo de seu canto e declarou que seria capaz de tudo na vida, menos permitir que o cadáver de sua mãe fosse retalhado como um frango. Minha irmã,

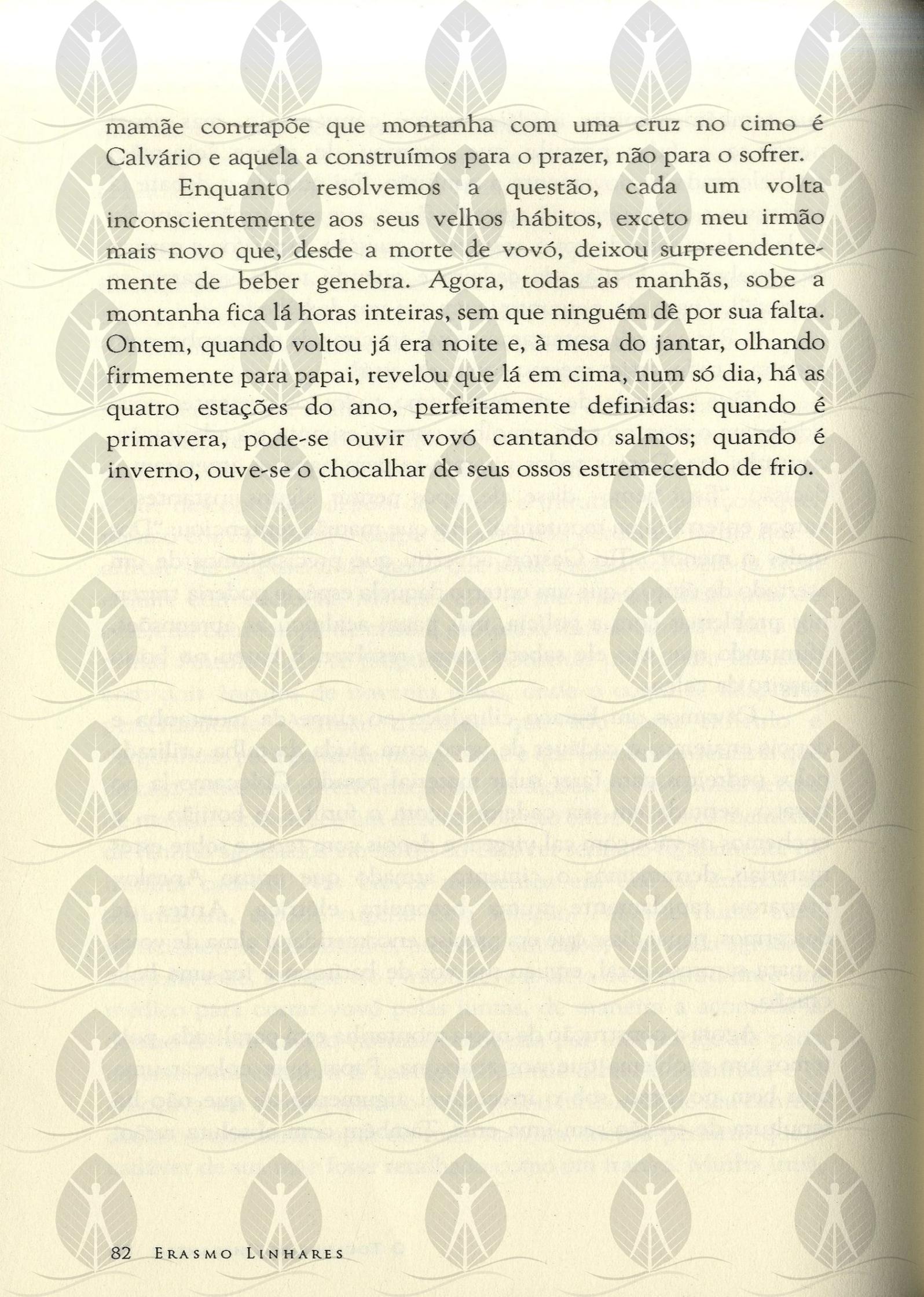
que também admitira a idéia, tentou convencê-lo, mas papai negou-se a falar naquilo que chamou de crime lesa-mãe, estabelecendo-se novamente a confusão. Foi quando o debate já começava a ceder terreno à agressão física, que meu irmão, sentado ao lado da cadeira de vovó, resolveu a questão. Espatifou a garrafa de genebra no botijão da cadeira e quando todos voltaram-se espantados para ele, perguntou com sua voz de bêbedo:

— Por que não enterramos vovó em cima da montanha, com cadeira e tudo, assim mesmo como ela está?

Tive vontade de rir, mas como todos os presentes consideravam o menino com um olhar entre o espanto e a admiração, controlei-me. Depois todos viraram-se para papai e esperaram a decisão. “Está bem – disse ele, após pensar alguns instantes – vamos enterrá-la na montanha”. Ao que mamãe sentenciou: “Dos males o menor”. Tio Gaston advertiu que precisaríamos de um atestado de óbito e que um enterro daquela espécie poderia trazer-nos problemas com a polícia, mas papai acalmou as apreensões, afirmando que isso ele saberia como resolver. E bateu no bolso traseiro da calça.

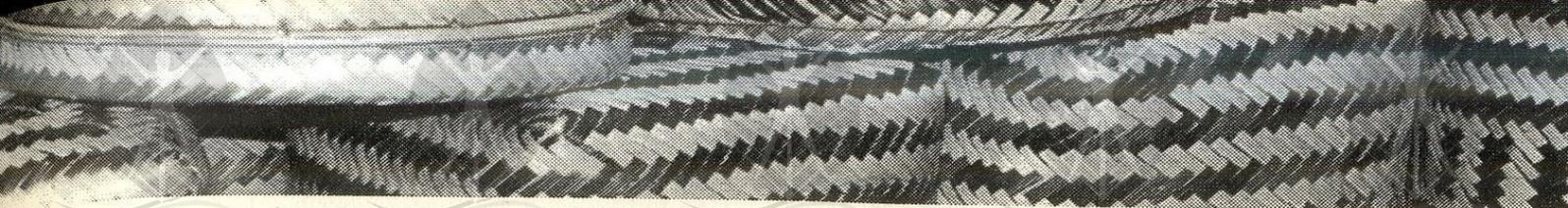
Cavamos um buraco cilíndrico no cume da montanha e depois erguemos o cadáver de vovó com ajuda da talha utilizada pelos pedreiros para fazer subir material pesado. Colocamo-la no buraco, sentada em sua cadeira – com o funil e o botijão –, e enchemos os vãos com cal virgem e depois com terra e sobre estes materiais derramamos o cimento armado que primo Antolov preparou rapidamente numa betoneira elétrica. Antes de descermos, papai disse que era preciso encomendar a alma de vovó e, para surpresa geral, ergueu sua voz de barítono e fez uma bela oração.

Agora a construção de nossa montanha está paralisada, pois temos um problema que nos apaixona. Papai quer colocar uma cruz bem no cimo, sob o irrecusável argumento de que não há sepultura de cristão sem uma cruz. Também com absoluta razão,

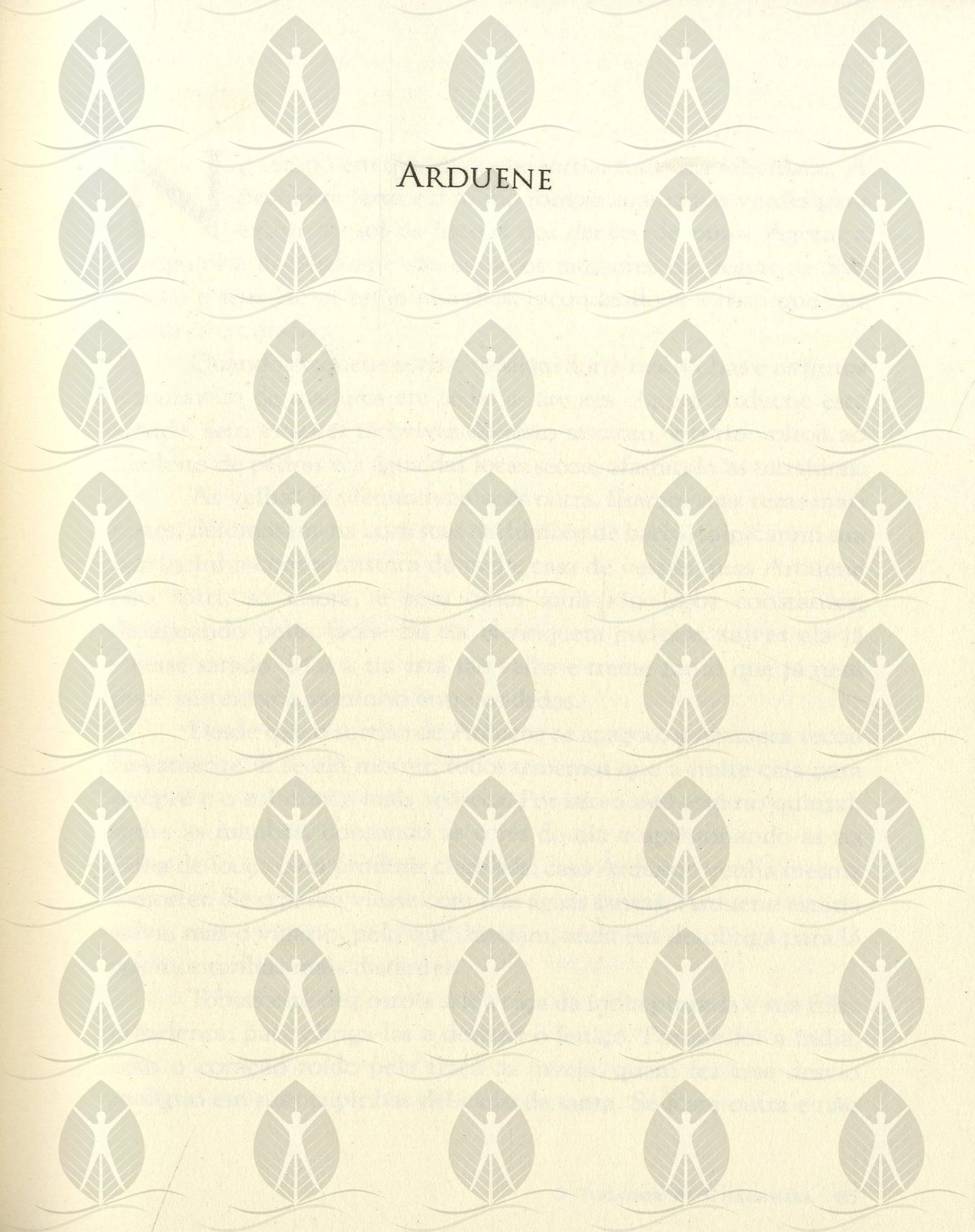


mamãe contrapõe que montanha com uma cruz no cimo é Calvário e aquela a construímos para o prazer, não para o sofrer.

Enquanto resolvemos a questão, cada um volta inconscientemente aos seus velhos hábitos, exceto meu irmão mais novo que, desde a morte de vovó, deixou surpreendentemente de beber genebra. Agora, todas as manhãs, sobe a montanha fica lá horas inteiras, sem que ninguém dê por sua falta. Ontem, quando voltou já era noite e, à mesa do jantar, olhando firmemente para papai, revelou que lá em cima, num só dia, há as quatro estações do ano, perfeitamente definidas: quando é primavera, pode-se ouvir vovó cantando salmos; quando é inverno, ouve-se o chocalhar de seus ossos estremeando de frio.



ARDUENE



No tempo em que Arduene sorria, tudo era felicidade. A pesca era farta e o milho rompia suas capas verdes para exibir ao sol as fileiras dos dentes de ouro. Agora, a barriguinha de Arduene soa como os tambores das festas de São Lázaro e seus lábios estão murchos, escondendo o sorriso que nos alegrava o coração.

Quando Arduene sorria, nasciam flores nas rochas e os frutos estouravam de maduros em todas as árvores. Agora Arduene está fanada, sem as cores tão vivas do rosto mimoso, e o rio voltou ao seu leito de pedras e a água das locas secou, afastando as tanajuras.

As velhas já vieram uma após outra, fizeram suas rezas mais fortes, defumaram-na com seus cachimbos de barro, salpicaram sua barriguinha com a mistura de mel e casa de vespas, mas Arduene não sorri, só chora, e seus olhos azuis são lagos constantes, desaguando pelas faces. Se tia Henriqueta pudesse, talvez ela já tivesse sarado. Mas a tia está tão velha e treme tanto que já nem pode sustentar o raminho entre os dedos.

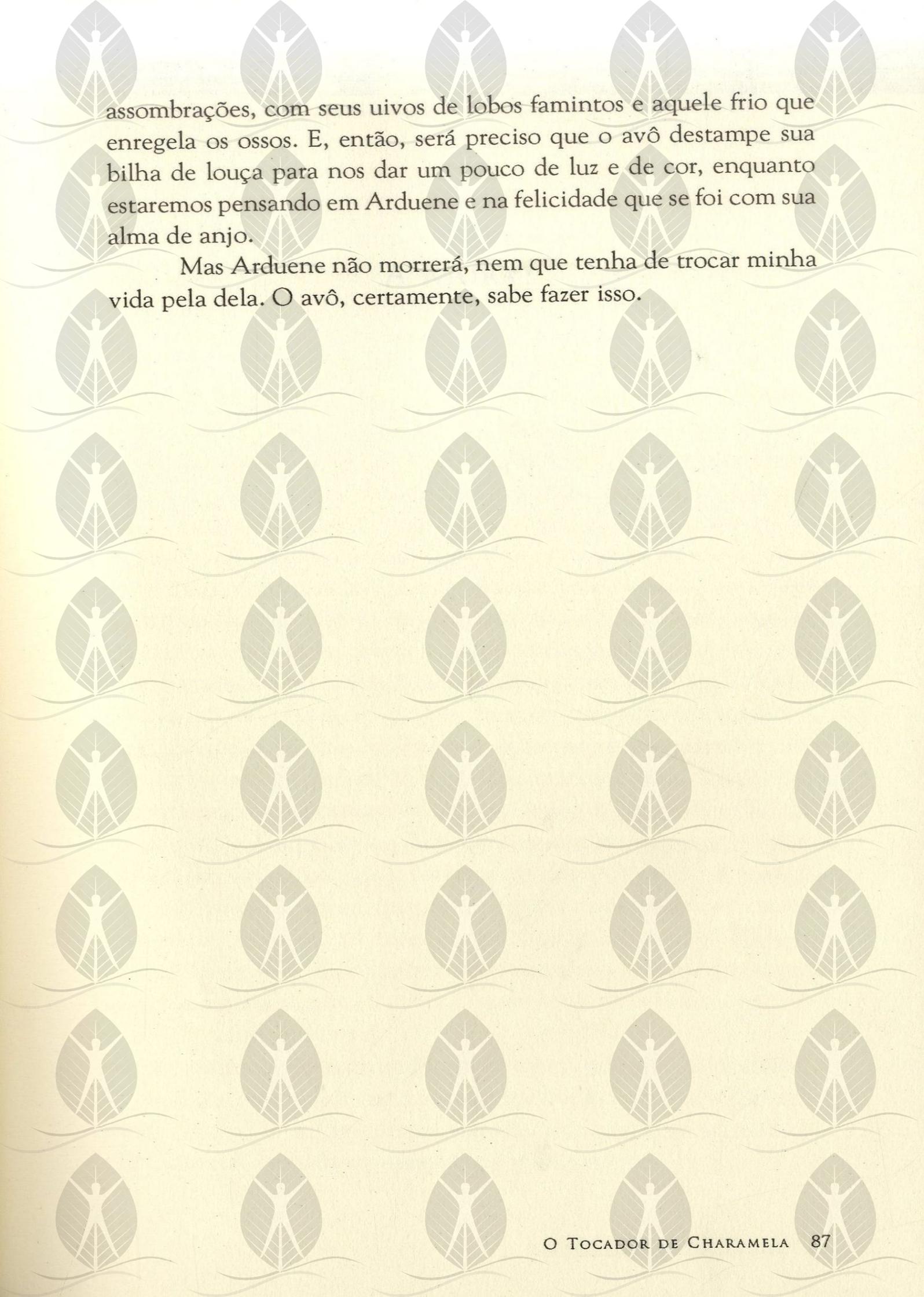
Desde que o sorriso de Arduene se apagou, a natureza secou novamente. E se ela morrer, todos tememos que a noite caia para sempre e o sol nunca mais apareça. Por isso o avô está no quintal, todas as manhãs, contando as cores do dia e aprisionando-as na bilha de louça para produzir claridade, caso Arduene venha mesma a morrer. Se o padre viesse com suas águas santas, Arduene estaria salva, mas o vigário, pelo que disseram, anda em desobriga para lá das montanhas mais distantes.

Tobias está disposto a sair à caça da índia pintada e sua filha ravelenta, para obrigá-las a desfazer o feitiço. Porque foi a índia, com o coração roído pela traça da inveja, quem fez esse desvio maligno em suas tripinhas delicadas de santa. Se fosse outra e não

ela que estivesse ali naquela cama, vazando-se como um odre furado, bastaria um simples toque de suas mãozinhas macias para que a doença fugisse sem demora. Estou certa de que Arduene pode fazer milagres. Menos para ela mesma. Quando seus pais, aqueles misteriosos estrangeiros de roupas estranhas e colares de contas, a deixaram aqui, apenas por alguns dias e nunca mais voltaram, também deixaram a felicidade. Como num santo milagre, o céu, os campos e as montanhas deste lugar seco e cinzento, encheram-se de luzes e de cores, de plantas e de pássaros, borboletas e abelhas de mel, e o rio subiu muito acima do seu leito de pedras e os peixes começaram a brotar das suas margens escarpadas. E o granizo nunca mais caiu daquele velho céu de chumbo.

Os homens estão reunidos no armazém-geral discutindo uma expedição para ir buscar o médico. Caso se decidam, terão de atravessar as montanhas e pisar chão de muitas léguas. Não tenho ilusões. Depois que fracassaram as rezas mais fortes das velhas, as novenas e ladainhas, só me resta uma única esperança: – a grande festa de São Lázaro, em que todo o povoado está empenhado, porque todos sabem que Arduene não pode morrer. Vamos colocá-la no meio do terreiro e dançaremos até que os pés rachem e as mãos dos tamboreiros sangrem por todos os lados. Vamos sacrificar oitenta galinhas, vinte coelhos, cinco carneiros, dois bodes e um novilho, porque sabemos que Arduene não pode morrer. E prepararemos as bebidas da mandioca e do milho e vestiremos nossas melhores roupas e prepararemos um grande banquete para os cachorros vagabundos e lavaremos as feridas dos leprosos com água de rosas, pentearemos seus cabelos, untaremos seus pés com os óleos do almíscar e os receberemos em nossas casas como irmãos, porque sabemos que Arduene não pode morrer. Haveremos de abrir seus pequeninos lábios naquele sorriso luminoso que é a própria felicidade.

Qualquer sacrifício para salvar Arduene será pouco, porque se ela morrer, virá a noite eterna, com seus fantasmas e

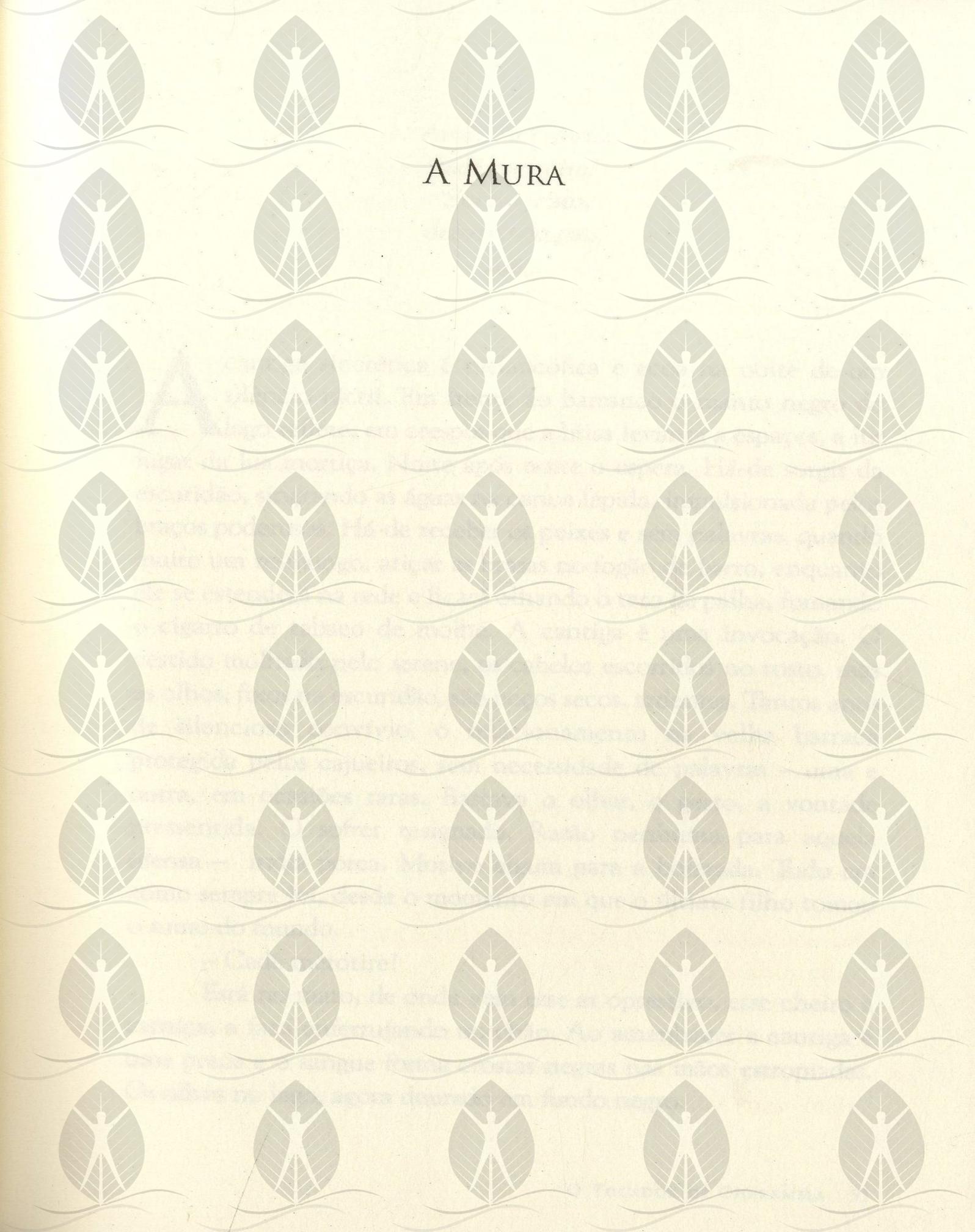


assombrações, com seus uivos de lobos famintos e aquele frio que enregela os ossos. E, então, será preciso que o avô destampe sua bilha de louça para nos dar um pouco de luz e de cor, enquanto estaremos pensando em Arduene e na felicidade que se foi com sua alma de anjo.

Mas Arduene não morrerá, nem que tenha de trocar minha vida pela dela. O avô, certamente, sabe fazer isso.



A MURA

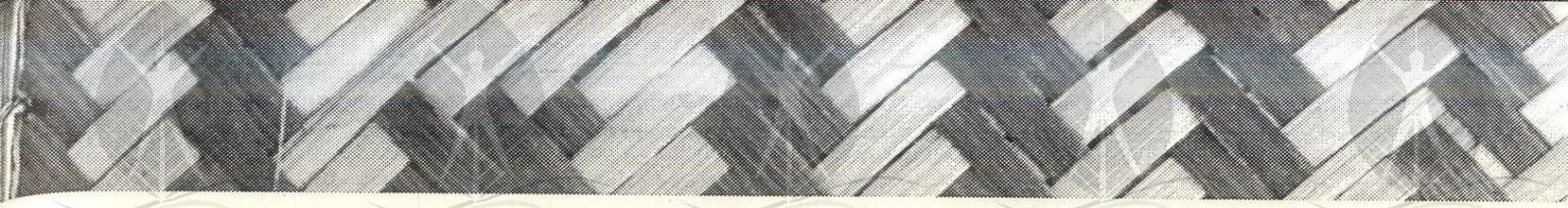


*Aruê, cará mirió;
cadê metotire?
'Stá no mato,
debaixo do pau,
auê...*

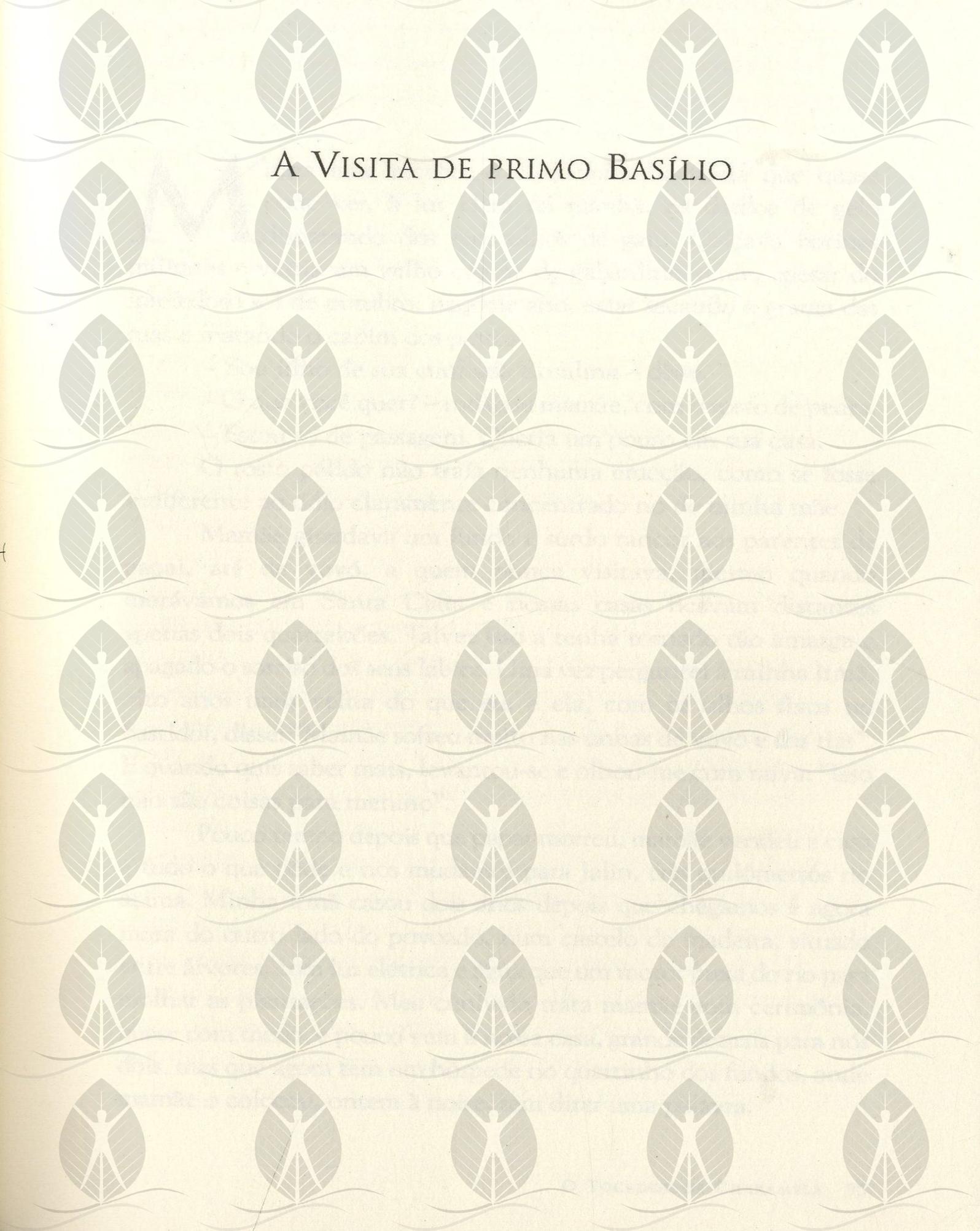
A cantiga sincrética é melancólica e ecoa na noite de um silêncio táctil. Em frente ao barranco o manto negro do lago reflete, em crespos que a brisa levanta a espaços, a luz fugaz da lua mortíça. Noite após noite o espera. Há-de surgir da escuridão, singrando as águas na canoa lépida, impulsionada pelos braços poderosos. Há-de receber os peixes e sem palavras, quando muito um resmungo, atizar as brasas no fogão de barro, enquanto ele se estenderá na rede e ficará olhando o teto de palha, fumando o cigarro de tabaco de molhe. A cantiga é uma invocação. O vestido molhado pelo serene, os cabelos escorridos no rosto, mas os olhos, fixos na escuridão, são poços secos, ardentes. Tantos anos de silencioso convívio, o relacionamento na velha barraca protegida pelos cajueiros, sem necessidade de palavras – uma e outra, em ocasiões raras. Bastava o olhar, o gesto, a vontade pressentida. O sofrer resignado. Razão nenhuma para aquela ofensa – índia porca. Motivo algum para a bofetada. Tudo era como sempre foi, desde o momento em que o último filho tomou o rumo do mundo.

– Cadê metotire?

Está no mato, de onde vem esse ar opressivo, esse cheiro à carniça, a faca enferrujando no chão. Ao amanhecer a cantiga é uma prece e o sangue forma crostas negras nas mãos estropiadas. Os olhos no lago, agora dourado em fundo negro.



A VISITA DE PRIMO BASÍLIO



Minha mãe recebeu-o com tamanha frieza que quase pude ver, à luz clara da manhã, os dardos de gelo disparando dos seus olhos de gato. Calçava botinas militares e vestia um velho capote de gabardine verde, apesar do impiedoso sol de outubro, naquele ano, estar secando a grama das ruas e matando o capim dos pastos.

– Sou filho de sua cunhada Rosalina – disse.

– O que você quer? – indagou mamãe, com o rosto de pedra.

– Estou só de passagem. Queria um pouso em sua casa.

O rosto pálido não traía nenhuma emoção, como se fosse indiferente ao ódio claramente concentrado no de minha mãe.

Mamãe guardava um fundo e surdo rancor aos parentes de papai, até de vovó, a quem nunca visitava, mesmo quando morávamos em Santa Clara e nossas casas ficavam distantes apenas dois quarteirões. Talvez isso a tenha tornado tão amarga e apagado o sorriso dos seus lábios. Uma vez perguntei à minha irmã, oito anos mais velha do que eu, e ela, com os olhos fixos no bastidor, disse: “Mamãe sofreu muito nas unhas de vovó e das tias”. E quando quis saber mais, levantou-se e olhou-me com raiva: “Isso não são coisas para menino”.

Pouco tempo depois que papai morreu, mamãe vendeu a casa e tudo o que pôde e nos mudamos para Jalin, três quilômetros rio acima. Minha irmã casou dois anos depois que chegamos e agora mora do outro lado do povoado, num castelo de madeira, situado entre árvores, com luz elétrica e água que um motor puxa do rio para molhar as plantações. Meu cunhado trata mamãe com cerimônia, quase com medo, e pouco vem à nossa casa, grande demais para nós dois, mas que agora tem um hóspede no quartinho dos fundos, onde mamãe o colocou, ontem à noite, sem dizer uma palavra.

Uma velha canção é a única coisa que me deixa saber, todas as manhãs, como está mamãe. Às seis horas, na tarefa invariável de regar a horta, se ela canta, sei que terei um dia mais feliz; se fica muda e apenas ouço o alegre e suave roçar da água nas folhas, tenho de esquecer-me o dia todo pelos cantos e lavar-me com esmero e voltar da aula com o uniforme tão limpo e engomado assim como o vesti à saída. É sempre a mesma canção, triste como a ladainha que se canta para os mortos. Tenho-a ouvido muitas vezes, mas nunca consegui aprendê-la. Nesta manhã não cantou e tenho a impressão de que a água do regador jorra com raiva sobre as plantas castigadas por este impiedoso sol de outubro.

Nosso hóspede devia estar estafado por uma longa viagem. Saiu do quarto às dez horas da manhã e deixou a casa pela porta dos fundos, sem tocar no bule que mamãe colocara sobre a chapa quente do fogão. Usava as mesmas botinas e o mesmo capote. Pouco depois ouvi o ronco surdo que minha mãe emite toda vez que alguma coisa a contraria seriamente. Seu querido pé de avenca, antes verde e robusto, estava morto.

– É este danado de sol, mãe – quis consolá-la.

– Não, não é o sol. É o olho dessa raça maldita. Seca tudo. Secou até minha pobre alma.

Mais tarde, quando punha a mesa para o almoço, parou um instante com os pratos na mão e murmurou: “Pelo menos, este não devora nossa comida”.

Ele voltou depois das nove horas e entrou direto para o quartinho. Minha mãe bordava à luz do candeeiro e não levantou o rosto do trabalho. Mas vi que suas mãos tremiam e pequeninas gotas de suor porejavam sua fronte. Eram como duas sombras inimigas que se evitassem.

Nesta noite mamãe entrou silenciosamente no meu quarto e me despertou.

– Você deu seu candeeiro pra ele?

– Não, senhora, está aí em cima do armário.

– Então deve ser uma vela.

Possuíamos apenas dois candeeiros e, à noite, um ficava no quarto de mamãe e o outro no meu. Foi só nesse momento que me lembrei. Ele chegara sem nenhuma bagagem, nem mesmo uma trouxa, mamãe não lhe dera rede e naquele quarto não havia nada. Sempre estivera desocupado e poeirento. Devia estar dormindo no chão, sobre o capote verde.

No quinto dia daquela estranha presença em nossa casa, ainda de madrugada, bateram na porta da rua e mamãe levantou resmungando. Logo depois ouvi a voz de meu cunhado murmurando alguma coisa e a seguir a voz esganiçada de minha mãe ressoou pela casa: “Que chegou a hora, coisa nenhuma”. Meu cunhado voltou a falar e mamãe respondeu no mesmo tom: “Estúpidos, ainda faltam mais de quinze dias. Espere aí que já volto”. Entrou no meu quarto e como eu permanecesse quieto, pegou-me pelo braço e falou baixo: “Acorde, vou a casa de sua irmã ver que papagaiada é essa”. E antes de sair, virou-se: “E não esqueça de aguardar as plantas”.

Quando o chiado das rodas da charrete se apagou no longe da estrada de barro, passei a tranca na porta e fui à cozinha beber água. Foi quando vi. Por baixo da porta do quartinho coava-se a luz. Uma luz branca, formando um risco brilhante no piso de tijolos. Tive certeza, aquilo não era luz de vela. Pensei em abaixar-me para olhar pela fresta, mas vi a bola de papel tapando o buraco onde antes estivera um trinco. Retirei-a com a ponta dos dedos, evitando fazer barulho. Olhei e logo fiquei gelado, como se a luz fria houvesse penetrado meu corpo. Ele flutuava, flutuava horizontalmente, como se estivesse deitado numa rede invisível. A luz intensa clareava todo o pequeno cômodo. E não havia vela. Fechei os olhos e os abri daí a pouco e desta vez tremi, como se alguém me sacudisse violentamente. Seu braço esquerdo pendia ao lado do corpo e a mão irradiava aquela luz branca e ofuscante. A mão disparava raios, igual à estampa de Nossa Senhora que havia na sala de vovó.

Assim que o sol libertou sua primeira claridade, corri para a horta e comecei a regar as plantas, furiosamente. Ainda não tinha chegado ao segundo canteiro quando senti sua presença às minhas costas. Virei tão rápido, que o regador escapuliu-me das mãos e caiu com um baque fofo sobre as couves. Ele estava parado e nos seus lábios havia um sorriso leve e frio.

– Você não se parece com sua mãe. Você vai ser igual a seu pai –, e depois virou-se e saiu pelo portão do quintal, na direção do rio.

Mamãe voltou já perto do meio-dia. Tirou o chapéu e disse: “Agora eu sou avó e você já é tio”.

Então tomei-lhe as mãos.

– Mãe, tenho medo desse homem.

Ela olhou-me como se não houvesse compreendido minhas palavras e, desvencilhando-se, foi para o quarto mudar de roupa.

Para meu espanto e maior medo, nesta noite, ele voltou mais cedo. Mamãe, bordava à luz do candeeiro, recostada na velha cadeira de balanço. Já atingia a entrada do corredor quando ela falou sem levantar o rosto.

– Quero ter uma palavrinha com você.

– Eu sei. Vou partir agora mesmo.

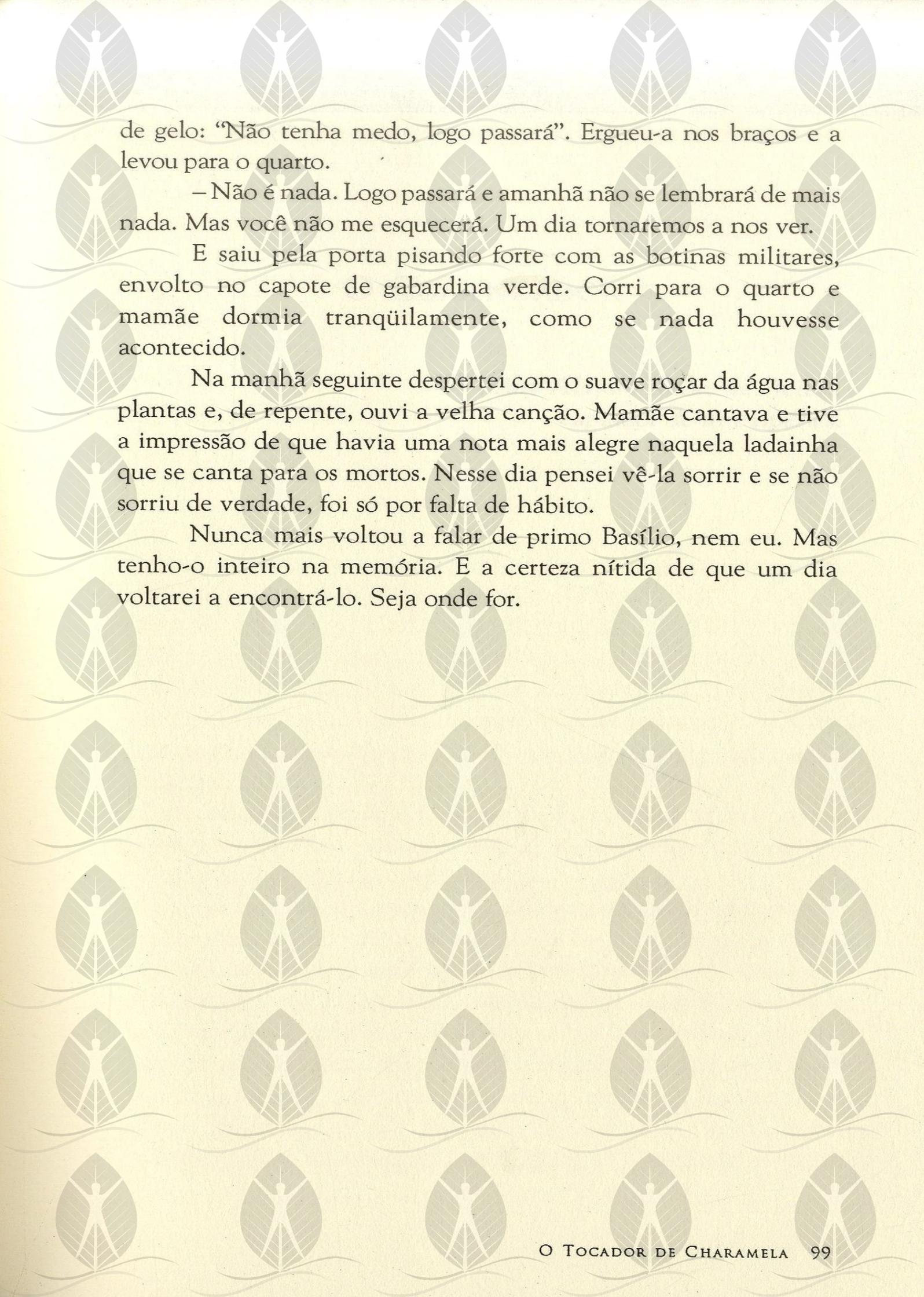
Deu meia-volta e encaminhou-se para a porta, mas, antes de atingi-la, mamãe ergueu-se e o fitou com aquela mesma frieza do primeiro dia.

– Você chegou a minha casa e apenas disse que era filho de Rosalina. Diga-me pelo menos qual deles você é.

Ele a olhou bem de frente e seus olhos estavam cobertos por uma névoa onde dois pontos escarlates luziam bem no fundo, como as lanternas das carroças, nas noites de tempestade.

– Eu deveria chamar-me Basílio, como meu avô.

Mamãe ficou branca e seus olhos de gato pareciam prestes a saltar do rosto. Tornou-se rígida, um instante, depois largou o bastidor e desabou sobre a cadeira, como um boneco de pano. Corri desesperado para ela, mas ele afastou-me com um leve toque da mão



de gelo: “Não tenha medo, logo passará”. Ergueu-a nos braços e a levou para o quarto.

– Não é nada. Logo passará e amanhã não se lembrará de mais nada. Mas você não me esquecerá. Um dia tornaremos a nos ver.

E saiu pela porta pisando forte com as botinas militares, envolto no capote de gabardina verde. Corri para o quarto e mamãe dormia tranqüilamente, como se nada houvesse acontecido.

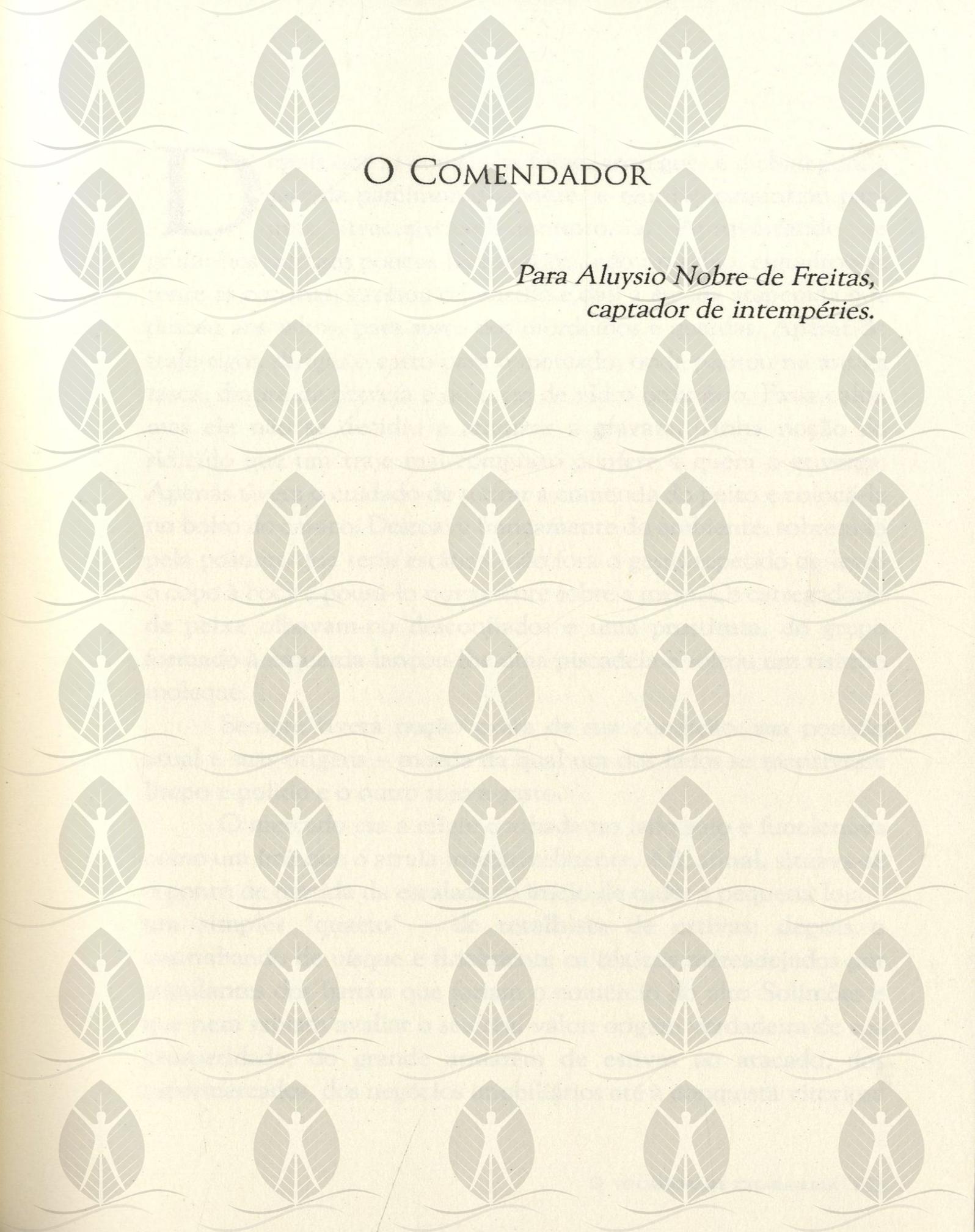
Na manhã seguinte despertei com o suave roçar da água nas plantas e, de repente, ouvi a velha canção. Mamãe cantava e tive a impressão de que havia uma nota mais alegre naquela ladainha que se canta para os mortos. Nesse dia pensei vê-la sorrir e se não sorriu de verdade, foi só por falta de hábito.

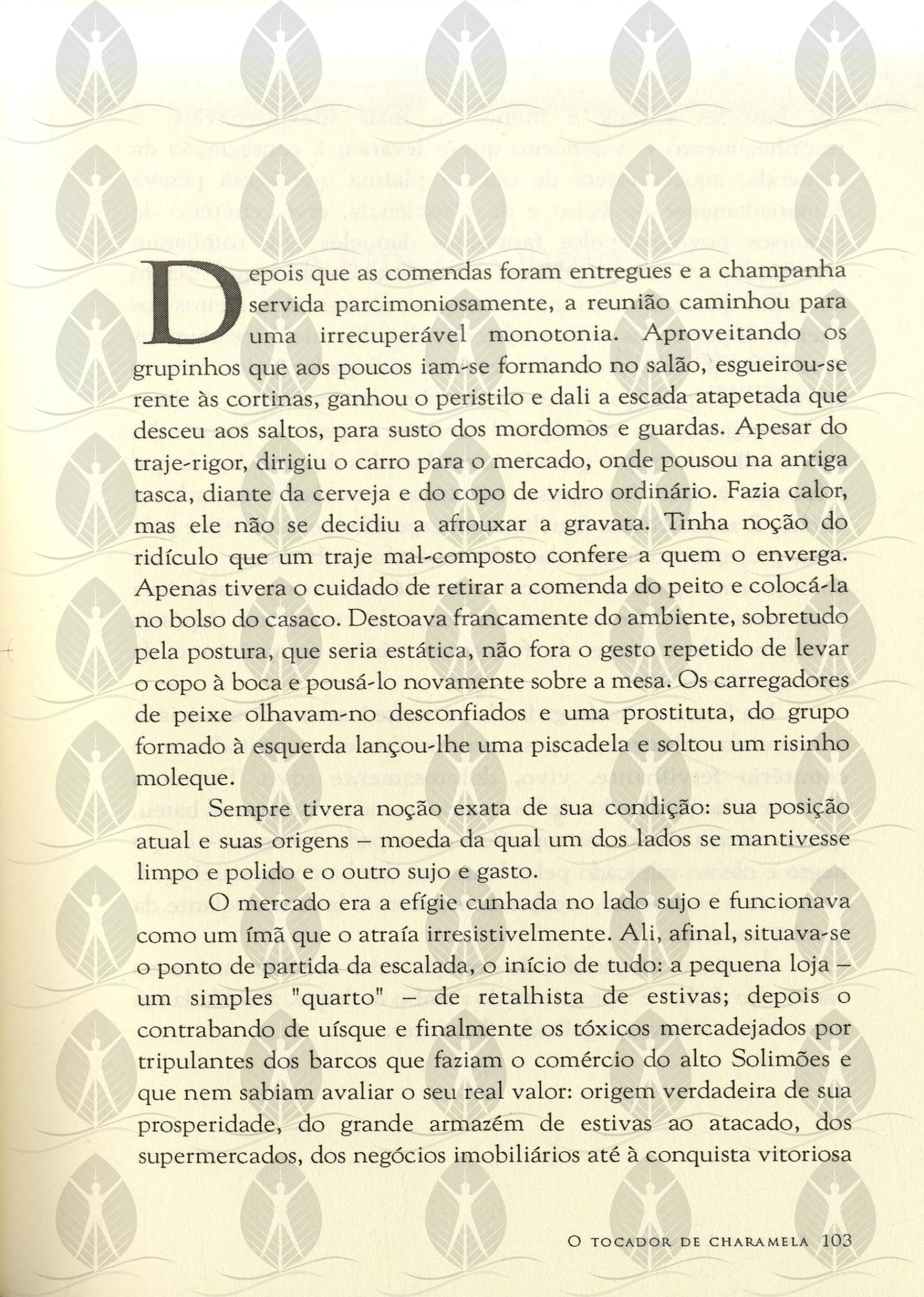
Nunca mais voltou a falar de primo Basílio, nem eu. Mas tenho-o inteiro na memória. E a certeza nítida de que um dia voltarei a encontrá-lo. Seja onde for.



O COMENDADOR

*Para Aluysio Nobre de Freitas,
captador de intempéries.*





Depois que as comendas foram entregues e a champanha servida parcimoniosamente, a reunião caminhou para uma irrecuperável monotonia. Aproveitando os grupinhos que aos poucos iam-se formando no salão, esgueirou-se rente às cortinas, ganhou o peristilo e dali a escada atapetada que desceu aos saltos, para susto dos mordomos e guardas. Apesar do traje-rigor, dirigiu o carro para o mercado, onde pousou na antiga tasca, diante da cerveja e do copo de vidro ordinário. Fazia calor, mas ele não se decidiu a afrouxar a gravata. Tinha noção do ridículo que um traje mal-composto confere a quem o enverga. Apenas tivera o cuidado de retirar a comenda do peito e colocá-la no bolso do casaco. Destoava francamente do ambiente, sobretudo pela postura, que seria estática, não fora o gesto repetido de levar o copo à boca e pousá-lo novamente sobre a mesa. Os carregadores de peixe olhavam-no desconfiados e uma prostituta, do grupo formado à esquerda lançou-lhe uma piscadela e soltou um risinho moleque.

Sempre tivera noção exata de sua condição: sua posição atual e suas origens – moeda da qual um dos lados se mantivesse limpo e polido e o outro sujo e gasto.

O mercado era a efígie cunhada no lado sujo e funcionava como um ímã que o atraía irresistivelmente. Ali, afinal, situava-se o ponto de partida da escalada, o início de tudo: a pequena loja – um simples "quarto" – de retalhista de estivas; depois o contrabando de uísque e finalmente os tóxicos mercadejados por tripulantes dos barcos que faziam o comércio do alto Solimões e que nem sabiam avaliar o seu real valor: origem verdadeira de sua prosperidade, do grande armazém de estivas ao atacado, dos supermercados, dos negócios imobiliários até à conquista vitoriosa

dos bastiões sociais e mundanos mais inexpugnáveis, o reconhecimento e o conceito que o levaram à consagração da comenda, aquela roseta de ouro e platina que agora pesava demasiadamente no bolso e na consciência, esse cemitério de remorsos povoado pelos fantasmas daqueles que tombaram sacrificados aos seus propósitos, esses pobres coitados que fizeram do velho mercado o seu universo, quase ali nascidos, afeitos aos cheiros de peixe, das verduras deterioradas, dos mictórios imundos e aos vícios mais profundos, embora sufragados pelos amores travados nas palhoças da praia ou sobre esteiras, à luz do luar; brutos, cuja postura mais digna é curvar-se ao peso dos sacos e das caixas, olhando os pés gretados e lambuzados do suco áspero que sobrevém à fatal hemoptise. Máquinas movidas a aguardente barato. E as prostitutas famélicas, entorpecidas pela cerveja e pela erva, projeção no futuro daquelas mocinhas suburbanas que, no começo, empregava no florescente armazém de estivas, assalariava pela metade e dobrava sobre os sacos de cereais no depósito fumegante de calor e de fermentos vários, de paixão e de concupiscência.

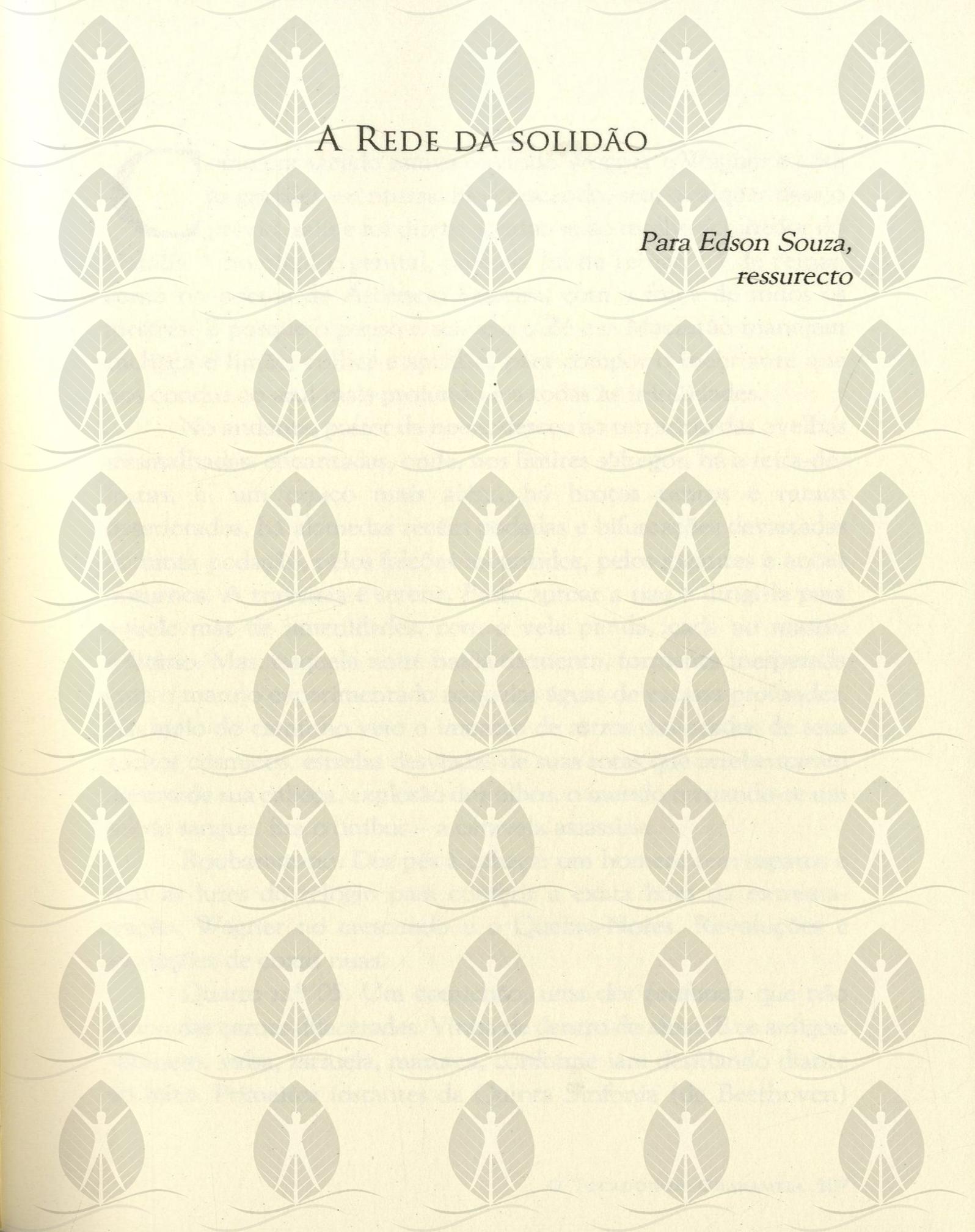
Na fresca da madrugada, de pé, rente à amurada, acariciava a comenda reluzente, sopesava-a, os fantasmas agitados e o cemitério fervilhante, vivo, dolorosamente vivo. Deixou-a escorrer pelas pontas dos dedos e sorriu quando o rico metal bateu, quatro metros abaixo, na superfície encrespada das águas – corpo negro e oleoso salpicado pelas lanternas dos barcos pesqueiros. E voltou-se a barlavento, recebendo no rosto a brisa acariciante da manhã nascente.

Às cinco, as garrafas de cerveja vazias acumulavam-se no canto sujo do bar e a prostituta do risinho moleque, acavalada em suas pernas, soltava gargalhadas flamantes.



A REDE DA SOLIDÃO

*Para Edson Souza,
ressurecto*



Como era sábado estava ouvindo Wagner e Wagner excita às grandes aventuras. No crescendo, sem qualquer desejo prévio, saiu e foi direto acostar-se ao molhe acolhedor do Natália – nominal e genital, pois ela há de reinar, há de reinar, como no poema de Ascêncio Ferreira, com a força de todos os mestres. E porque o pouso é suave e o Zé e o Macarrão manejam cachaça e limão, colher e aptidão, para compor o inebriante que nos conduz ao azul mais profundo e a todas às iniquidades.

No andante, pastor da noite, desceu ao território das ovelhas tresmalhadas, encantadas, onde, nos limites sôfregos, há a feira-de-frutas, e, um pouco mais além, há brotos tenros e ramos deteriorados, há alamedas recém podadas e bifurcações devastadas de tanta podaço, pelos falcões incontidos, pelos gigantes e anões noturnos. A travessia é serena. Basta aproar a nau e dirigi-la para aquele mar de amenidades, com a vela panda içada ao mastro solitário. Mas, naquela noite havia tormenta, tormenta inesperada para o marujo experimentado naquelas águas de escassa profundez. No meio do caminho veio o impacto de astros deslocados de seus nichos cósmicos, estrelas desviadas de suas rotas que arrebutaram dentro de sua cabeça, explosão dos olhos, o mundo tornando-se um sol de sangue. Era o ônibus – a caravela assassina.

Roubaram-no. Dos pés à cabeça: um homem sem sapatos e sem as luzes do relógio para conferir a exata hora da extrema-unção. Wagner no crescendo e o Quebra-Nozes. Revoluções e evoluções de coxas nuas.

Quarto n.º 05. Um comichão, uma dor profunda que não vinha das carnes dilaceradas. Vinha de dentro da alma. E os amigos. Minueto, valsa, zarzuela, mazurca, conforme iam desfilando diante do leito. Primeiros instantes da Quinta Sinfonia (de Beethoven)

afirmando que estava morrendo, mas não estava só. Enganos, equívocos – um pastor que ama suas ovelhas espanta a morte a golpes de cajado e torna-se alado, disposto a aventuras mais loucas.

Só, ou quase só, estava agora, com os barulhos dos motores e dos carros de bebidas, e a irmã, murcha, calada, temerosa de que o avião desabasse ao primeiro arremesso contra as nuvens peçadas. A irmã, tão amiga, tão sofrida e tão irmã; tão solidária e ali, ao lado, unindo mágoas. Ele e Ela. Afinal, irmãos.

Santa Maria de Belém – Valha-me, Senhora. Ver-o-Peso. Tão alto, não dá para ver, e, enfim, o Braz. São Braz, protetor dos que sofrem da garganta e extirpa espinhas da gulodice dos que não têm paciência para engolir o peixe. A casa do amigo, braços abertos. A velha alma andando, ainda, na sofreguidão dos canais sangüíneos.

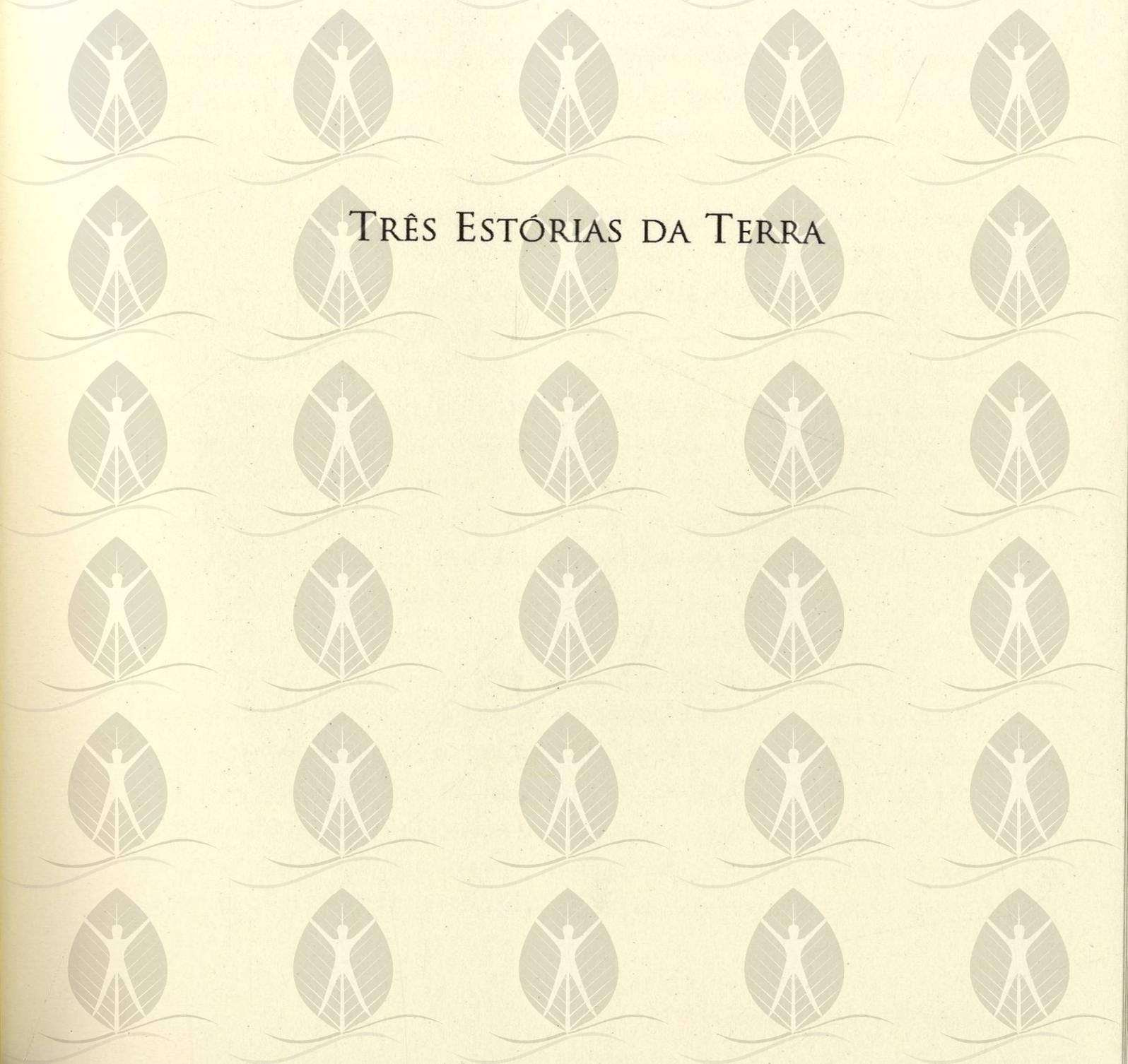
– São Braz, o meu mal é outro, embora precise fortalecer a garganta para não cair em soluços a cada minuto, a cada segundo, quem sabe, a cada átomo da minha pobre e inesperada vida.

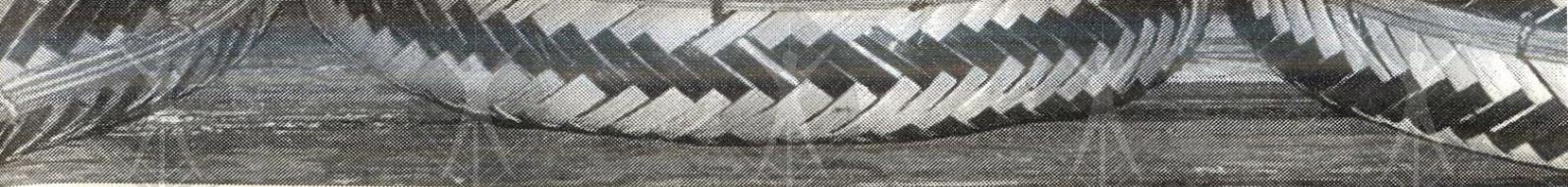
E a rede.

A rede e mais a poltrona e mais a janela e mais a rua, onde os meninos jogam um futebol aquático. Era o seu estar, era sua paisagem e era, acima de tudo, a solidão amarga, degustada no único boteco, ao lado da barbearia, que descobriu depois, e onde refugiava-se uns momentos e preparava-se para a rede e para as visões de Walquírias docemente cavalgadas. Nas horas de sobriedade, restavam os fantasmas loucos incrustados na parede nua e o temor nauseante do açai devorado, após o almoço, no mesmo prato em que fora servido o repasto. E o som do carimbó persistente, renitente, atordoante; infundáveis rumores do Recório e, por fim, além da cortina das lágrimas, um pequeno, trêmulo vislumbre do rebanho perdido, do porto acolhedor tão distante, das naus que as queria aladas, para romper espaço e tempo e mergulhar naquele inebriante que leva às grandezas e iniquidades, mas principalmente ao azul mais profundo do esquecimento.

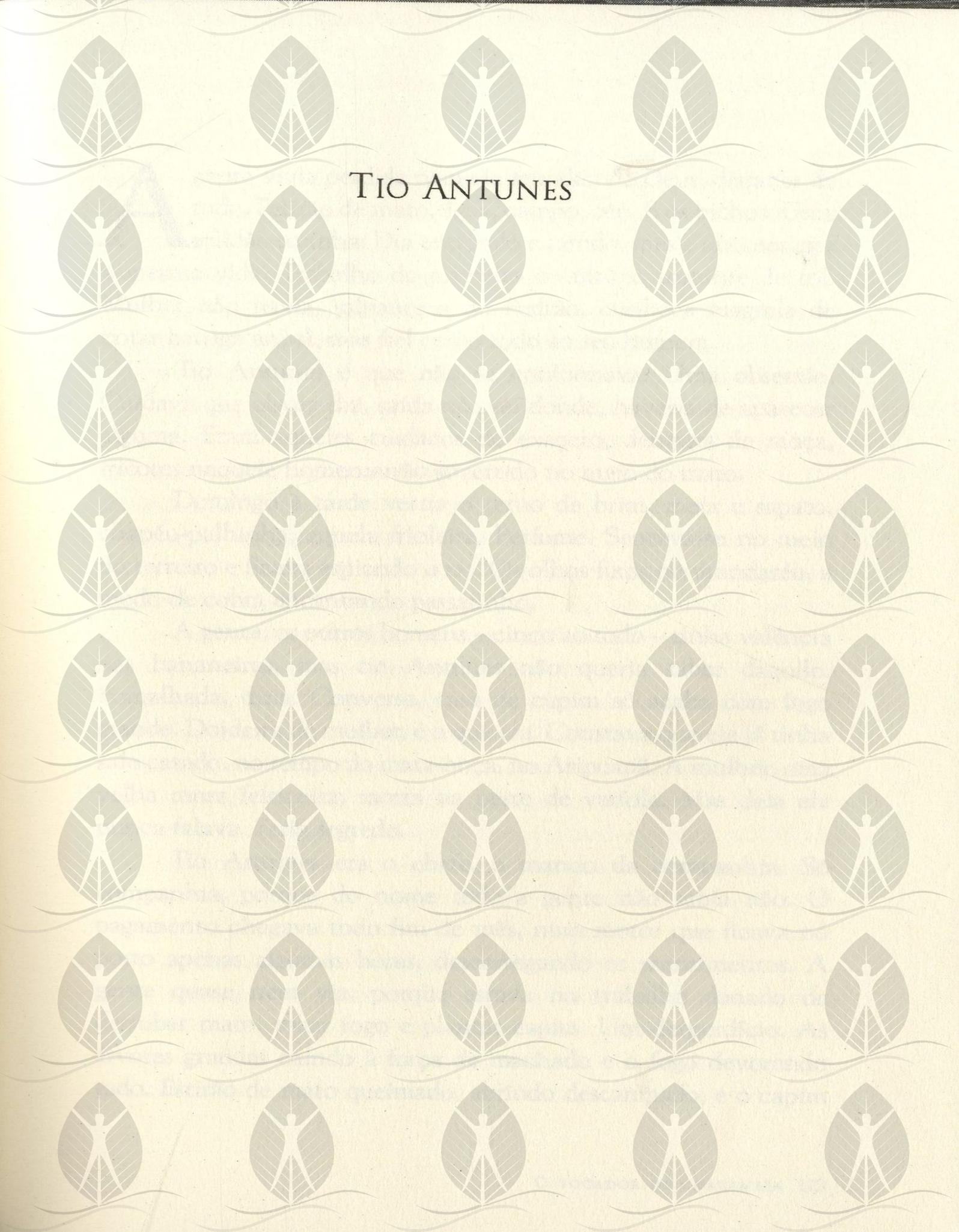


TRÊS ESTÓRIAS DA TERRA





TIO ANTUNES



A gente vivia perdida naquele mundão de Deus, distante de tudo. Estirão de mato, água, campo, céu. E os bichos. Uma solidão sozinha. Dia entrando e saindo, mês e ano, sempre a mesma vida. Trabalho do primeiro ao último instante de sol. Mulher não havia, salvante a do Pedrão, curiboca magrela de botar barriga anual, mas fiel como todo ao seu homem.

Tio Antunes é que não se conformava. Uma obsessão. Cuidava que algum dia, saída não sei donde, haveria de aparecer alguma. Eram aqueles cuidados de exagero, dengues de moça, fricotes naquele homenzarrão sovertido no meio do mato.

Domingo à tarde vestia o terno de brim, meia e sapato, chapéu-palhinha; aquela frioleira. Perfume. Sentava-se no meio do terreiro e ficava espiando o rio. Os olhos fixos no mundaréu, a modo de cobra encantando passarinho.

A gente, os outros homens – cinco ao todo – tinha valência nas bananeiras, mas tio Antunes não queria saber daquilo. Porcalhada, dizia. Conversa, casa de cupim só acaba com fogo grande. Doideira de mulher, é o que era. Constava que ele já tinha sido casado, no tempo do mata-onça, no Aripuanã. A mulher, uma velha mura feiticeira, morta na peste de varíola. Mas dela ele nunca falava. Fazia segredo.

Tio Antunes era o chefe, a mando da companhia. Só companhia, porque do nome todo a gente não sabia não. O pagamento chegava todo fim de mês, num motor que ficava no porto apenas algumas horas, descarregando os mantimentos. A gente quase nem via, porque estava no trabalho danado de derrubar mato, tocar fogo e plantar capim. Um desperdício. As árvores graúdas caindo à força de machado e o fogo devorando tudo. Estirão de mato queimado, abrindo descampado, e o capim

nascendo verdinho, jaraguá e colonião alto, que ia dar de comer ao gado. Currais. Fileira de cerca de perder de vista. Tio Antunes vexava os homens – O batelão não tarda a chegar trazendo os bois, os vaqueiros, o gerente.

E chegou, numa manhã enfarruscada. Baita de batelão, atracado num motor de dois passadiços. Na frente os bois amontoados, tocando os garranchos dos chifres, mugindo, os olhos de uma tristeza medonha, espiando o rio. Atrás os cavalos.

Os homens de pé no barranco, espiando a atracação. Tio Antunes na frente de todos, vestindo o terno de brim, chapéu na mão. Teso e sério como um patrão. Foi quando num portaló apareceu a cabeça loura de mulher. Sorriu. Tio Antunes tremeu, eu vi. Deu um passo de lado, enfiou a mão no bolso da calça. Roncou, um ronco baixo e fundo.

O gerente subiu a escada do barranco, pisando forte nas tábuas. Do lado a mulher. Mulherona –, calça comprida acochada, mostrando o roliço das coxas e o monturo das partes. Apertou a mão de tio Antunes e disse alguma coisa que ninguém ouviu, porque prestava atenção no desassossego do velho. Estava meio penso e a gente via que fazia força para não olhar a mulher, mas os olhos, jitinhos de apertados, entortavam na direção dela. E ela rindo, os beiços encarnados e os dentes numa fileira apumada.

Depois do estrupício do desembarque dos bois e dos cavalos, os vaqueiros ficaram com a gente no barracão. Quatro cearenses e um gaúcho que não sabia dormir de rede. Gente falante, de fala esquisita, meio cantada, às vezes ligeira. O gerente e a mulher foram para a casa nova, construída por tio Antunes com a ajuda do Pedrão, já com todos os apetrechos que o motor tinha trazido na última viagem. Até geladeira.

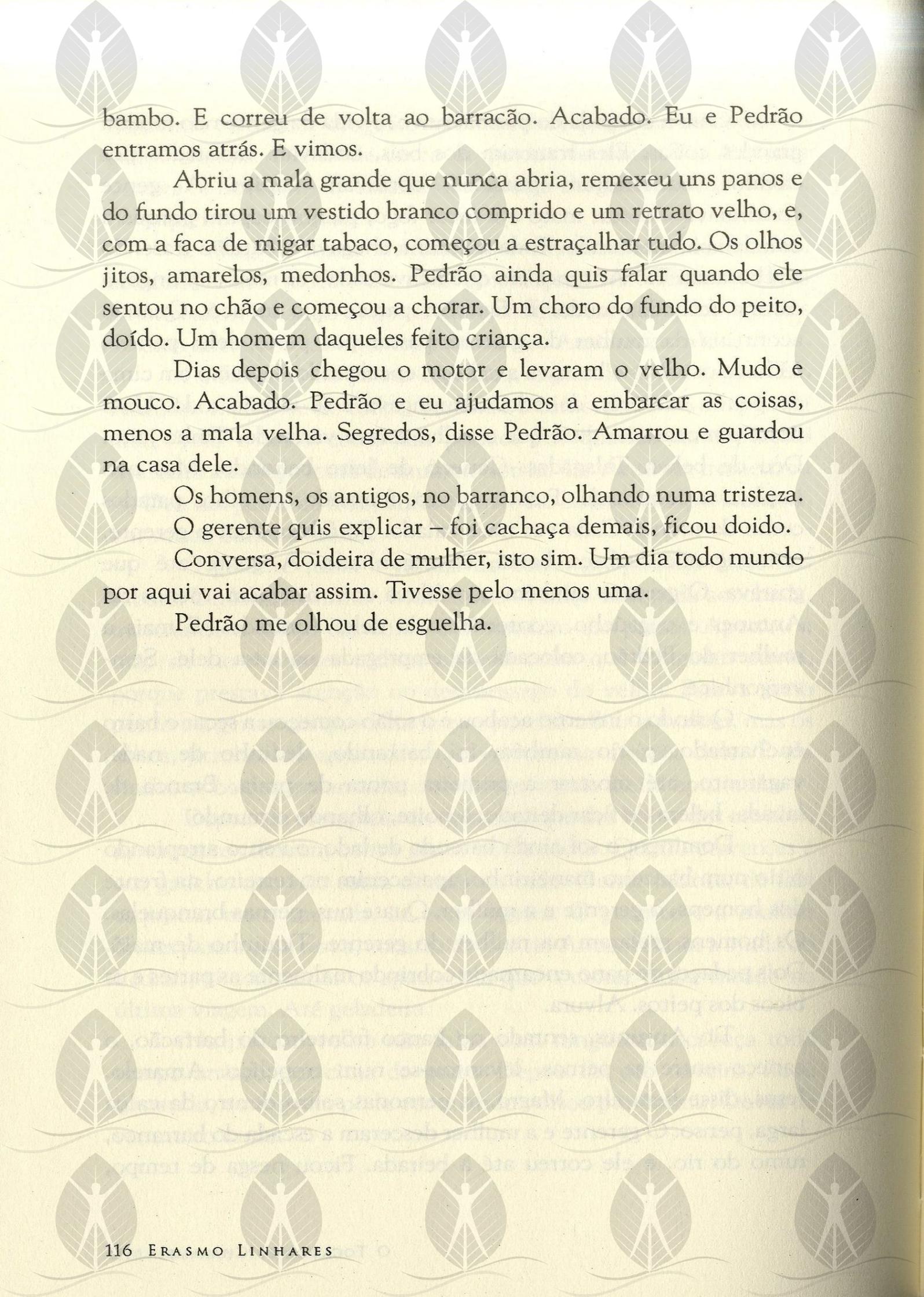
Na janta o velho não falou com ninguém, a cabeça todo tempo arriada por cima do prato. Depois foi pro terreiro, ficou fumando, e ninguém pôde ver quando voltou pra dormir. Devia de ser muito tarde.

Com a chegada do pessoal novo, a vida da gente não mudou grandes coisas. Eles tratavam dos bois, andavam montados nos cavalos, construíram puxadas, cortavam capim. A gente continuava a cortar mato e a tocar fogo, plantar capim, porque a boiada ia aumentando. Toda quinzena chegava o batelão trazendo a zeburama. Tio Antunes era que ficava cada vez mais capiongo, a carona fechada, mudo. E também parece que mouco. Quando acontecia da mulher do gerente passar por perto dele, parava, fechava os olhos e baixava a cabeça, encalcando o queixo em cima do peito. Às vezes, deitado, resmungava e se tremia todo. Uma noite um cearense disse que o velho estava variando. Tinha jeito. Deu de beber. Talagadas. Caneco de leite beirando. Mas não implicava com nada. Ficava quieto, fumando, os olhos parados como de morto. Cada vez mais calado. Só falava com o gerente, resmungando, cabeça baixa, envergonhado. A gente até que gostava. O gerente também não falava com ninguém, menos tio Antunes e o gaúcho, conterrâneo lá dele. Amizades. E mais a mulher do Pedrão, colocada de empregada na casa dele. Sem-vergonhice.

Quando o inverno acabou e o solão começou a secar o barro encharcado, o rio também foi baixando, dedinho de nada, vagarento, até mostrar a primeira ponta de praia. Branca de lavada, beleza de ficar deitado, à noite, olhando o mundo.

Domingo, o sol ainda batendo de lado, o vento arrepiando o rio num banzeiro maneirinho, apareceram no terreiro, na frente dos homens, o gerente e a mulher. Quase nus, pernas branquelas. Os homens grelaram na mulher do gerente. Tiquinho de maiô. Dois pedaços de pano encarnado cobrindo malmente as partes e os bicos dos peitos. Alvura.

Tio Antunes, sentado no banco fronteiro do barracão, o caneco entre as pernas, levantou-se num tropeliço. Amarelo. Jesus, disse bem alto. Magro, as pernonas soltas dentro da calça larga, penso. O gerente e a mulher desceram a escada do barranco, rumo do rio, e ele correu até à beirada. Ficou nesga de tempo,



bambo. E correu de volta ao barracão. Acabado. Eu e Pedrão entramos atrás. E vimos.

Abriu a mala grande que nunca abria, remexeu uns panos e do fundo tirou um vestido branco comprido e um retrato velho, e, com a faca de migar tabaco, começou a estraçalhar tudo. Os olhos jitos, amarelos, medonhos. Pedrão ainda quis falar quando ele sentou no chão e começou a chorar. Um choro do fundo do peito, doído. Um homem daqueles feito criança.

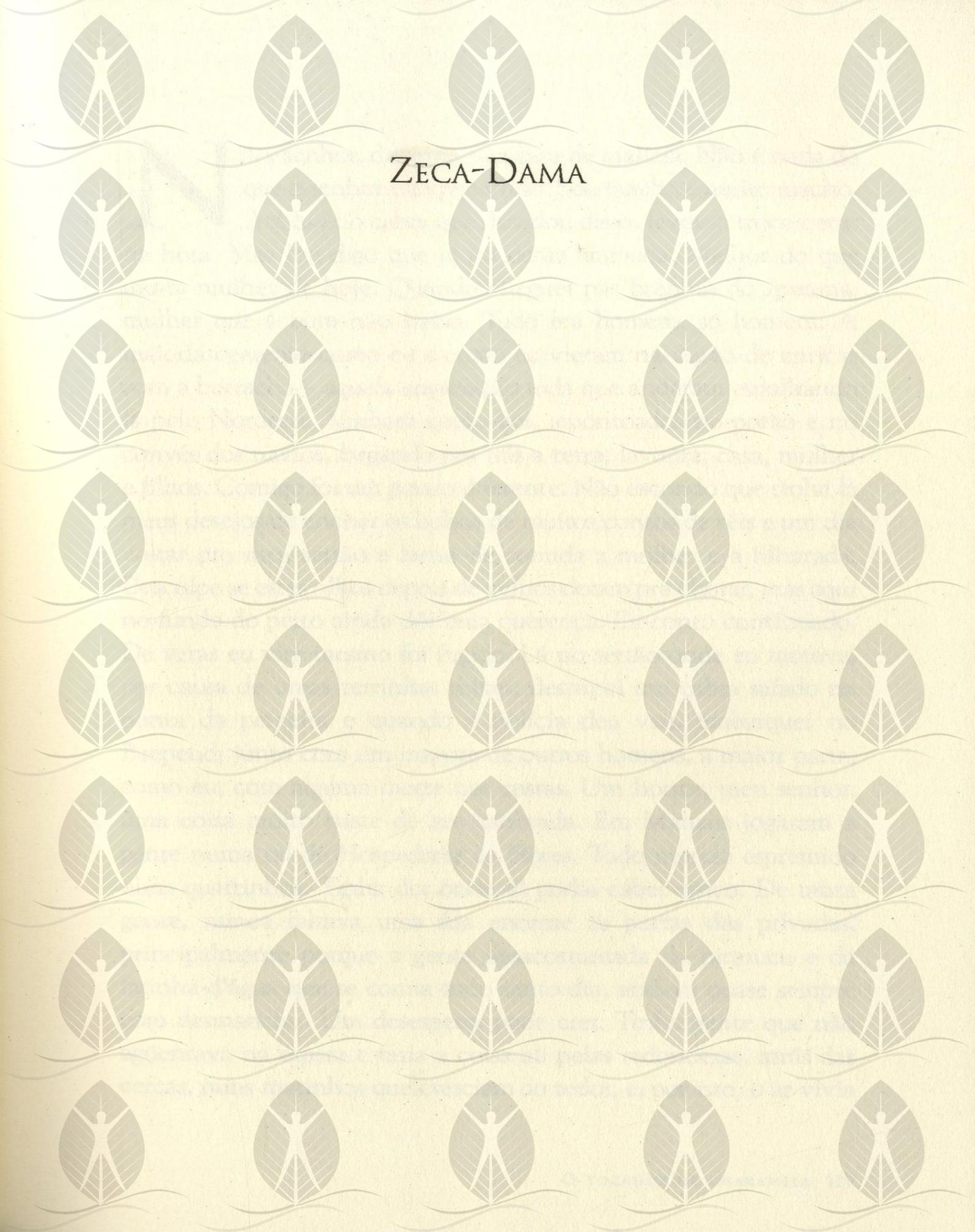
Dias depois chegou o motor e levaram o velho. Mudo e mouco. Acabado. Pedrão e eu ajudamos a embarcar as coisas, menos a mala velha. Segredos, disse Pedrão. Amarrou e guardou na casa dele.

Os homens, os antigos, no barranco, olhando numa tristeza. O gerente quis explicar – foi cachaça demais, ficou doido. Conversa, doideira de mulher, isto sim. Um dia todo mundo por aqui vai acabar assim. Tivesse pelo menos uma.

Pedrão me olhou de esguelha.



ZECA-DAMA



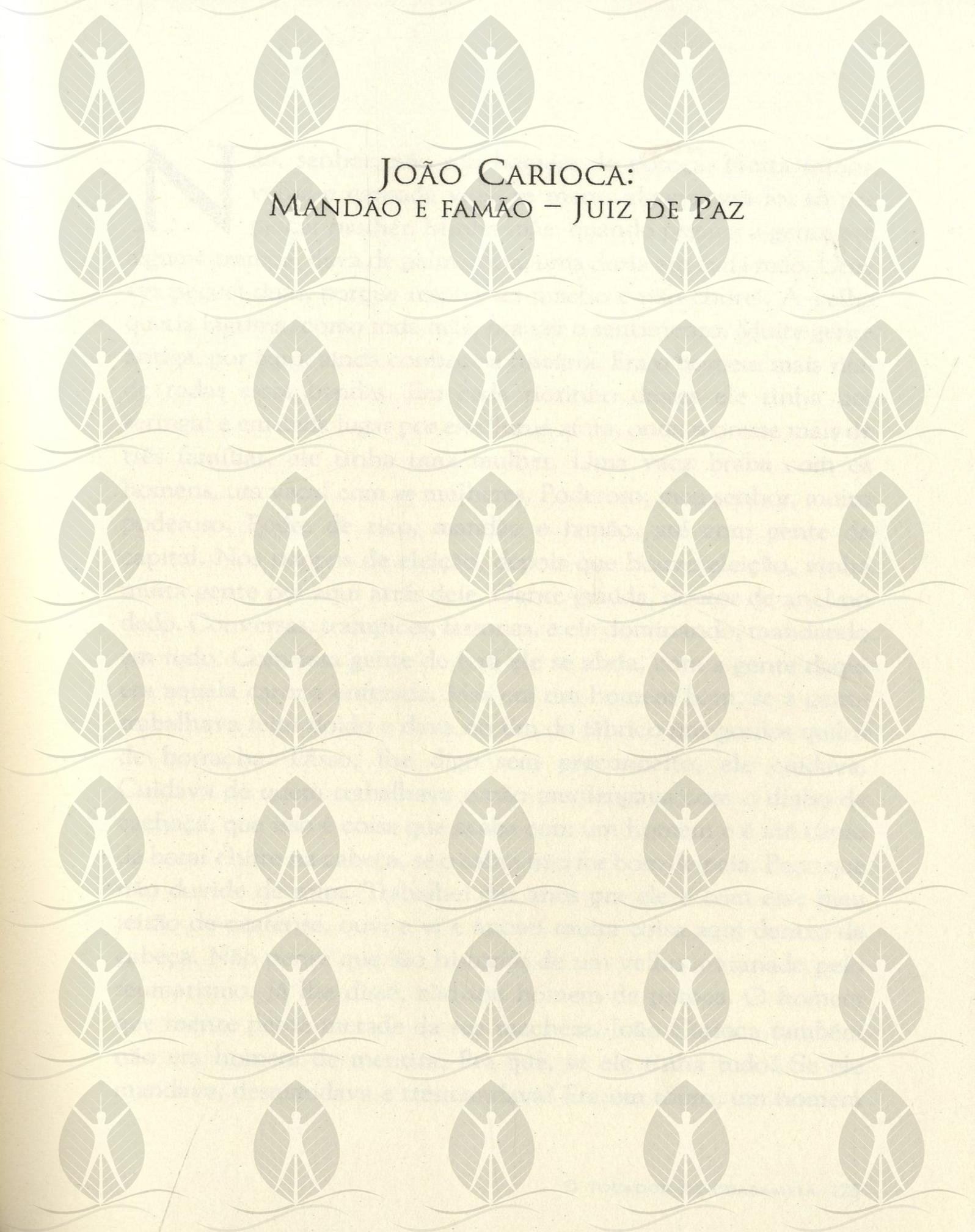
Não, senhor, desarme essa cara de malícia. Não é nada do que o senhor está pensando. Sou macho e muito macho. Até hoje o cabra que duvidou disso, levou o troco certo na hora. Mas lhe digo que já fui dama afamada. Melhor do que muita mulher de hoje. Quando cheguei nas brenhas do Ipixuna, mulher que é bom não havia. Tudo era homem, só homem. A maioria cearense como eu e como eu vieram na ilusão de enricar com a borracha – aquela enganação toda que andaram espalhando lá pelo Nordeste. Vinham como boi, amontoados no porão e no convés dos navios, largando pra trás a terra, lavoura, casa, mulher e filhos. Comigo foi um pouco diferente. Não escondo que tinha lá meus desejos de encher os bolsos de muitos contos de réis e um dia voltar pro meu sertão e faltar de comida a mulher e a filharada. Desculpe se estes olhos depois de velhos deram pra chorar, mas aqui no fundo do peito ainda dói uma querença. Eu conto continuado. De veras eu vim mesmo foi fugido. Lá no sertão onde eu morava, por causa de umas terrinhas mixes, destripei um cabra safado na ponta da peixeira e quando a polícia deu vau, embarquei no Baependi junto com um magote de outros homens, a maior parte, como eu, com alguma morte nas costas. Um horror, meu senhor, uma coisa muito triste de ser lembrada. Em Manaus jogaram a gente numa tal de Hospedaria de Flores. Todo mundo espremido nuns quartinhos. Tinha dez onde só podia caber cinco. De tanta gente, nunca faltava uma fila enorme às portas das privadas, principalmente porque a gente desacostumada do pirarucu e da farinha-d'água que se comia todo santo dia, andava quase sempre com desmancho. Um desespero, pode crer. Tinha gente que não agüentava na espera e fazia a coisa ali pelas redondezas, atrás das cercas, nuns matinhos que cresciam ao redor, e, por isso, o ar vivia

empestado. Depois de uns dois meses separaram a gente em lotes e mandaram uns pra cá, outros pr'ali. A mim me mandaram pro Ipixuna, nas brenhas onde não morava quase ninguém. Não reclamei nem pechinei. Quanto mais longe melhor. De perto, um perto muito longe, só Eirunepé de um lado e Cruzeiro do outro. Cheguei num dia e no outro me mandaram pro centro, com o Dorca – um cabra nascido por aqui mesmo, meio gente, meio índio, mas um camaradão. Duro, meu senhor, duro foi acostumar naquele mundão de mato vazio de gente e com a doideira daquele trabalho de escravo. Acordar antes do sol e sair pelo mato raspando casca de seringueira, pendurando tijelinha, comer só por comer, enganando estômago com ipadu, e depois voltar pelo mesmo caminho, recolhendo o leite, correr para a barraca e começar a defumação. Os seringueiros antigos se riam da gente, da nossa falta de jeito. Conto sem ter vergonha – muitas vezes chorei, escondido do Dorca, e amaldiçoei o dia que deixei a minha terra. Mas tudo no começo é assim mesmo. Não há nada de tão ruim que a gente não se acostume. E eu e os outros – os brabos, como a gente era chamado –, acabamos nos acostumando. A vida no seringal não é sopa, mas também tem os seus momentos. Tinha o sábado. O sábado, meu senhor, era o nosso dia. Quando a gente voltava do barracão do gerente, tratava logo de descarregar o rancho, tomar banho e num instante estava na canoa, vestido de limpo, chapéu, todo emperiquitado, e toca a remar para casa de Mestre Felisberto. Era a festa, a festa que a gente esperava toda a semana, num desassossego. Tinha música, sim: a rabeca de Mestre Felisberto, o banjo do Curica e mais o Zé Preto batendo o compasso com duas colheres enganchadas nos dedos. Mas, como eu já lhe falei, mulher que é bom não havia. Por isso dançava homem com homem e foi aí que eu ganhei fama. Experimentei a primeira vez só pra dar gosto ao Dorca, companheiro que me ensinou a cortar seringa, com paciência de santo. E quando começamos a dançar, os outros foram parando abestados, olhando nós dois saracoteando pela sala. Desde aquela noite fiz nome e renome. Não me lembro mais quem

inventou a moda, mas os homens que dançavam como dama amarravam um pano na cabeça, para diferenciar dos outros. Um dia, um sujeito quizilento chamado Procópio, entendeu que a gente tinha de pintar os beiços com urucu e de vestir maria mijona. Pra dar mais sensação, como ele disse. Só não matei o filho duma égua na horinha, porque os outros não deixaram. Mas nunca mais dancei com aquele corno. Depois eu mesmo inventei de calçar sapatos tênis para dar mais leveza nos pés. Sim, lhe digo, havia outros homens que também dançavam como dama, mas nenhum como eu. Tanto que uma vez houve uma briga de dois cabras por causa de mim. Foi preciso eu arriar as calças e mostrar os possuídos e gritar que eu era homem e muito do seu macho e não ia permitir que dois safados brigassem com ciúme de mim, como se eu fosse mulher ou foboca, que Deus me livre e guarde. Mesmo assim eu não chegava pra quem queria. Tinha noite de gastar quase toda a sola do meu tênis de tanto arrastar os pés no chão de terra. Uma coisa de doido. Só parava pra tomar uns goles de cachaça e assim mesmo aqueles cabras ficavam todos me cercando e de olho vivo pra me pegar primeiro. Não, não ria, homem fazer vez de dama não é coisa pra qualquer um. Desculpe que eu lhe diga, mas é preciso muita arte. Tem que ter o corpo leve e os pés ligeiros, molejo na cintura, balanço de perna e sentido calculado. Tem de ser uma pluma e adivinhar de véspera o movimento do cavalheiro. Ainda hoje, por todas estas bandas, ainda me conhecem como Zeca-Dama. Já lhe pedi, não faça cara de malícia. Agora eu sou um velho, mas ainda sei tirar desforra. Ninguém nunca duvidou da minha macheza, porque todo mundo sabe que eu, com uma faca na mão, sou o próprio capeta. Hoje mora muita gente por essas beiras e tem muita mulher. Nas festas, às vezes, tem mesmo mais mulher do que homem. Mas nenhuma dança como eu, naqueles tempos. Se não fosse o diabo do reumatismo que me amolenga as pernas e me endureceu as cadeiras, eu era capaz de lhe mostrar. Dou-lhe minha palavra. Pergunte ao Dorca, ele mora ali no primeiro sítio à esquerda, descendo o rio. O Dorca não me deixa mentir. Boa noite, passe bem.



JOÃO CARIOCA:
MANDÃO E FAMÃO – JUIZ DE PAZ



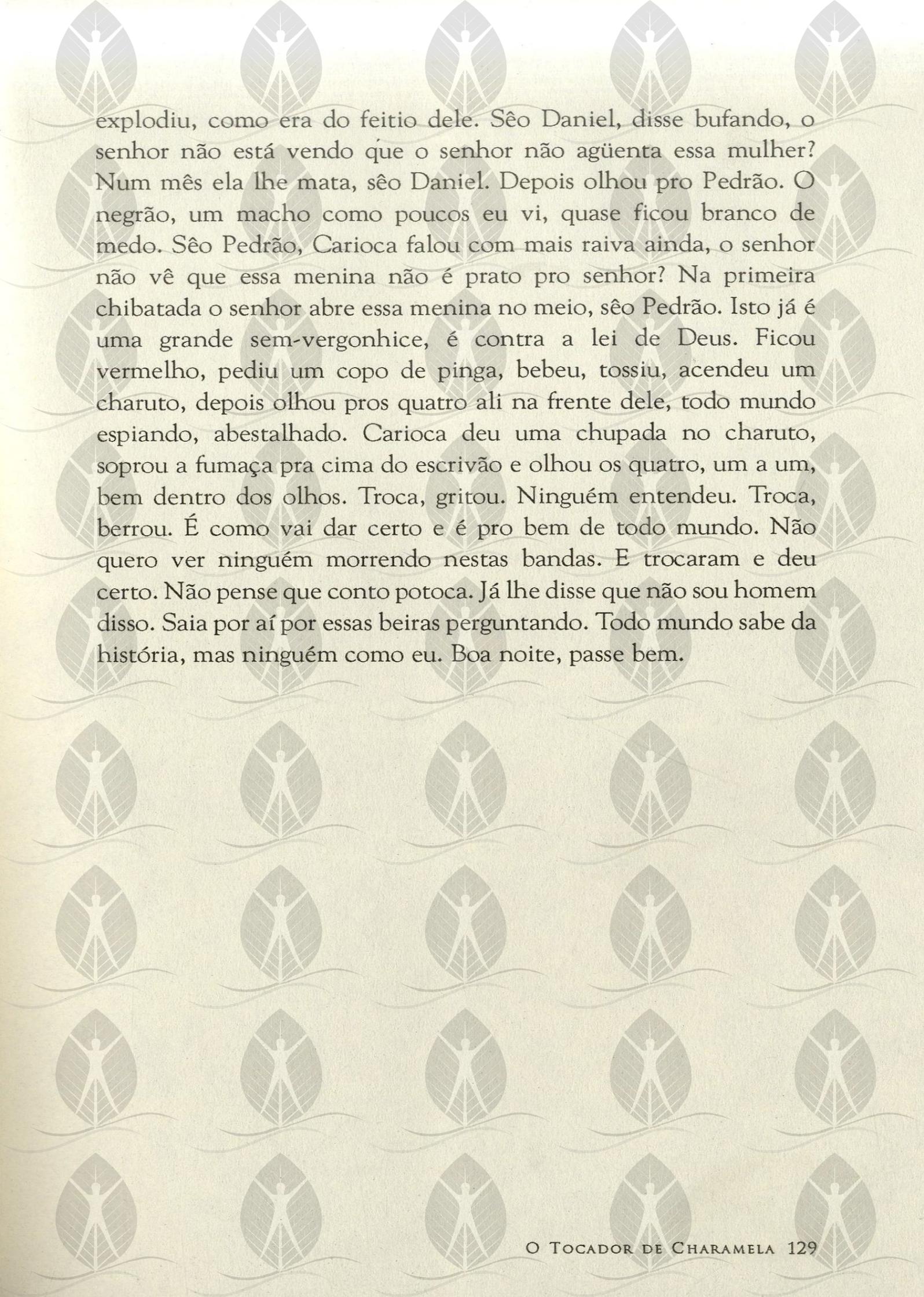
Não, senhor, não sou homem de potoca. Nesta minha velha e cansada vida, se menti alguma vez foi só pra pescar mulher. Minha mãe, quando pegava a gente em alguma trampa, dava de palmatória, uma dúzia em cada mão. Uma vez peguei duas, porque resolvi ser macho e não chorei. A velha queria lágrima, como toda mãe, pra ver o sentimento. Muita gente antiga, por aqui, ainda conhece a história. Era o homem mais rico de todas essas bandas. Em cada riozinho desses ele tinha um seringal e em cada lugar por esse Juruá afora, onde morasse mais de três famílias, ele tinha uma mulher. Uma vaca braba com os homens, um vacal com as mulheres. Poderoso, meu senhor, muito poderoso. Podre de rico, mandão e famão, até com gente da capital. Nos tempos de eleição, depois que houve eleição, vinha muita gente por aqui atrás dele. Gente graúda, doutor de anel no dedo. Conversas, trampices, farronas, e ele dominando, mandando em tudo. Com essa gente de fora ele se abria, com a gente daqui era aquela carona enfezada. Mas era um homem bom, se a gente trabalhava feito doido e dava no fim do fábrica uns gordos quilos de borracha. Disso, lhe digo sem preconceito, ele cuidava. Cuidava de quem trabalhava e não amolengava com o diabo da cachaça, que isso é coisa que acaba com um homem e é até capaz de botar chifre na cabeça, se o cabra não for bom de peia. Peço que não duvide de mim. Trabalhei dez anos pra ele e com esse meu jeitão de cearense, ouvi e vi e anotei muita coisa aqui dentro da cabeça. Não pense que são histórias de um velho atazanado pelo reumatismo. Já lhe disse, não sou homem de potoca. O homem que mente perde metade da sua macheza. João Carioca também não era homem de mentira. Pra que, se ele tinha tudo? Se ele mandava, desmandava e tresmandava? Era um touro, um homem

capaz de engolir um garrafão de boa pinga do Ceará e sair andando sem que ninguém dissesse. Só vermelhão, a barrigona empinada dentro do paletó de tubarão que ele nunca largava, mesmo quando o suor empapava a camisa e a banha do pescoço fazia uma lista preta no colarinho. Estou lembrando que ele deu de usar paletó, digo melhor, de não largar mais o paletó, depois que foi feito Juiz de Paz, mandando e desmandando desde Eirunepé até quase Cruzeiro. Quase tudo, se me lembro bem. Eirunepé, Envira, Ipixuna e esses lugares todos que existem por aí. Casava e se não dava certo descasava e casava de novo. Tudo como ele queria pra que as coisas não desandassem nos seringais. Já lhe contei uma vez, mulher por aqui não havia, de começo. Coisa muito rara e por causa disso os homens endoidavam. João Carioca sabia disso e sabia cuidar muito bem do caso. Mulher era prêmio. Trabalhou, ele arranjava mulher, mas obrigava a casar e quando os filhos nasciam, ele trazia o padre de Rio Branco, espichando viagem de semanas, só pra batizar os moleques. E João Carioca era o padrinho. Ele era compadre de todo mundo e ainda hoje existe muito safado por estas bandas que é afilhado dele.

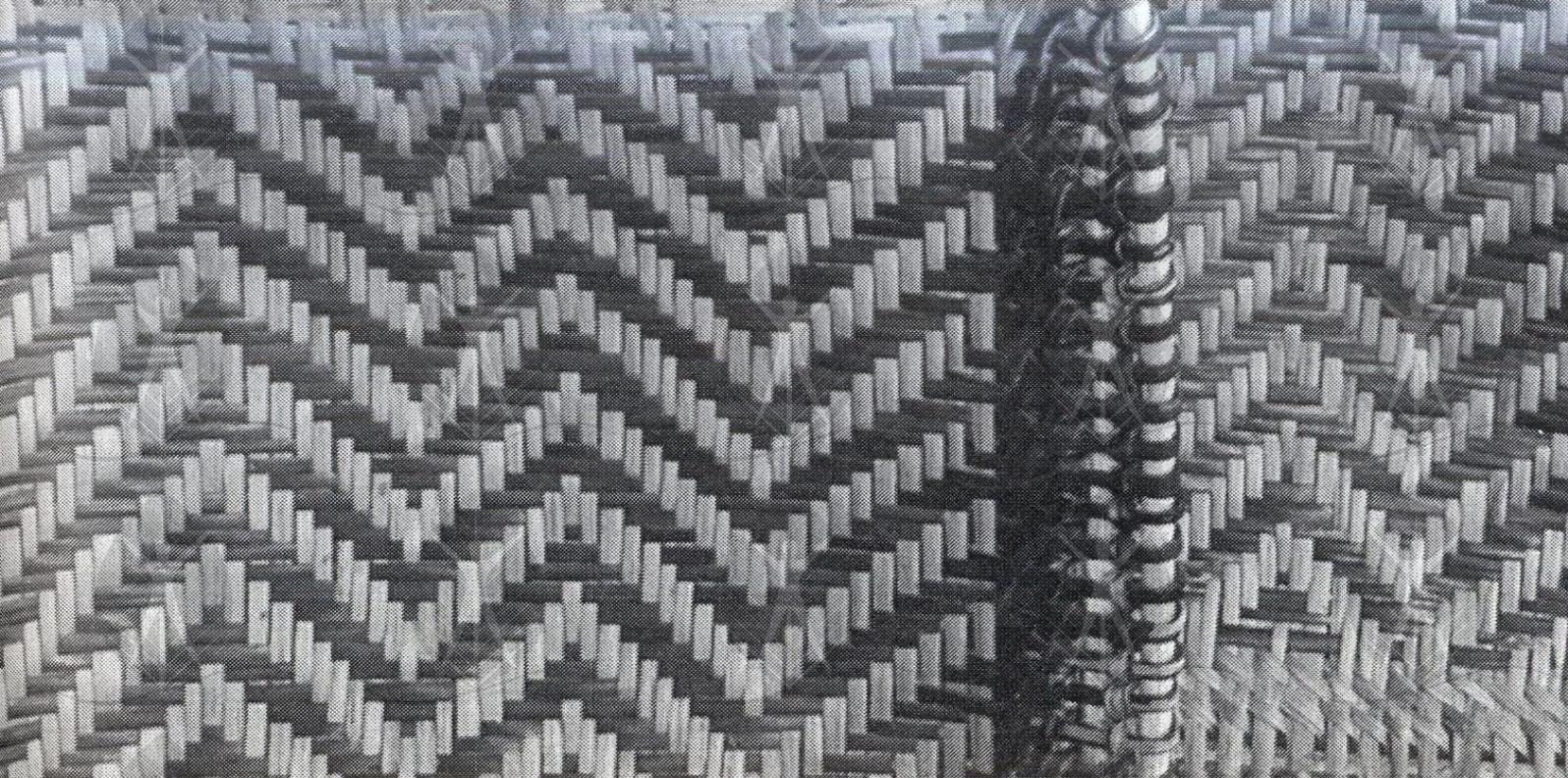
Já lhe disse duas vezes, mas repito agora, pro senhor entender bem este caso que lhe conto. Mulher era coisa rara. Era prêmio. E Carioca sabia premiar. Todo novembro ele viajava pro Ceará, Fortaleza, no conforme do que ele dizia. E lá arranjava as mulheres. Depois foi que eu fiquei sabendo. Ele arranjava as decaídas na zona mesmo. Contratava, levava no médico, dava remédio se elas tinham alguma engaliqueira. Comprava roupa, comprava batom, ruge, remédio pra engordar, se a vagabunda era magra. Enfeitava toda a mulherada e trazia de navio pra Manaus e de lá pra cá, no barco dele mesmo. Já perto do Natal ele saía de viagem para visitar os seringais, um a um. Um barco imenso, todo pintado de branco, limpo que era uma beleza. Um magote de marinheiros, um comandante de carta e tudo, vestido com farda de galões azuis e dourados – um sujeito muito do seu metido a merda –, e mais, pode acreditar, três taifeiros vestidos de branco,

engomadinhas e com cara meio pro cá meio pro lá, que serviam pinga, cerveja preta, que eu nunca mais vi na minha vida, gelada num depósito de gelo, pedronas daquelas da fábrica do Plano Inclinado, e chá. Esse seu riso é que me dá gastura. Já não lhe disse que não sou homem de mentiras? É a pura verdade. Carioca tinha uma frescura de tomar chá todo dia, às cinco horas da tarde, sempre às cinco horas da tarde, nunca antes nem depois. Era, pelo que me consta, a única fraqueza que ele tinha. O senhor me desviou. O caso era que ele botava todo o mulhério dentro do barco e parava em cada porto. Parava, mandava chamar o seringueiro da localidade e o diabo do escrivão do lado, na mesa um livrão de capa dura, cheia de desenhos imitando couro. E aí, meu senhor, era a agonia do pobre do seringueiro, porque não havia astúcia. Estava tudo ali anotado. Era a hora do prêmio pelo trabalho que o cabra tinha feito como escravo, o ano todo. O sujeito esticava o olho pra ver quem saía de dentro dos camarotes, mas o negócio era bem ensaiado, a modo de pastorinha. Cada uma a sua vez. João Carioca perguntava, olhando dentro do olho do sujeito, a cara séria que não dava pra gente saber o que ele estava pensando de veras: Natálio? O escrivão respondia – duzentos quilos. João Carioca: Marlene! E saía uma velha batida, com falhas nos dentes ou com uma dentadura dessas que têm mais gengiva do que dente. Não tinha do que reclamar. Pra dizer a verdade, ninguém podia reclamar. Porque antes era pior. Carioca levava mulher, feia ou bonita, velha ou moça, mas sempre mulher. Antes dele, o patrão levava mas era o umbigo de peixe-boi. Depois ou vou lhe mostrar uma marca que eu tenho aqui nas costas. Desculpe, já vejo pelo fogo dos seus olhos que me desviei. Conto, conto pelo fio da história. João Carioca mandava, desmandava e tresmandava. Chegava no segundo porto e na frente do seringueiro do lugar perguntava: Nepomuceno? O escrivão em cima da bucha – quinhentos quilos. João Carioca – Luzia! Saía do camarote uma tetéia, uma coisa de fazer gosto, meu senhor, coisa de botar um seringueiro doido, depois de tanto jejum. Era assim,

primeiro e depois, e quanto mais mulher mais borracha. Mas não pense que ele deixava as mulheres sem socorro. Duvido. Ficou com mulher era pra tratar bem, fosse velha ou fosse nova, feia ou bonita. E depois, quem era que não queria fêmea. E depois, quem era que não queria ser compadre de João Carioca? Foi assim até que isto aqui se encheu de mulher e de filhos de toda essa gente que ele juntou e, depois, quando foi nomeado Juiz de Paz, acabou casando pelo sério, com papel, aliança e tudo. A aliança ele dava, como presente de casamento. Aliança de ouro, não duvide e não faça essa cara de malícia. Ele também era padrinho. Mas, aí, João Carioca já estava parado na sede dos seringais, já não andava no fim do ano pro Ceará, já não engolia um garrafão de pinga e deixou até de tomar chá às cinco horas da tarde. Bebia lá a sua pinguinha, fumava lá os seus charutos, passava tardes deitado na espreguiçadeira lendo os jornais de Manaus e os livros, que ele tinha alguns. Não pense que mudou muito. Não, era sempre o poderoso, mandando e desmandando, e mais ainda tresmandando. Não era mais o vacal, mas ainda era o vaca-braba. Conto uma desses tempos. Todo mundo tinha de casar com ele, que era o Juiz de Paz. Os casamentos eram no sábado à tarde e de todo canto chegavam as canoas enfeitadas com bandeirinhas de papel de seda colorido, as noivas de vestido branco, grinaldas e luvas, tudo branco. Os noivos de calça e camisa de punho, também tudo branco, e reclamando dos sapatos que apertavam os dedões de mangarataia. Num sábado chegaram muitos casais e vinham entre eles, Daniel, que a gente chamava de Amarelinho, porque era um sujeito enfezado, mirrado, um merdinha de nada, e o Pedrão, um negro do tamanho não sei do quê. Um homem que além de alto era uma anta feito gente, de tanta força. Quando chegou na vez deles, porque o escrivão, o mesmo que trabalhava há anos nas contas dos seringais, chamava os casais dois a dois, pra não dar muito trabalho, João Carioca, sentado na cadeirona de palhinha, atrás de uma mesa comprida e cheia de papéis, olhou, olhou, olhou, fez uma carona de raiva, ficou uns dois minutos caladão e

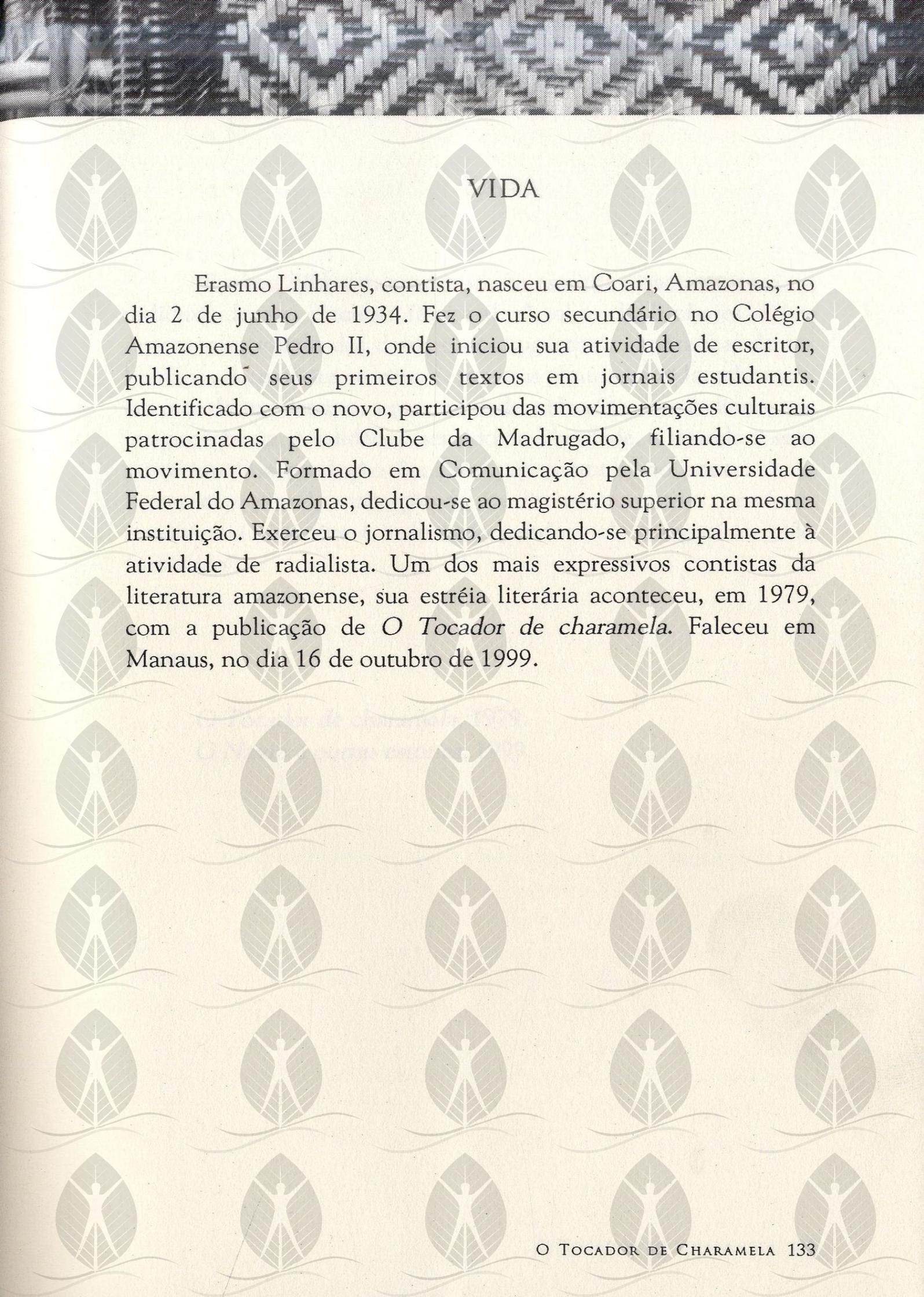


explodiu, como era do feitio dele. São Daniel, disse bufando, o senhor não está vendo que o senhor não agüenta essa mulher? Num mês ela lhe mata, são Daniel. Depois olhou pro Pedrão. O negrão, um macho como poucos eu vi, quase ficou branco de medo. São Pedrão, Carioca falou com mais raiva ainda, o senhor não vê que essa menina não é prato pro senhor? Na primeira chibatada o senhor abre essa menina no meio, são Pedrão. Isto já é uma grande sem-vergonhice, é contra a lei de Deus. Ficou vermelho, pediu um copo de pinga, bebeu, tossiu, acendeu um charuto, depois olhou pros quatro ali na frente dele, todo mundo espiando, abestalhado. Carioca deu uma chupada no charuto, soprou a fumaça pra cima do escrivão e olhou os quatro, um a um, bem dentro dos olhos. Troca, gritou. Ninguém entendeu. Troca, berrou. É como vai dar certo e é pro bem de todo mundo. Não quero ver ninguém morrendo nestas bandas. E trocaram e deu certo. Não pense que conto potoca. Já lhe disse que não sou homem disso. Saia por aí por essas beiras perguntando. Todo mundo sabe da história, mas ninguém como eu. Boa noite, passe bem.



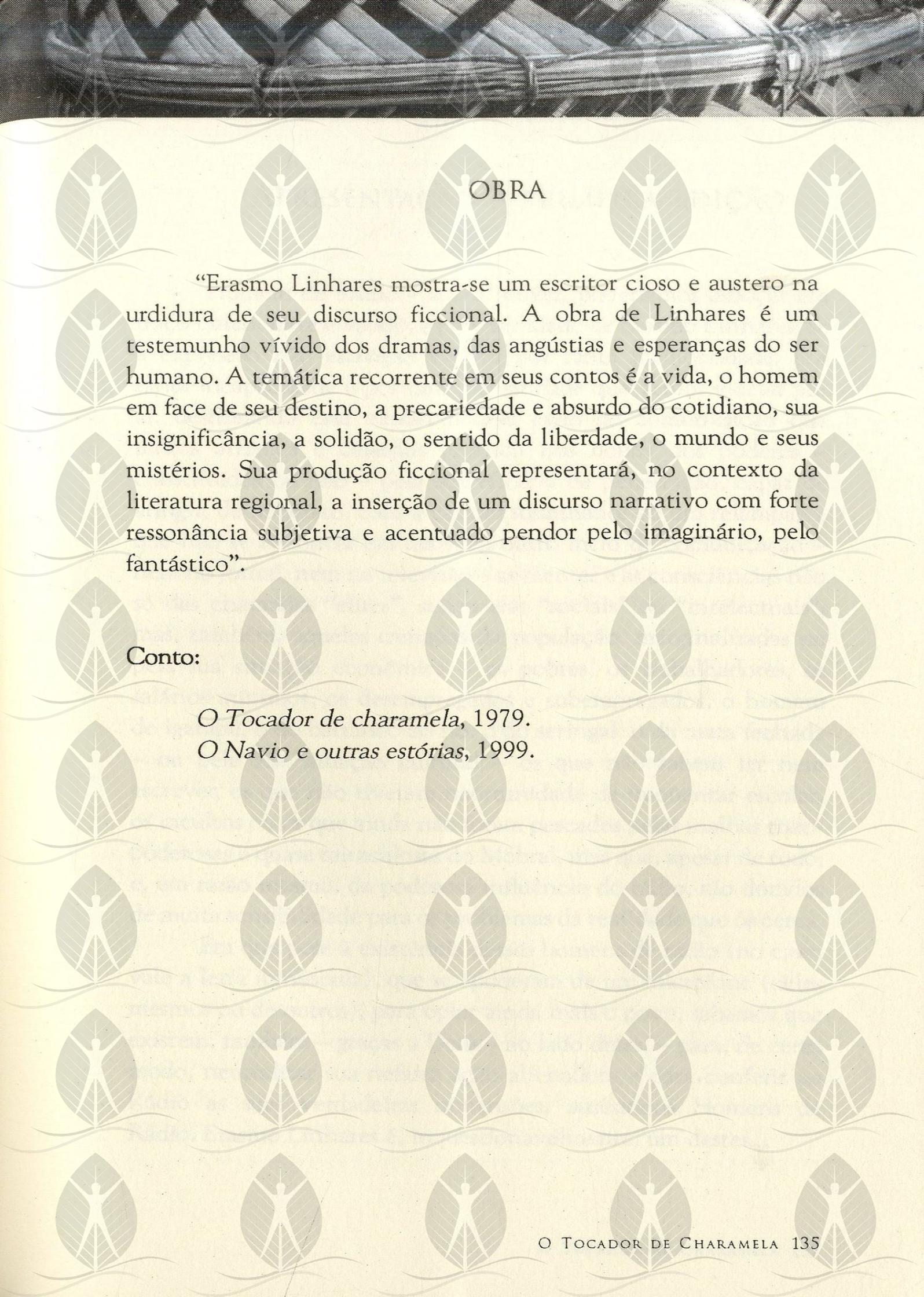
ERASMO LINHARES

VIDA E LITERATURA



VIDA

Erasmu Linhares, contista, nasceu em Coari, Amazonas, no dia 2 de junho de 1934. Fez o curso secundário no Colégio Amazonense Pedro II, onde iniciou sua atividade de escritor, publicandõ seus primeiros textos em jornais estudantis. Identificado com o novo, participou das movimentações culturais patrocinadas pelo Clube da Madrugado, filiando-se ao movimento. Formado em Comunicação pela Universidade Federal do Amazonas, dedicou-se ao magistério superior na mesma instituição. Exerceu o jornalismo, dedicando-se principalmente à atividade de radialista. Um dos mais expressivos contistas da literatura amazonense, sua estréia literária aconteceu, em 1979, com a publicação de *O Tocador de charamela*. Faleceu em Manaus, no dia 16 de outubro de 1999.



OBRA

“Erasmu Linhares mostra-se um escritor cioso e austero na urdidura de seu discurso ficcional. A obra de Linhares é um testemunho vívido dos dramas, das angústias e esperanças do ser humano. A temática recorrente em seus contos é a vida, o homem em face de seu destino, a precariedade e absurdo do cotidiano, sua insignificância, a solidão, o sentido da liberdade, o mundo e seus mistérios. Sua produção ficcional representará, no contexto da literatura regional, a inserção de um discurso narrativo com forte ressonância subjetiva e acentuado pendor pelo imaginário, pelo fantástico”.

Conto:

O Tocador de charamela, 1979.

O Navio e outras estórias, 1999.

APRESENTAÇÃO À PRIMEIRA EDIÇÃO

Homem de Rádio – assim, talvez, poderíamos esboçar em traço único, forte e válido, a personalidade de Erasmo Linhares, se a expressão não estivesse viciada por tanta mediocridade, por tanta incapacidade e por tanta leviandade que vemos vicejar por aí, desfibrando esse extraordinário meio de comunicação que tantos arrepios e calafrios provoca nos donos dos poderes – constituídos ou não – pela sua eficácia de penetração, capaz de atingir, de imediato, com a rapidez fulminante de um relâmpago, que não se encontra em nenhum outro meio de comunicação – nem no jornal, nem na televisão – as mentes e as consciências não só das chamadas “elites”, sejam elas “sociais” ou “intelectuais”, mas, também, aquelas camadas da população, marginalizadas ou pela sua situação econômica – os pobres, os trabalhadores, os salários-mínimos, os desempregados e subempregados, o homem do igarapé, o do barranco do rio, o do seringal, o da mata fechada – ou pela sua situação cultural – os que não sabem ler nem escrever, os que não tiveram oportunidade de freqüentar escolas, os incultos ou os que ainda não foram pescados pelas malhas todopoderosas e quase miraculosas do Mobral, mas que, apesar de tudo, e, em razão mesmo, da poderosa influência do rádio, são dotados de muita sensibilidade para os problemas da realidade que os cerca.

Em que pese à existência desses homens de rádio (no caso, vale a letra minúscula), que se apoderam de um microfone (deles mesmos ou de outros), para opiar ainda mais o povo, sabemos que existem, também – graças a Deus – ao lado deles, – para, de certo modo, neutralizar sua nefasta ação alienadora e para conferir ao Rádio as suas verdadeiras dimensões, autênticos Homens de Rádio. Erasmo Linhares é, inquestionavelmente, um destes.

E, se quiséssemos acrescentar mais um traço, tão forte e tão característico, ao esboço inicial e unilinear com que pretendemos traçar o perfil central da personalidade de Erasmo Linhares diríamos que ele é um Homem da Rádio Rio Mar.

Ao escrevermos isso estamos querendo dizer – sem qualquer intenção de menosprezo às outras valorosas Emissoras de Rádio do nosso Estado cujo trabalho, talvez hoje, nem tanto, mas que outrora foi marcado por um arrojo que bem pode ser adjetivado de heróico – que a Rádio Rio Mar e Erasmo Linhares formam um binômio inseparável e que tem caracterizado, nestes vinte e cinco anos de existência da Emissora, pelo esforço constante e sincero de oferecer um serviço cuja meta principal é a valorização do homem amazônico e que, por isso mesmo, tem fugido sempre às concessões fáceis – sempre e na medida em que em nossa realidade isso é possível – e que, por essa mesma razão, tem evitado – mesmo que isto lhe tenha custado (ao binômio) alguns (ou vários) sacrifícios – a descida ao plano dos programas que – intencionalmente ou não – procuram preservar um estado de espírito (ou de cultura?) que pode atrair maiores simpatias (Ibope) dos ouvintes das chamadas “camadas populares”, mas que de nada servem ou nada fazem, positivamente, para erguê-las do estado de letargia cultural em que se encontram, muitas vezes sob o infame pretexto de que “é disso que o povo gosta”.

Valorizar o homem é, antes de tudo, educá-lo. E educar, de acordo com o válido sentido etimológico da palavra, é levar, é auxiliar o indivíduo no processo de desenvolver as suas potencialidades e, desta forma, fazer com que ascenda (mais internamente do que externamente) de um estágio cultural mais inferior para um estágio cultural mais superior. Cremos que esta não é a ocasião de retomar a discussão sobre o conceito de cultura. E, para educar, é necessário que se conheça o educando – seus valores, suas deficiências, suas aptidões, seus limites, enfim, todas as suas dimensões humanas, bem como o contexto socioeconômico-cultural no qual ele vive e é.

E, se o Homem de Rádio deve ser um educador (e ele o é ou não é mais do que se pode calcular), há de ser, também, um conhecedor profundo do Homem em todas as suas dimensões humanas, profundas e superficiais.

Finalmente, Erasmo Linhares nos oferece o seu primeiro livro. Não é sem tempo, embora, saibamos que se já não o fizera antes, foi, entre outras razões, exatamente por falta de tempo, já que este, ele o dedica, quase exclusivamente, ao Rádio e, em particular, à Rádio Rio Mar que ele, carinhosamente, costuma dizer que é uma de suas filhas, para demonstrar o interesse e a dedicação que a ela devota, nestes seus vinte e cinco anos de lutas radiofônicas. Na verdade, há muito, Erasmo tinha esta dívida para com todos os que se dedicam ao cultivo ou ao estudo da literatura no Amazonas.

E o primeiro livro do Erasmo é um livro de contos, gênero que ele vem cultivando há muito tempo, mas, que, ou pelas razões acima indicadas ou por uma indevida e excessiva modéstia, ainda, não se dispusera a trazer a público. A não ser, esparsamente, em publicações em jornais.

Agora temos em mãos *O Tocador de charamela*. O autor, inicialmente, nos dá o sentido ou os sentidos da palavra “charamela” sendo o sétimo, o seguinte: “O mesmo que charanga (orquestra mais ou menos desafinada)”. E acrescenta: “É neste último sentido o título do livro”.

Pensamos que Erasmo Linhares ao nos dar esta explicação, reincide, mais uma vez, no pecado da sua excessiva humildade, querendo dizer que o seu livro, isto é, os seus contos, não têm a pretensão de serem obras-primas no gênero, mas que, em razão do seu pouco valor, o leitor não procure neles senão o som mais ou menos desafinado de uma charanga, de uma charamela.

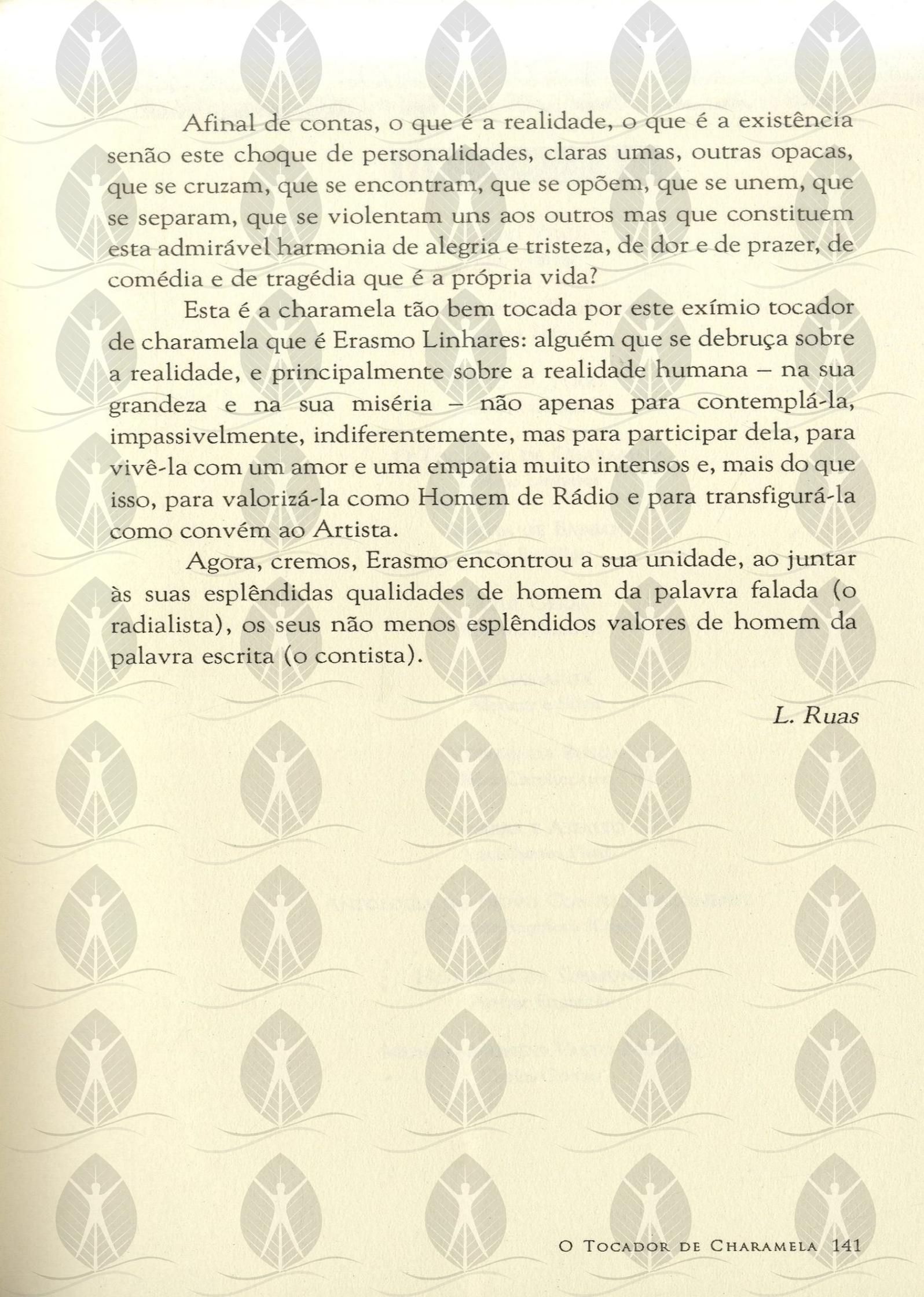
Excessiva humildade, repetimos. *O Tocador de charamela*, ao contrário, é um livro muito bem afinado. Esta afinação se confirma a começar pela unidade estrutural do livro como um todo que se divide em três partes.

A primeira, compreende a trilogia intitulada “Jogo de dados” e que constituem um monólogo-diálogo de dois presos (políticos?) no qual o jogo de dados nos é dado como uma alegoria da própria condição humana que é, paradoxalmente, imprevisível, lúdica, aleatória e, ao mesmo tempo, cerceada, enclausurada e fixada em suas limitações existenciais – umas, decorrentes da própria condição humana, outras, das condições sociopolíticas às quais o homem – o animal político de Aristóteles – está contingencialmente submetido.

Esta primeira parte do livro analisa (pode-se falar de análise em ficção?) em tons de reflexão (filosófica?) a situação humana em si mesma e tem como eco, ou como contraponto, a última e terceira parte que se compõe, também, de uma trilogia intitulada “Três Estórias da Terra”. Aqui, nesses três últimos contos, não mais encontramos o homem meditando, refletindo (filosoficamente) sobre a sua condição humana. Aqui, ele a vive. E vive-a dentro de uma realidade socioeconômica não menos limitadora, cerceadora e escravizadora do que a de uma cela de prisão: a realidade de uma vida, diminuída e desumanizada, vivida nas prisões dos seringais de outrora (?) que humilhavam e esmagavam os seres humanos que, apesar de tudo, ainda eram capazes de manter alguns dos seus aspectos lúdicos, como é o caso de “Zeca-Dama”.

É dentro destes dois limites – um que abre para a transcendência pela reflexão (“Jogo de dados”) e outro que se fixa na imanência pela vivência existencial (“Três Estórias da Terra”), que se situam os outros onze contos, que se abre o vasto painel no qual se harmonizam os tons e os meio-tons dos mais estranhos tipos e das mais diversificadas personalidades e situações.

Nos outros onze contos, de fato, surgem as mais díspares e, às vezes, fantásticas personagens e situações que, se aparentemente, são tão contrastantes, como é o caso de “O Tocador de charamela” e da grandeza e da nobreza de “Doña Morales” e que poderiam dar uma impressão de desafinação, constroem, ao invés, uma bela harmonia.



Afinal de contas, o que é a realidade, o que é a existência senão este choque de personalidades, claras umas, outras opacas, que se cruzam, que se encontram, que se opõem, que se unem, que se separam, que se violentam uns aos outros mas que constituem esta admirável harmonia de alegria e tristeza, de dor e de prazer, de comédia e de tragédia que é a própria vida?

Esta é a charamela tão bem tocada por este exímio tocador de charamela que é Erasmo Linhares: alguém que se debruça sobre a realidade, e principalmente sobre a realidade humana – na sua grandeza e na sua miséria – não apenas para contemplá-la, impassivelmente, indiferentemente, mas para participar dela, para vivê-la com um amor e uma empatia muito intensos e, mais do que isso, para valorizá-la como Homem de Rádio e para transfigurá-la como convém ao Artista.

Agora, cremos, Erasmo encontrou a sua unidade, ao juntar às suas esplêndidas qualidades de homem da palavra falada (o radialista), os seus não menos esplêndidos valores de homem da palavra escrita (o contista).

L. Ruas

COLEÇÃO
RESGATE

BARRO VERDE
Elson Farias

VARANDA DE PÁSSAROS
Jorge Tufic

VISGO DA TERRA
Astrid Cabral

O TOCADOR DE CHARAMELA
Erasmio Linhares

FRAUTA DE BARRO
Luiz Bacellar

AZUL GERAL
Ernesto Penafort

LUNAMARGA
Alencar e Silva

VITRAIS DA BUSCA
Max Carphentier

SOMBRA E ASFALTO
Antísthenes Pinto

ANTOLOGIA DO NOVO CONTO AMAZONENSE
Arthur Engrácio (Org.)

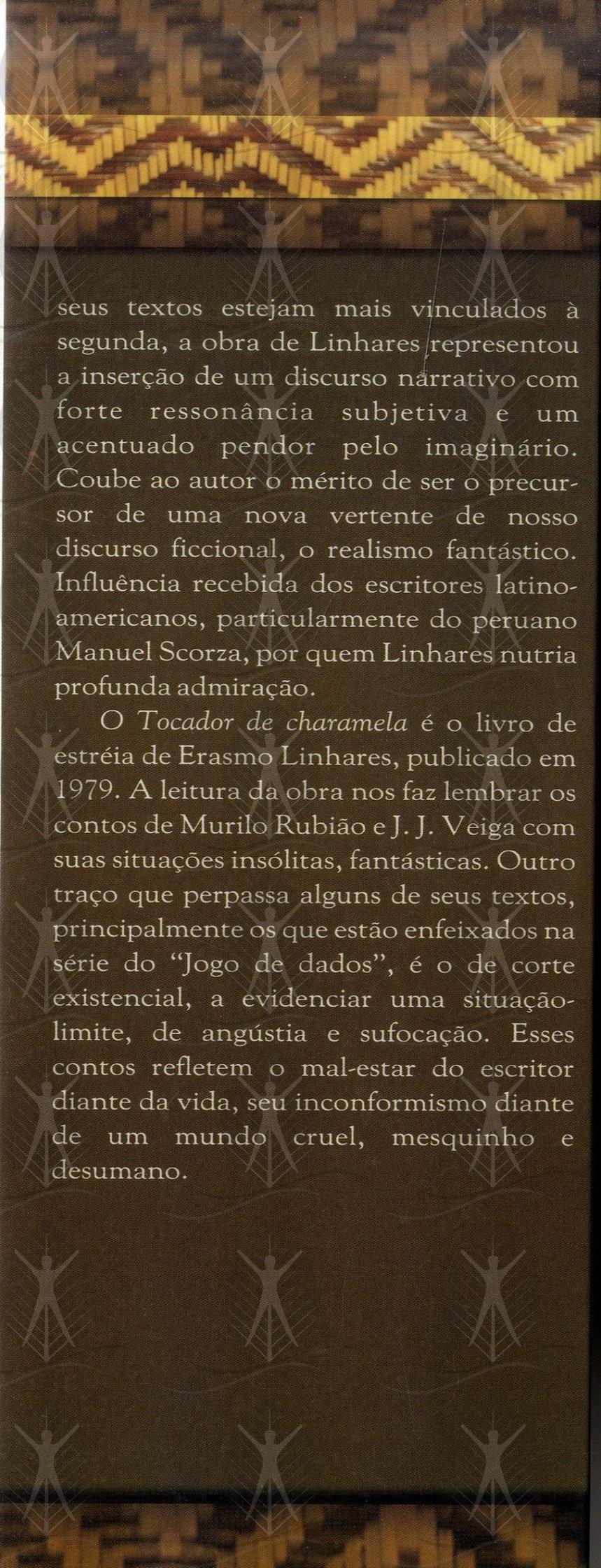
HISTÓRIAS DE SUBMUNDO
Arthur Engrácio

MUNDO MUNDO VASTO MUNDO
Carlos Gomes

Os livros que compõem a terceira etapa da Coleção Resgate são representativos da produção dos autores que participaram do Clube da Madrugada e ilustram as tendências, temas e preocupações humanas que marcaram a trajetória desse importante movimento cultural do Amazonas. Em reconhecimento pela inestimável contribuição para o enriquecimento de nosso patrimônio artístico, a Editora Valer e seus parceiros pretendem, com este gesto, homenagear os artistas e intelectuais que ajudaram a escrever esse capítulo fundamental da História do pensamento em nossa terra. É um trabalho expressivo de nosso compromisso com a civilização e um ato de amor às palavras, à literatura, à beleza e ao ser humano. Melhor dizendo: é uma celebração e uma homenagem ao Cinquentenário do Clube (que se comemora no dia 22 de novembro de 2004) e também um registro em prol da memória e um ato de resistência à ação corrosiva do tempo. Com isso, queremos deixar registrado o nosso reconhecimento ao esforço intelectual dos jovens que cometeram esse ato de ousadia e o nosso testemunho deste momento significativo em que se comemora os 50 anos de História do Clube da Madrugada. Este livro foi

impresso em Manaus, no
mês de novembro
de 2004, pela
gráfica Grafisa.
Silenciosa em seu
fluir imutável, a
vida germina no
ventre da noite o
sonho de um
canto novo, a ser
entoado pelos
poetas deste chão.
A madrugada
amanheceu e o
tempo se fez luz. Já
não somos mais os
mesmos. Que belo
milagre é a vida. E que a
promessa de um mundo livre,
justo, cheio de beleza e poesia se
cumpra. E que, junto com o pão, livros possam
ser servidos em todas as mesas: no café, no almoço e no jantar.

TENÓRIO TELLES



seus textos estejam mais vinculados à segunda, a obra de Linhares representou a inserção de um discurso narrativo com forte ressonância subjetiva e um acentuado pendor pelo imaginário. Coube ao autor o mérito de ser o precursor de uma nova vertente de nosso discurso ficcional, o realismo fantástico. Influência recebida dos escritores latino-americanos, particularmente do peruano Manuel Scorza, por quem Linhares nutria profunda admiração.

O *Tocador de charamela* é o livro de estréia de Erasmo Linhares, publicado em 1979. A leitura da obra nos faz lembrar os contos de Murilo Rubião e J. J. Veiga com suas situações insólitas, fantásticas. Outro traço que perpassa alguns de seus textos, principalmente os que estão enfeixados na série do “Jogo de dados”, é o de corte existencial, a evidenciar uma situação-limite, de angústia e sufocação. Esses contos refletem o mal-estar do escritor diante da vida, seu inconformismo diante de um mundo cruel, mesquinho e desumano.

Cá estamos, meu caro doutor Alfredo, atordoados com a luz. Pássaros cativos atônitos com a súbita liberdade. Quê somos nós? Ou melhor, quem somos nós? Limões espremidos gomo por gomo e atirados ao lixo, quando observaram que pouco restava a extrair. Agora temos de traçar nossos rumos. É imperioso que nos desalumbremos. De uma coisa podes estar certo, querido e jovem amigo: do passado pouco nos será dado reassumir. Sobretudo no teu caso particular, porque és um incurável idealista e os idealistas sempre padecem mais com a morte das ilusões.



FUNDAÇÃO
REDE AMAZÔNICA

UniNorte
Centro Universitário do Norte

Rymo
PRIMO DA AMAZÔNIA



ISBN 85-7512-159-6

9 798575 121596



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA